



Brincadeiras
tradicionais
mantêm a infância
longe das telas

Praças,
parques
e áreas
esportivas
são espaços
saudáveis para
as crianças.

Página 6

NA PARAÍBA

Sentimento de exaustão afastou eleitor das urnas

Paraibanos veem políticos distantes da realidade das ruas. **Página 13**



Foto: Julio Cezar Peres

Campina Grande celebra 162 anos de emancipação política

■ Município consolidou-se como um dos principais polos industriais e tecnológicos do interior do país.

Página 5

■ Comemoração conta com *shows* de Geraldo Azevedo, Camerata Parahyba, Mayana Neiva e outros artistas.

Página 12

■ Confronto entre Treze e Campinense tornou-se um símbolo da rivalidade esportiva na Rainha da Borborema.

Página 21

■ Surgimento da cidade está historicamente ligado à presença de populações indígenas na região, como os tarairiús.

Página 25

Edição especial traz capa em braille e texto em fonte maior

Formato acessível foi pensado para atender pessoas cegas ou com baixa visão, em reportagem que reúne depoimentos sobre os desafios para quem tem deficiência.



Airbnb movimentou mais de R\$ 1,6 bi, em 2025, na capital paraibana

Crescimento do mercado de aluguel por temporada consolida o negócio como fonte de renda para proprietários de imóveis.

Página 17

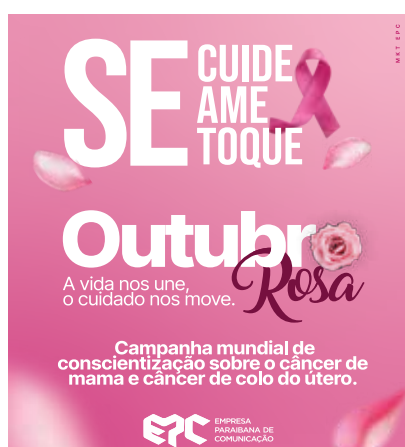


Foto: Julio Cezar Peres



Abelhas garantem manutenção da biodiversidade

Insetos são responsáveis pela polinização — processo que fertiliza as flores e permite a reprodução de aproximadamente 70% do total de plantas que são cultivadas no Brasil.

Página 20

■ “Vivi um universo que se bastava em Campina Grande, que continua me tendo em espírito na praça (...), ao lado de uma casa fantástica, hoje no imaginário, o Cine Capitólio”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Tendência objetificante do método mecanicista reduz a conduta humana a leis universais e padrões matemáticos abstratos, despojando a existência de sua dimensão espontânea”.

Klebber Maux Dias

Página 10

■ “Processo ágil retira um obstáculo; não cria mercado (...). A pergunta que me interessa como economista não é quantas empresas abriram, e sim quantas continuarão abertas em 2029”.

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

Editorial

Nova Inquisição

Neste mundo, no qual muitos começam a vislumbrar feições cada vez mais distópicas, o “trágico” remodela-se como um ser que não dá sinais de esgotamento, enquanto espécie metamórfica que a cada dia surpreende a própria condição humana — da qual é filha natural —, por conta dos impressionantes sentidos e formas que adota. O “terrível” supera suas conceituações e ensombra e assombra o planeta.

Diante do hercúleo esforço, despendido ao longo dos séculos, por homens e mulheres, por iniciativas próprias ou associadas a instituições públicas e privadas, para tentar perpetuar no papel os gêneros de conhecimento produzidos pela reflexão, pela fantasia ou pelo infinito exercício prático da vida, quem imaginaria que um complexo ente comercial e tecnológico iria se transformar em um devorador de livros?

Pelo que se sabe, é o que estão fazendo grandes empresas internacionais de tecnologia e inteligência artificial. As chamadas “big techs”, a exemplo da estadunidense Anthropic, compram uma quantidade colossal de obras, inclusive raridades, cortam-lhes as lombadas, aparam e escaneiam suas páginas, gravam seus conteúdos em quase inesgotáveis memórias digitais, depois queimam ou picotam as montanhas de papel.

O que farão os robôs das novas e revolucionárias tecnologias digitais com o conhecimento literário, técnico e científico criminosamente extraído dos livros posteriormente destruídos? Que versões de um romance serão vendidas aos consumidores de produtos quando contaminados pela inteligência artificial? Que novos sentidos impregnarão poemas que cruzaram os mares da história, para narrar epopeias universais aos pósteros?

Muitos não se surpreenderiam se, qualquer dia desses, o martelo de um intransigente juiz de uma já imaginável Suprema Corte Revisionista batesse duramente na cabeça do planeta, determinando que, a partir dessa ou daquela data, todas as bibliotecas públicas e privadas fossem destruídas pelo fogo ou pelas lâminas da insensatez. “Para que livros, se se tem as redes sociais?”, diria o recalitrante e exaltado negacionista.

Os livros contam mais que as histórias impressas em suas páginas. Suas concepções gráficas também proporcionam leituras extraordinárias. A condição física das obras, com as marcas deixadas pelo tempo, traças e proprietários, deleita bibliófilos profissionais ou diletantes. Destruir livros é uma espécie de Nova Inquisição, em cujas fogueiras ardem os personagens que fizeram a humanidade compreender melhor a si própria.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Pensar é um ato de liberdade

Pensar é uma das mais profundas manifestações da liberdade humana. Não me refiro apenas à capacidade de formular ideias ou emitir opiniões, mas à disposição de interogar a realidade, questionar as verdades estabelecidas e buscar, para além das aparências, a compreensão do mundo e de nós mesmos. Pensar verdadeiramente é recusar a condição de mero espectador da existência. É assumir a responsabilidade de construir a própria consciência, sem entregar a terceiros o poder de determinar aquilo em que devemos acreditar.

Vivemos num tempo em que somos permanentemente convocados a pensar, mas nem sempre estimulados a refletir. A quantidade de informações que recebemos diariamente não significa, necessariamente, que conheçamos melhor a realidade. Entre o acontecimento e a nossa compreensão dele, existe um espaço que precisa ser preenchido pela reflexão, pela dúvida e pelo exercício da razão. É nesse espaço que se revela a importância do discernimento, essa capacidade de ultrapassar a superfície das coisas para alcançar aquilo que permanece oculto sob as aparências.

A manipulação mais eficiente é aquela que não se apresenta como imposição, mas como convicção pessoal. Quando alguém consegue introduzir em nossa consciência uma ideia sem que percebamos sua origem, seus interesses ou suas intenções, passa a exercer sobre nós uma forma silenciosa de domínio. É assim que nascem as massas de manobra. Pessoas que, acreditando defender suas próprias convicções, acabam servindo a interesses que desconhecem. Reproduzem discursos, compartilham informações e combatem adversários sem se perguntarem de onde vêm as ideias que abraçam, a quem elas beneficiam ou quais consequências podem produzir. Tornam-se instrumentos de uma vontade alheia, convencidas, paradoxalmente, de que estão exercendo a própria liberdade.

Essa reflexão adquire uma dimensão política quando compreendemos que a liberdade de uma sociedade depende, em grande medida, da autonomia intelectual de seus cidadãos. A democracia não se sustenta apenas no direito de escolher representantes, mas na capacidade de fazer escolhas conscientes. Onde o pensamento

crítico desaparece, a manipulação encontra espaço; onde a consciência se submete ao fanatismo, o autoritarismo encontra aliados; onde as pessoas renunciam à reflexão, a liberdade pode ser destruída até mesmo com o consentimento daqueles que deveriam defendê-la. Ser livre, portanto, não significa apenas estar livre de proibições ou poder manifestar opiniões. Significa também não ser escravo das próprias ilusões, dos preconceitos herdados ou das ideias que nos são impostas disfarçadas de verdades incontestáveis

Pensar é um exercício permanente de emancipação. É romper as correntes invisíveis que nos prendem às certezas alheias, recusar a comodidade de aceitar tudo sem questionamento e assumir o difícil compromisso de procurar a verdade, mesmo quando ela contraria nossas expectativas. É compreender que a consciência não deve ser território ocupado por interesses estranhos, mas espaço de permanente construção, onde a razão dialoga com a experiência e a dúvida mantém abertas as portas do conhecimento. No fundo, a grande batalha pela liberdade começa dentro de cada um de nós. Pensar é um ato de liberdade porque quem pensa por si mesmo não entrega a ninguém o domínio absoluto de sua consciência

“

Quem pensa por si mesmo não entrega a ninguém o domínio absoluto de sua consciência

Opinião

Foto Legenda

Carla Miranda



Anoitecer no Açude Velho

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Campina: não dá para esquecer

Nestes dias, não conto as vezes que desejo sair sozinho, pegar o ônibus na rodoviária e descer na Praça Clementino Procopio, de Campina, só para sentar comigo mesmo, à sombra das poucas árvores que restam a encarnar dois tempos opostos, ora dois extremos, ora unidos, como produtos um do outro. Já disse, numa crônica antiga, que Campina Grande tem muito a ver com “o sítio que anda comigo”. Meu sítio ficava a cinco ou seis léguas, mas era como se Campina fosse estrangeiro, de onde vinham as coisas sempre boas que ficavam longe, da manteiga da vaquinha de Minas no pasto às peças do motor, todos os motores, o relógio na parede, a máquina Singer e outras tantas inglesias aqui aportadas desde a colônia até ser substituída pelo império americano.

Criado sozinho, eu vivia disso. Depois veio a monotonia do internato que eu fazia a diferença com a leitura de Lobato, desde *Urupês*, com a retificação do retrato caipira do seu Jeca Tatu: “Perdoa, pois, pobre opilado”. Eu me acompanhava do que lia e só lia o que me animasse o coração ou me animasse a força de vontade.

Mas foi numa cantoria, duelo entre um tal Amorim do Ceará e Lourival Batista, dos sertanejos que pernoitavam lá em casa em demanda da rapadura e da farinha, que a força silenciosa do livro me dominou ou seduziu. A palavra batizada de “poética”, capaz de produzir emoções ou de afogues multidoes. Palavras como as que ouvi na Praça da Bandeira, Zé Américo contra Argemiro no pleito histórico de 1950. Ou palavras da “Salve Rainha” declamadas no altar da pequena capela das Vitórias por Dona Antonina nos terços rezados para moradoras e as nossas vizinhas.

Jovem atraído por esse fermento, foi ele que me fez arcar e soprar com as ladeiras da vida, desde a do Riachão às da colina onde afinal me situei. Vivi um universo que se

“

Meu sítio ficava a cinco ou seis léguas, mas era como se Campina fosse estrangeiro, de onde vinham as coisas sempre boas

bastava em Campina Grande, que continua me tendo em espírito na praça que me valeu de plataforma ao lado de uma casa fantástica, hoje no imaginário, o Cine Capitólio.

Para mim, nada saiu do lugar. O escritor Virgínius da Gama e Melo continua à porta da Petrópolis, remotamente aberta com o garçom a equilibrar a bandeja da “teutônia” entre as mesas e a inveja dos que aceravam na calçada, Jackson do Pandeiro entre eles. A Fruteira existe, a Livraria Pedrosa, a Flórida com o seu sorvete “ra.i.nha” a desafiar o tempo no céu de nossas bocas.

Foi naquela mesma praça que, a 11 de outubro de 1964, recém-saído do sanatório Clementino Fraga, destituído de minhas principais conquistas na imprensa e no serviço público, fui me reaver ou recobrar ânimo sob os mesmos ares e estimulantes da esperança. Naquele desamparo, cheguei cedinho, dali subi até a Catedral da Conceição e o incenso veio me alcançar na porta como numa solidariedade de coroinhas.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

EDUCA SERPENTES

Projeto mostra o valor dos animais para o ecossistema

Professor da UFPB desenvolve ações junto a estudantes sobre educação ambiental

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Um dos animais mais temidos da natureza, a cobra costuma causar terror por onde passa, mas muito desse medo é fruto de desinformação, conforme explicou o professor da Universidade Federal da Paraíba, Frederico França. Há mais de 25 anos trabalhando com ecologia de serpentes, ele decidiu criar, em 2019, o projeto Educa Serpentes, com o objetivo de educar as pessoas sobre esses animais e sua importância para o ecossistema.

“Sempre me chamou a atenção a quantidade de mitos e informações equivocadas que existem sobre esses animais. É muito comum ouvirmos histórias como a da ‘cobra que mama’ ou a de que ‘a cascavel come milho para formar o chocalho’, além de ideias como a de que todas as serpentes são perigosas, que todas são peçonhentas ou que são animais naturalmente agressivos. Esses mitos são transmitidos de geração em geração e contribuem para uma visão muito negativa das serpentes e, frequentemente, para que esses animais sejam mortos simplesmente por serem encontrados próximos às pessoas”, contou.



Fotos: Frederico França/Arquivo pessoal

Projeto é apresentado em feiras de ciências, exposições e outros eventos escolares e universitários

De fato, a redução do habitat natural desses animais, principalmente devido ao desmatamento e às construções próximas a ambientes de mata, faz com que muitas vezes eles apareçam em residências e áreas urbanas. A Polícia Ambiental da Paraíba registrou, de janeiro a agosto deste ano, 1.906 ações de resgate de animais silvestres. Não há uma estatística específica para serpentes, mas a capitã Gimena afirmou que as jiboias são o tipo que mais aparece nos chamados. Matar animais silvestres é crime e a orientação ao se deparar com um bicho desses é acionar a polícia para o resgate.

No projeto Educa Serpentes, Frederico desenvolve, junto com estudantes

bolsistas e voluntários, oficinas, exposições, jogos, materiais didáticos e diversas ações de educação ambiental. “Embora nossas atividades não sejam exclusivas para o ambiente escolar, as escolas constituem uma parte muito importante do público do projeto. Desenvolvemos atividades para diferentes faixas etárias, desde crianças da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental até estudantes do Ensino Médio e universitários. A linguagem, os materiais utilizados e a duração das oficinas são adaptados de acordo com a idade e com o perfil de cada público. Também participamos de feiras de ciências, exposições, eventos de educação ambiental e atividades realizadas junto a comunidades e áreas rurais”, contou o professor.

Ele explicou que o projeto começou com uma atuação muito concentrada no Litoral Norte da Paraíba, especialmente nos municípios próximos ao Campus IV da UFPB, em Rio Tinto. Entretanto, nos últimos anos, a atuação vem se ampliando. “Temos recebido convites para desenvolver atividades em outras regiões, incluindo João Pessoa e Bananeiras, e também estabelecemos parcerias que têm possibilitado levar as ações do Educa Serpentes para fora do estado, como ocorre atualmente em Goiás”, disse.

Nas ações, o grupo conversa sobre a enorme diversidade das serpentes, onde elas vivem, do que se alimentam, como se locomovem, como se

reproduzem e qual é o papel que desempenham nos ambientes naturais. “Também mostramos as principais diferenças entre os grupos de serpentes, discutimos quais espécies podem causar acidentes e trabalhamos informações sobre prevenção de acidentes ofídicos e sobre a forma correta de agir caso um acidente aconteça. Um dos pontos mais importantes é mostrar que a maioria das interações entre pessoas e serpentes não precisa resultar na morte do animal. Procuramos substituir o medo baseado em mitos por conhecimento, respeito e atitudes mais seguras”, afirmou Frederico.

Segundo ele, a importância das serpentes é enorme e vai muito além do que normalmente as pessoas imaginam. “Ecologicamente, as serpentes participam de diferentes níveis das redes alimentares. Elas são predadoras de uma grande diversidade de organismos, incluindo roedores, anfíbios, lagartos, aves, peixes, invertebrados e até outras serpentes. Ao mesmo tempo, também são alimento para aves de rapina, mamíferos, outros répteis e diversos outros predadores. Isso significa que elas participam de numerosas interações ecológicas e ajudam a regular populações de outros animais. Em ambientes naturais e agrícolas, essa predação pode contribuir para o controle de populações de animais que podem causar prejuízos às plantações ou atuar como reservatórios de doenças”, explicou.



Estudantes aprendem sobre a importância dos animais

Venenos contribuem para a farmacologia

Existe ainda uma importância enorme para a ciência e para a medicina. Os venenos ou peçonhas das serpentes são misturas extremamente complexas de moléculas biologicamente ativas, e o estudo dessas substâncias já contribuiu para avanços importantes na farmacologia. “Um dos exemplos mais conhecidos é o captopril, medicamento amplamente utilizado no tratamento da hipertensão. Seu desenvolvimento foi inspirado em estudos realizados com peptídeos presentes na peçonha da jararaca brasileira, *Bothrops jararaca*. É um exemplo extraordinário de como o estudo de um animal muitas vezes temido pelas pessoas pode resultar em benefícios para milhões de seres humanos”, contou o professor.

Frederico destacou que as pesquisas continuam. Moléculas encontradas em peçonhas de diferentes espécies vêm sendo investigadas como possíveis modelos para o desenvolvimento de novos fármacos. “Um exemplo são as mambalginas, peptídeos descobertos na peçonha da mamba-negra e estudados experimentalmente por seu potencial analgésico. Outros componentes das peçonhas também são investigados em pesquisas relacionadas a processos inflamatórios, coagulação sanguínea, infecções, cicatrização e diferentes doenças. É importante destacar que muitas dessas aplicações ainda estão em fase de pesquisa. Mas elas mostram algo fundamental: quando uma espécie desaparece, podemos perder não

apenas uma parte do ecossistema, mas também moléculas, informações biológicas e possibilidades científicas que talvez nem tenhamos descoberto ainda”.

Como convidar

As escolas, instituições ou organizadores de eventos que tenham interesse em receber uma oficina do Educa Serpentes podem entrar em contato pelo Instagram @educa.serpentes, que também serve como uma plataforma de divulgação científica. “A partir daí avaliamos a atividade e a logística necessária. Em algumas situações, recebemos os grupos no Laboratório de Ecologia Animal da UFPB, no Campus IV, em Rio Tinto; em outras, nossa equipe se des-

loca até as escolas, comunidades ou eventos, levando os materiais utilizados nas oficinas”, disse Frederico.

Cobra x serpente

As duas palavras são usadas de forma cotidiana para se referirem ao mesmo tipo de animal. Cientificamente, porém, “serpente” é o nome da subordem que engloba todos os répteis escamados e sem membros, como jiboias, sucuris, corais e cascavéis. Já “cobra” refere-se a um gênero específico de animais da África e da Ásia, como as najas. Há ainda as víboras, termo específico usado para designar um grupo de serpentes peçonhentas da família Viperidae, como jararacas e cascavéis.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O pai novo

Há dias que a gente acorda achando que sabe quem é. Aí um menino de oito anos nos desarma com uma pergunta e descobrimos que não sabíamos nada. Foi assim com Rafael.

Eu vinha de um casamento que terminou, mas que me deixou os melhores presentes que a vida poderia dar: minha filha Maria Eduarda, hoje mulher feita, e minha neta Ana Laura, que me chama de vovô com aquela vozinha que derrete qualquer um. Quando o casamento acabou, pensei que minha história de pai já estava escrita, com começo, meio e fim. Engano meu. A vida é generosa com quem tem paciência de esperar.

Foi então que Nélida apareceu, trazendo consigo dois filhos: Pedro e Rafael. Pedro já é adolescente, desses que contestam tudo, que questionam o poder vigente da casa, que acham que sabem mais que todos nós juntos. Adolescente sendo adolescente, com aquela rebeldia que é, no fundo, uma forma de pedir colo. E Rafael, ah, Rafael... uma criança esperta, engraçada, cheia de malandragem, desses que a gente olha e já vê o homem que vai ser, mas torce para que a infância dure mais um pouco.

Eles eram órfãos de pai. Essa frase, dita assim, seca, parece simples, mas carrega um peso que só quem vive sabe. Eu não fui chamado para substituir ninguém. Fui chamado para ocupar um espaço que estava vazio, mas que nunca deixaria de ser deles. E foi aí que Rafael me encurralou pela primeira vez.

Lembro como se fosse hoje. Estávamos no início do relacionamento, tudo ainda era novo, cauteloso, cada um medindo as palavras. Ele me olhou com aqueles olhos que pareciam enxergar mais fundo do que deviam e perguntou: “Posso lhe chamar de pai?” Como segurar as lágrimas diante de uma pergunta dessas? Respondi que sim, com a voz embargada, e ele me abraçou. Daquele dia em diante, passei a ser o “pai novo”, é assim que ele me apresenta aos amigos da escola. Não é pai, nem padrasto. É pai novo. Uma categoria inventada por uma criança que entendeu, antes de mim, que família não é sobre sangue, mas sobre escolha.

Esses dias, pela manhã, antes de ir para a escola, logo cedo, quando o mundo ainda está meio sonolento, ele me abraçou e disse baixinho: “Nunca vou lhe esquecer quando você morrer”. Fiquei sem palavras. Retribuí o abraço e ficamos ali um instante, dois corpos dizendo o que a boca não sabia. Depois ele completou: “Queria que meu outro pai, o que faleceu, estivesse aqui também”. Fiquei sem saber o que dizer. Apertei-o mais forte e disse que as pessoas partem, faz parte das coisas. Ele retribuiu o abraço e disse: “É a vida”. Me deu um beijo e se foi para a escola, como se a vida lhe tivesse dado mais um pai para jogar bola ou amarrar o cadarço.

Fiquei parado na porta, olhando o portão se fechar. A vida me deu uma filha, uma neta, e agora dois filhos que não são meus, mas são. Pedro me testa todos os dias, e eu entendo: ele está me pedindo para ficar, mesmo quando parece querer que eu vá embora. Rafael me abraça e me pergunta coisas que eu não sei responder, e eu entendo: ele está me pedindo para não desistir, mesmo quando as respostas não vêm.

A nova paternidade não é sobre assumir um papel pronto. É sobre construir um papel novo, com cimento fresco, todos os dias. É sobre aceitar que o amor não é automático, mas se faz na repetição dos gestos pequenos: o café da manhã, a carona, a bola que se chuta sem jeito, o abraço que se dá sem saber se é permitido. É sobre entender que essas crianças trazem uma história que não é a minha, mas que agora se entrelaça com a minha.

Ele tem o presente dele, eu tenho o meu. O presente dele é uma mãe que o ama, um irmão que o provoca, um pai que partiu cedo demais e um pai novo que chegou sem manual. O meu é uma filha que cresceu, uma neta que me chama de vovô, e dois meninos que me chamam de pai novo, como quem inventa uma palavra nova para um sentimento que ainda não tinha nome. E assim a vida mostra seus caminhos encantados.

Talvez a maior lição da nova paternidade seja essa: a de que a gente nunca está pronto. A gente só está presente. E, às vezes, estar presente é tudo o que uma criança precisa para não ter medo do futuro. Rafael me ensinou isso. E eu, com toda a minha experiência de pai antigo, só pude aprender.



Foto: Leonardo Ariel

Tatiana Cunha

Escritora e estudante de Medicina

“Eu quero viver tudo que há para viver”

Escritora fala sobre maternidade, a paixão pela escrita e a escolha de seguir a vida sem deixar-se resumir pelo câncer

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

“Temos todo o tempo do mundo”, cantou Renato Russo em “Tempo perdido”, música da Legião Urbana que brinca com a ideia de que o tempo nos pertence. Antes de o câncer entrar em sua vida, Tatiana Cunha também tinha essa sensação e fazia planos como quase todo mundo, acreditando que, se não desse hoje, haveria sempre amanhã. “A gente sempre acha que tem a eternidade plantada dentro da gente”, diz. Para ela, porém, foi preciso encarar a possibilidade de que o tempo não fosse tão abundante quanto imaginava para aprender a vivê-lo de outra maneira. Em 2021, o diagnóstico de câncer de mama mudou sua relação com o futuro e, principalmente, com a própria vida.

Neste Outubro Rosa, a história de Tatiana ajuda a ampliar uma conversa que começa pela importância do diagnóstico precoce, mas não termina nele — e nem deve. Como ela prefere dizer, ao conviver com a doença, entendeu que há muitas camadas nessa experiência. Com o câncer, vieram a quimioterapia, a mastectomia e, mais tarde, a metástase, mas ela não permitiu que a vida parasse naquilo que a doença roubou. Bacharel em Direito, mestre em Sistemas Agroindustriais e ex-gestora de uma instituição financeira pública, Tatiana também casou-se, viu a filha crescer, tornou-se estudante de Medicina e passou a escrever mais, a exemplo do livro *Dançando na chuva: a arte de celebrar nas tempestades*, lançado em 2025 ao lado da amiga Nélida Campos.

É com essa bagagem que ela refuta a imagem da “guerreira” que precisa parecer forte o tempo inteiro. Em vez disso, fala de medo, transformação e da liberdade de viver a doença à própria maneira. Talvez seja por isso que sua resposta ao tempo pareça tão simples quanto urgente. Na entrevista a seguir, Tatiana não fala em recuperar o tempo perdido, mas em reconhecer que a “mulher de antes” simplesmente mudou — e para melhor.

Entrevista

■ *Quem era Tatiana Cunha antes do diagnóstico de câncer de mama, em 2021?*

Eu costumo dizer que o ser humano não lida bem com a finitude. Ele acha que tem a eternidade plantada dentro dele, que nada vai acontecer. E eu era uma pessoa como todas as outras. Tinha meus sonhos e desejos, mas sempre acreditando que teria mais tempo. Só que, quando a gente é confrontado com um diagnóstico de terminalidade, percebe que não é bem assim. Eu sempre digo que nós, pacientes oncológicos, passamos por uma coisa que chamo de “iluminação”. É entender que não somos eternos, que precisamos ser felizes hoje e ajustar nossos sonhos conforme a caminhada. Porque, de repente, você tem um sonho que não é mais possível. Mas sonhos diferentes não significam sonhos menores.

■ *O primeiro sinal apareceu em um exame de rotina. Como aconteceu o diagnóstico?*

Todos os anos, eu fazia os exames médicos periódicos pelo banco onde trabalhava. Como estava com mais de 40 anos, recebi a guia da mamografia e fui lá fazer. A médica, então, disse: “Estou vendo um nódulo aqui, mas, pelas características, acho que não é nada de mais”. E aí me pediu para passar por uma mastologista, mas sem tanta pressa. Então coloquei esse exame na gaveta e passei três meses rodando com esse laudo esquecido. Estava tranquila. Era um nódulo não palpável. Só sentia algo, um choquezinho, quando dormia em cima do peito, como se alguma coisa estivesse me furando. Um tempo depois, entrei de férias e planejava fazer uma viagem com Arlindo, na época meu namorado. Aí peguei meu exame e marquei com a primeira mastologista que apareceu

no catálogo. Cheguei lá “toda linda e loura”, preparada para um exame comum e com viagem marcada, e ouvi dela que aquilo “tinha muita cara de um prognóstico ruim”. Não sei dizer o que senti. Até hoje, quando recebo algumas notícias do tipo, tenho a sensação de que tudo sai do chão. Gravidade zero, sabe? A médica disse que não iria mais viajar e que precisava fazer uma biópsia logo. Depois veio a confirmação de que a doença estava no estágio 3, mas ainda não metastática. Só me lembro de Arlindo olhando para ela e perguntando se ficaria tudo bem.

■ *O que mudou na sua vida a partir daquele momento?*

Fiz quimioterapia para reduzir o tamanho do tumor e tornar a cirurgia mais efetiva. Em seguida, passei pela mastectomia total do lado direito e por 25 sessões de radioterapia. Nunca pensei que morreria de câncer. Pelo contrário, acreditava que o tratamento daria certo. Meu médico sempre disse que sou altiva e positiva. Inclusive, esse foi o maior *plot* da minha vida. Quando terminei o tratamento e fiquei boa, não queria mais nenhum contato com o universo oncológico. Via uma mulher falando de câncer e pensava: “Não mais. Quero seguir com minha vida”. Achava que faria meu tratamento e retomaria minha vida de onde parei. Só depois que percebi que, para mim, isso não seria mais possível.

■ *Na época, sua relação com Arlindo estava bem no início. O câncer afetou o namoro?*

Eu tinha acabado de encontrar o amor da minha vida. A gente tinha só quatro meses de namoro quando recebi o diagnóstico. No dia, falei: “Um tratamento de câncer não é uma coisa bonita. Eu estou lhe dando sua carta de alforria. Vá, você é

um elfo livre”. Mas ele disse que ficaria ao meu lado e que passaríamos por isso juntos. Fiz o tratamento, fiquei inchada e careca, mas não queria me casar daquele jeito. Então esperamos eu melhorar e meu cabelo crescer um pouco. O casamento aconteceu em 2023 e estamos juntos até hoje.

■ *Como foi lidar com o luto pela mulher que você deixou de ser?*

É um processo horroroso. Você se transforma muito rápido. Eu sempre digo isso, que existe o luto pela mulher que você deixou de ser. E esse luto é um processo eterno. Ainda tenho no meu armário roupas de quando pesava 45 kg, de antes do tratamento, que não consigo jogar fora. Sempre fico pensando que voltarei a ser aquela mulher. Acho que isso faz parte desse apego inconsciente que a gente tem. Quando disseram que eu ia perder o cabelo, no mesmo dia comecei a pesquisar vídeos de amarração de lenços. Mas o luto viria com o tempo. Acabou que não perdi o cabelo, mas tomei a decisão de raspar. Quando comecei a quimioterapia e os tufos começaram a cair, tentava arrumar o cabelo para tapar os buracos. Foi em um domingo comum, na ida ao supermercado, que senti como se houvesse uma seta enorme apontando para mim, como se as pessoas estivessem me olhando. E não estavam. Eu que não estava bem emocionalmente porque via o cabelo caindo em todo lugar, como se minha vida estivesse indo pelo ralo. Aí pedi para meu marido raspar meu cabelo — e ele raspolo dele também. No começo, a gente ficou se achando demais. Éramos um casal de carecões estilosos. Só que, com o tratamento, sua imagem vai ficando totalmente diferente. Meu corpo mudou muito e engordei 13 kg. Além disso, a mastectomia foi muito traumatizante. Eu tive rejeição da prótese e, como estava com queimadura radioterápica, precisei ficar mais de um ano mastectomizada. Havia até um espaço negativo no meu tórax. Acho que comecei a me recuperar quando consegui fazer a reconstrução. Aí comecei a me sentir mais eu.

■ *Sua filha tinha 12 anos quando você adoeceu. Como foi ser mãe nesse período?*

Converso bastante com a minha filha. Mas tenho a impressão de que, pelo fato de sempre ter lidado bem com a situação, Luana acha que ter câncer é como ficar gripado. Quando diz que a mãe tem câncer, acho que não entende o peso disso. Ela sofreu mais pela adaptação às mudanças: foi tirada da cidade em que viveu a vida toda, da escola onde estudou por anos, e depois veio morar em João Pessoa. Tudo isso foi muito difícil. Ao mesmo tempo, como naquele período eu ainda não fazia faculdade nem trabalhava, buscava ela na escola e estava sempre em casa. Nesse sentido, fortaleci nosso laço. Mas tem aquela coisa: quando nasce uma mãe, nasce a culpa. E não sei se a culpa foi minha por não ter sido, desde o início, tão clara com ela sobre a gravidade da situação. Só que eu tam-

bém nunca quis gerar pânico. Não queria que ela passasse a adolescência pensando: “Será que vou perder minha mãe?”.

■ *A Medicina era um sonho antigo?*

A Medicina tinha sido um sonho da adolescência. Inclusive, meu primeiro vestibular foi para Medicina. Só que a vida abriu outros caminhos e eu fui entrando por essas portas. E aquilo ficou guardado. Quando fiz 40 anos, já tinha me proposto a mudar de carreira. Em 2019, comecei a estudar para o Enem [Exame Nacional do Ensino Médio] de novo, mas sabia que isso exigiria mais tempo. Prestei em 2020 e, no ano seguinte, me tornei paciente oncológica. Mas sempre digo que minha “queda” foi para o alto. Nesse período, me tornei estudante em tempo integral, sem me preocupar mais com clientes e metas. Então pensei: “Vou meter o aço”. E comecei a estudar. Passei em 2023, casei-me e até mudei de cidade. Como a minha nota só dava para o Rio Grande do Sul, decidi encarar essa mudança.

■ *Em 2023, você descobriu uma metástase óssea. Como recebeu esse segundo diagnóstico?*

Foi um drama. Fazia meus exames periódicos a cada seis meses e, naquele período, como estava de férias, fiz a bateria em João Pessoa, despretensiosamente. A minha intenção era levar os resultados para Porto Alegre e seguir acompanhando por lá. Mas aí apareceu a lesão óssea e meu mundo caiu pela segunda vez. Voltei para João Pessoa como uma paciente metastática grau 4, sem cura. E você pensa logo: “Quanto tempo tenho de vida?”. É como uma cebola: as verdades vão vindo em camadas. E aí você entende que precisa aprender a controlar suas emoções e reconhecer que existem coisas que não podem ser mudadas. Nos últimos tempos, por exemplo, estava vivendo uma fase ótima. Minha lesão óssea tinha sido cauterizada. Porém, mais recentemente, fiz uma ressonância magnética de crânio, como quem vai a um piquenique na floresta, e apareceu uma lesão no cerebelo. E meu mundo desabou novamente. Meu médico já está organizando um novo protocolo e terei, sim, efeitos colaterais mais pesados em comparação ao tratamento anterior. Mas, assim, no cemitério, mana, também não vejo ninguém se sentindo bem, né? Então faz parte. Vai aparecendo coisa, e a gente vai remendando, até quando for possível.

■ *Conviver com uma doença metastática mudou sua relação com o tempo?*

Com certeza. Eu quero muito que dê tudo certo, que eu tenha uma longa vida com o câncer. Mas não sei o que vai acontecer, se vou me formar, se terei um consultório. Então eu preciso ser feliz hoje e quero o rolê completo, com professor esquentando o juízo da gente e eu me matando de estudar para as provas. Quero viver tudo que há para viver. Poderia até ficar triste e me esconder, mas prefiro agir diferente. Escolho sempre a leveza.

■ *Você é paciente e estudante de Medicina. Uma experiência interfere na outra?*

Sou paciente todos os dias e, quando vejo um, também me enxergo nele. Obviamente, se não quero que ele sinta algo, não vou agir nesse sentido. É assim que procuro influenciar meus colegas. Precisamos criar médicos humanos. Mais do que qualquer outra habilidade que eles possam adquirir na faculdade, a principal delas é esse olhar. Você não pode tratar o paciente como se fosse um objeto, sem qualquer envolvimento emocional. Tenho estudado para me tornar a melhor médica que posso ser.

■ *A escrita já fazia parte da sua vida antes do livro Dançando na chuva? Que espaço ela ocupa hoje?*

Eu sempre gostei de escrever. Tive até uma coluninha no Facebook em que escrevia as crônicas da “minha nada mole vida”. Todo dia tinha uma história nova. Fiz até uma coletânea, um livrinho de crônicas, que ainda não publiquei. Sempre procuro me relacionar com o mundo por meio da escrita. E não escrevo só sobre o câncer. Afinal, também sou mãe, esposa, estudante de Medicina. E não posso ser resumida a uma militante, embora eu também seja militante. Com Nélida [amiga com a qual escreveu o livro], quis trazer à tona algo que sempre me inquietou. Como viver com um paciente metastático, sabendo que ele pode ir embora a qualquer momento, e não enlouquecer? A gente sempre ouve o paciente oncológico, mas ninguém ouve o companheiro. As minhas conversas com Nélida me ajudaram muito a me entender dentro desse universo. No momento, estou escrevendo o romance *Te amarei até te abandonar*, um trabalho que é bem desafiador para mim. Estou mais ou menos na metade dele. É baseado na estatística do Inca [Instituto Nacional de Câncer] que diz que 70% das mulheres em tratamento oncológico são abandonadas pelos companheiros. Ouvi relatos impressionantes, mas não queria fazer um livro só de relatos. Então transformei essas pacientes em personagens e criei um enredo no qual elas se encontram. É uma temática forte, invisibilizada, e acho que é uma conversa da qual a gente não pode mais fugir.

■ *Que mensagem você gostaria de deixar?*

Acho que, neste Outubro Rosa, a mensagem da prevenção não pode deixar de ser dada, até porque ela salva vidas. Mas precisamos tirar a paciente oncológica desse pedestal de heroína em que a sociedade a colocou. Acho horrível essa ideia de que “você é uma guerreira, uma supermulher”. E aí a mulher que está doente, sem vontade de sair e que não se arruma para tirar foto para o Instagram, parece estar fazendo alguma coisa errada. Existem muitas formas de lidar com sua condição. E quem deve decidir isso é você. É comum ouvirmos que alguém perdeu a batalha contra o câncer. Mas não somos amazonas nem estamos em guerra. É uma luta? Sim. Mas não lutamos apenas contra a dor.

CAMPINA GRANDE

Cidade reina em tradição e inovação

Hoje, Rainha da Borborema celebra 162 anos de emancipação política, cultura popular e desenvolvimento tecnológico

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com



Campina Grande é reconhecida, no Nordeste e em todo o Brasil, como um importante centro de inovação e tecnologia. Tida como o “Vale do Silício do Nordeste”, a cidade possui uma sólida tradição na produção científica e na formação de pesquisadores — e celebra, hoje, 162 anos de emancipação política. Esse destaque reflete-se em cursos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como Engenharia Elétrica e Ciência da Computação, que alcançaram a nota máxima na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), concedida a programas que demonstram excelência acadêmica em nível internacional.

Além de consolidar-se como um dos principais polos industriais e tecnológicos do interior do país, Campina, também chamada de “Rainha da Borborema”, abriga mais de 1.500 indústrias e concentra cerca de 22% de todo o parque industrial da Paraíba, segundo dados do Observatório da Indústria da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiepb). Ao mesmo tempo, o município destaca-se pela riqueza de suas manifestações culturais e artísticas, pela qualidade de vida e pela valorização das tradições e da história popular, características que re-

forçam sua identidade e relevância no cenário regional e nacional.

Um exemplo dessa preservação histórica está nos edifícios e estabelecimentos comerciais localizados, sobretudo, no Centro de Campina. No local, é possível encontrar um dos maiores conjuntos arquitetônicos de *art déco* do país. Edifícios como o Anézio Leão, que hoje abriga a Biblioteca Municipal Félix Araújo, além das ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e a Monsenhor Sales são artigos físicos da história campinense.

Segundo o historiador Jefter Porto, nas décadas de 1930 e 1940, o então prefeito da cidade, Vergniaud Wanderley, demoliu centenas de casarões e prédios históricos, visando trazer uma estética “moderna” — ideias respaldadas fortemente pelas elites algodoeiras da época. “Hoje, o Centro Histórico é tombado e considerado um dos maiores acervos em *art déco* do mundo, mas isso não impediu perdas. O próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba [Iphaep] já denunciou demolições clandestinas feitas de madrugada e em fins de semana. Por outro lado, temos a Estação Velha, que virou o Museu do Algodão e o *art déco* do Centro ainda está de pé. Ou seja, Campina preserva hoje o que sobrou do que ela mesma decidiu derubar”, afirma.

Os moradores e a história

Mestre em História pela UFCG, Jefter começou a produzir conteúdo nas redes



Centro de Campina Grande abriga um dos maiores acervos de *art déco* do mundo, fruto de uma modernização estética promovida nas décadas de 1930 e 1940

sociais sobre a história de Campina após perceber que muitos alunos desconheciam pontos importantes da formação da cidade. “As pessoas conhecem algumas partes, como a história do São João, do trem e até de alguns políticos e personagens marcantes, como João Carga D’água, Cristiano Lauritzen ou Ronaldo Cunha Lima. Mas muitos estudantes sabem mais sobre Revolução Francesa do que sobre o lugar em que moram”, lamenta.

O desejo de compartilhar com mais pessoas os conhecimentos adquiridos na universidade veio depois da

conclusão do mestrado. “A recepção me surpreendeu. Os posts sobre Campina, a Paraíba e o Nordeste são justamente os que mais engajam, e o comentário que eu mais leio é: ‘Eu morava aqui e nunca soube disso’”, conta o historiador, que hoje soma cerca de 200 mil seguidores em suas redes sociais.

Um desses pontos pouco conhecidos pelos campinenses é a representatividade por trás da sua emancipação, ocorrida em 11 de outubro de 1864, data em que Campina Grande foi elevada à condição de município. No entanto, desde 1790, a cidade já

possuía uma forte autonomia política, jurídica e legislativa.

“A autonomia de Campina veio ainda no século 18. Em 1790, Campina foi elevada à categoria de vila, processo que teve a atuação de Paulo de Araújo Soares. Ele argumentava que a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, *status* que Campina Grande tinha na época, deveria ser elevada a vila, pois era próxima do Brejo, tinha farinha em abundância e estava na

estrada que ligava ao Sertão. No dia 20 de abril de 1790, o pelourinho, símbolo da autonomia jurídica e legislativa, foi erguido na praça central. O nome oficial da nova vila era ‘Vila Nova da Rainha’, em homenagem a Dona Maria I. Tornando-se vila, o local ganhou Câmara de Vereadores, o direito de cobrar impostos, fazer leis, de ter juiz, pelourinho e cadeia. O título de cidade era, praticamente, honorífico”, explicou Jefter.

Polo científico demonstra vocação vanguardista campinense

Há quem diga que a Rainha da Borborema é uma cidade enxerida, tornando-se município antes de ser de fato um e sendo polo tecnológico muito antes de a tecnologia ser um ativo financeiro, inovador e desenvolvimentista como é atualmente.

A ousadia de Campina Grande pode ser exemplificada pela trajetória perseverante do engenheiro Linaldo Cavalcanti, que sonhava em criar uma instituição de Ensino Superior na cidade. Esse objetivo concretizou-se em 1954, com a inauguração da Escola Politécnica da Paraíba. Anos depois, Linaldo estabeleceu uma nova meta: adquirir um computador para a instituição. Para isso, mobilizou a sociedade campinense e promoveu a venda de rifas, conseguindo viabilizar a iniciativa. Em 1968, a Escola Politécnica de Campina Grande recebeu o primeiro computador das regiões Norte e Nordeste do Brasil, marcando um momento importante para o desenvolvimento científico e tecnológico da região.

Ao destacar a importância desse legado, Nadja Oliveira, diretora adjunta da Fundação Parque Tecnológico da Pa-



Parque Tecnológico foi fundado em 1984 e abriga incubadoras de novas empresas do estado

raíba (PaqTcPB) e pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ressaltou a visão dos pioneiros para o desenvolvimento da cidade. “Se hoje conseguimos gerar desenvolvimento tecnológico, é porque teve pessoas que nos antecederam e que foram muito visionárias e vanguardistas”, celebra.

Nadja também ressalta que os avanços atuais, como a chegada de um computador quântico, são resultado dos sonhos e iniciativas de quem

abriu caminhos no passado. Segundo ela, Linaldo buscou conhecimento internacional e trouxe para Campina professores de diferentes países, como Índia e Holanda, há cerca de 50 anos. Atualmente, esse movimento é fortalecido pelo apoio de agências de fomento, leis de incentivo e pelo Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SINCTI). “Não é à toa que atraímos estudantes de todo o Brasil para nossas universidades. Somos, de fato, um celeiro e uma referência na-

cional e internacional na formação em ciência e tecnologia”, concluiu.

O PaqTcPB, fundado em 1984, é uma importante ponte para aliar a produção científica e acadêmica de Campina ao empreendedorismo e industrialização regional. É no local que estão algumas das principais incubadoras do estado, responsáveis por fortalecer e acelerar o desenvolvimento de novas empresas, oferecendo consultorias técnicas na área.

“É muito importante que

a educação e a inovação caminhem juntas. Queremos continuar desenvolvendo uma formação de qualidade, mas que os resultados disso não fiquem apenas dentro das universidades. Vimos a importância disso durante a pandemia, vimos o protagonismo recente das pesquisas de detecção de metanol em bebidas. O que almejamos é tirar essas pesquisas da universidade e gerar nota fiscal, empreendedorismo e mercado de trabalho para pessoas com alta qualificação”, detalhou a diretora do Parque Tecnológico.

Para ela, Campina Grande vive um momento de boas perspectivas para o setor. “Estamos com um ecossistema mais maduro, conseguindo trabalhar de forma mais integrada. As pós-graduações estão mais consolidadas e diversas. É um período promissor, principalmente, porque temos investimentos públicos. Quem investe e arrisca na inovação é o setor público”, declarou Nadja.

Já para o historiador Jefter Porto, a Rainha da Borborema continuará a fazer o que sabe melhor: se reinventar. “Essa é a marca dela. Campina nasceu como pouso de

tropeiros e feira de gado, virou empório do algodão, depois polo industrial e hoje é referência em universidade e tecnologia. Em nenhum desses momentos, ela dependeu de ser capital. Sempre cresceu pela posição, pelo comércio e pela teimosia do nosso povo”, finalizou.



O que almejamos é tirar essas pesquisas da universidade e gerar nota fiscal e mercado de trabalho

INFÂNCIA VIVA

Brincadeiras de rua resistem às telas

Hábito é fundamental para a saúde física e emocional das crianças, além de desenvolver autonomia e sociabilidade

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Corriqueira até o século passado, a rotina de brincadeiras e socialização no espaço público, como em praças, calçadas e até em ruas menos movimentadas, começou a ficar cada vez menos intensa, principalmente no início dos anos 2000. Hoje, o “brincar na rua” é algo raro. Ainda é possível, contudo, encontrar crianças que não deixaram de lado o ato de se divertir fora de casa, como observa o jornal **A União** nesta véspera do Dia das Crianças.

Em alguns bairros da capital, elas ainda estão ocupando mais as praças públicas, o espaço em frente às casas e escolas e campinhos de futebol. Quem passa, por volta das 16h30 de uma terça-feira, na Praça Doutor Lauro Wanderley, no bairro Oitizeiro, em João Pessoa, pode ver em uso um espaço livre para o divertimento das crianças da vizinhança. No local, os meninos, em especial — alguns recém-saídos da Escola Estadual Cidadã Integral Cônego Nicodemus Neves, que fica em frente à praça —, jogam bola, andam de bicicleta e brincam nos balanços.

Nicolas Gabriel, de oito anos, é uma dessas crianças. “Gosto de correr, brincar de bola e andar de bicicleta”, afirma. O menino mora perto do local e aproveita o ambiente para pedalar e encontrar co-



No fim das tardes, diferentes meninos ocupam a Praça Doutor Lauro Wanderley, em Oitizeiro, para andar de bicicleta, jogar bola e divertir-se nos balanços



Fotos: Carla Miranda

legas da mesma faixa etária.

Conforme evidencia a psicopedagoga Patrícia Vasconcelos, o ato de brincar é fundamental para o processo de desenvolvimento infantil, contribuindo para a saúde física e

emocional e podendo acontecer em diferentes espaços: na rua, na praça, no parque, no condomínio ou até mesmo no quintal de casa. “Além da atividade física normalmente envolvida, os momentos de divertimen-

to podem melhorar o senso de dimensão espacial e estimular habilidades motoras, percepção e reflexo”, explica. Já emocionalmente, as crianças começam a entender como resolver pequenos problemas e a lidar

com frustrações, por meio de tentativa e erro, competindo de forma saudável.

“É também uma oportunidade para explorar espaços e construir relações com outras crianças”, afirma Patrícia.

“Durante as brincadeiras, o aprendizado pode surgir de forma lúdica, levando a criança a desenvolver criatividade, autonomia e capacidade de lidar com regras e desafios”, acrescenta.

Pais devem equilibrar proteção e liberdade

Nícolas frequenta a escola no período da manhã e, à tarde, sai para brincar na praça em Oitizeiro, depois de fazer o dever de casa do dia, seguindo as orientações da mãe. “Eu sempre tenho que voltar antes das 18h”, conta a criança.

A segurança é uma preocupação que sempre passa pela mente de pais e responsáveis. O ajudante de construção civil William Alves Nascimento observa de perto, sempre que pode, o campo de futebol onde dois de seus netos e alguns filhos de vizinhos jogam bola. “É importante a diversão deles, mas é preciso ter cuidado também, acompanhar”, opina o avô.

Apesar das exceções, historicamente, as crianças, em sua maioria, passaram a se afastar das ruas de forma gradual, devido a uma combinação de fatores sociais e estruturais. “Hoje, muitas famílias, especialmente por questões de segurança, acabam oferecendo ambientes mais controlados para os filhos”, comenta Patrícia.

O crescimento urbano, o aumento do número e do tráfego de veículos e o avanço da tecnologia, por exemplo, transformaram o dia a dia infantil, transferindo-o para uma combinação que incorpora os ambientes domésticos, escolares e outros espaços “entre paredes”, com

maior supervisão. “Parques e áreas de lazer em condomínios são alternativas importantes, mas não substituem completamente a experiência de ocupar espaços públicos e conviver com diferentes pessoas e realidades. Atualmente, vê-se até mesmo um movimento de ruas sendo fechadas para eventos culturais, feirinhas, corridas, o que favorece momentos de socialização e troca”, exemplifica a psicopedagoga.

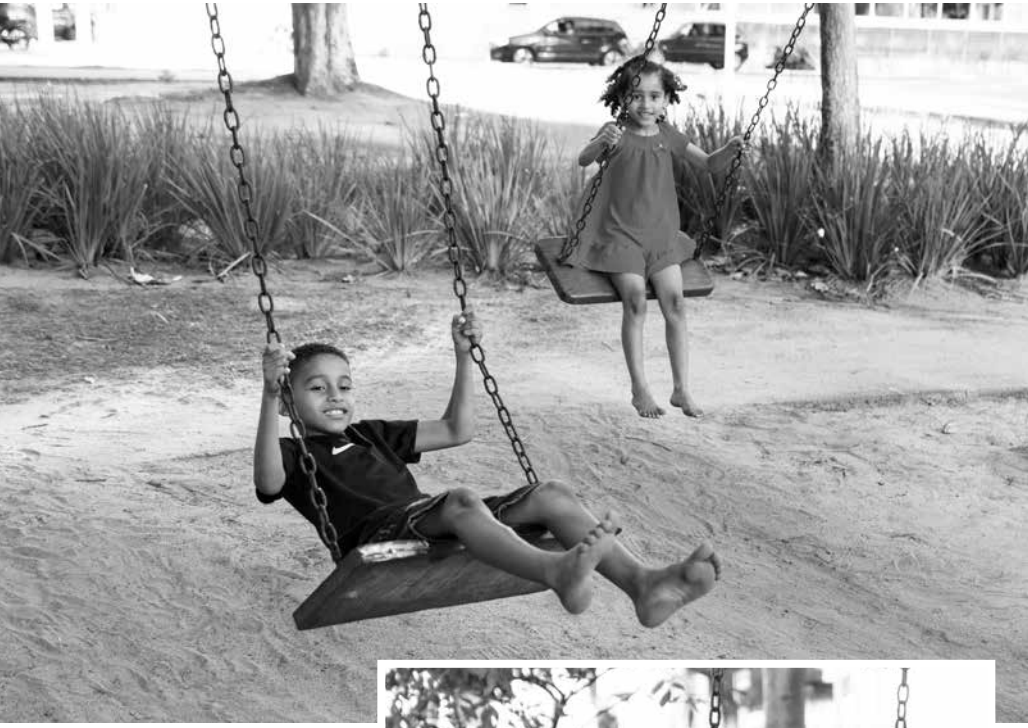
Patrícia destaca a importância de buscar um equilíbrio entre proteção e liberdade, permitindo que a criança tenha experiências de autonomia dentro de limites seguros. “Para os pais que têm receio, o ideal é começar aos poucos, escolhendo espaços conhecidos e adequados à faixa etária, estabelecendo sempre combinados e acompanhando a criança”, recomenda.

O adulto responsável deve estar atento às dinâmicas e às possíveis situações de risco, mas essa presença não precisa significar controle constante. “É benéfico que esse adulto também participe, brinque, incentive e permita que a criança explore”, evidencia Patrícia. Assim, a presença adulta pode ser, ao mesmo tempo, uma referência de segurança e uma companhia afetiva na brincadeira.

Momento para desconexão é essencial

Outro ponto levantado por Patrícia é que a tecnologia, a *internet* e os dispositivos móveis fazem parte da vida das famílias — e seu uso, apesar de inevitável, também deve acontecer com supervisão e equilíbrio. “É fundamental, nesse contexto, que pais e responsáveis busquem garantir que as telas não ocupem todo o tempo e o interesse das crianças”, avalia. “Criar momentos de desconexão, com brincadeiras, atividades ao ar livre, leitura, esportes e convivência familiar amplia o repertório infantil e mostra que existem muitas outras formas para se divertir e aprender”, recomenda a psicopedagoga.

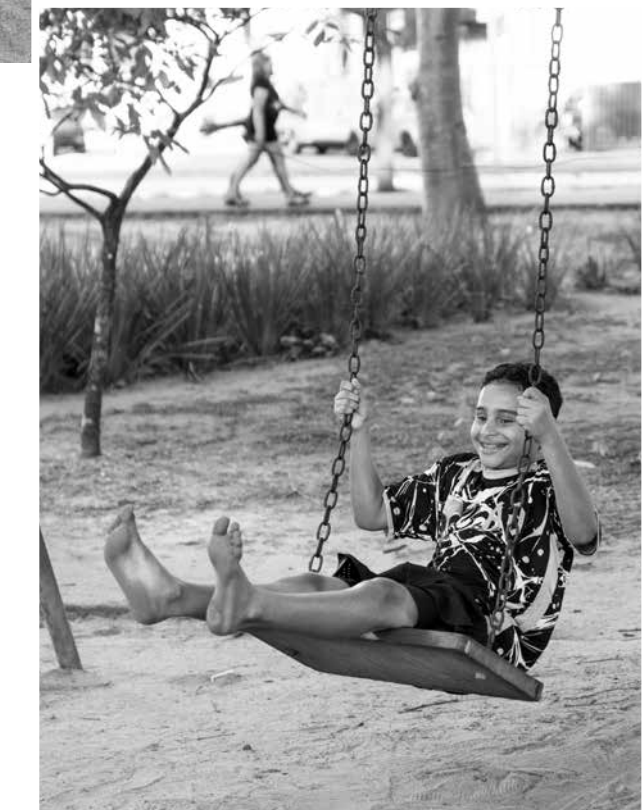
Mãe de Emily, de sete anos, Everton, de nove anos, e Ezequias, que tem 12 anos, Erlany Morais busca proporcionar aos três filhos uma infância mais ativa, dinâmica e o mais desconectada possível. “Sempre estímulo meus filhos a brincar. Eu os levo e acompanho nos passeios, seja em parquinhos, lanchonetes ou na praia. Para mim,



Os irmãos Ezequias (ao lado), Emily e Everton (acima) são incentivados pela mãe a brincar em locais públicos e a interagir com outras crianças

é importante que eles fiquem longe da tela do celular, porque vejo que tem muitos conteúdos na *internet* que não são adequados para as crianças. Acho importante que eles participem de brincadeiras saudáveis, interagindo com outras crianças e aprendendo enquanto se divertem”, compartilha Erlany.

“Entendemos que brincar é um direito da criança e pode acontecer em qualquer espaço”, afirma Patrícia Vasconcelos. O que faz a diferença, de acordo com a psicopedagoga, é que esse espaço seja seguro, que exista um adulto responsável por perto e, princi-



palmente, que essa presença não seja apenas de vigilância, mas também de participação e parceria. “Mais do que proteger as crianças de to-

das as experiências, precisamos criar condições para que elas possam explorar, brincar, aprender e crescer com autonomia”, conclui.

MARMITAS

Uso saudável requer o material certo

Aquecer refeições de forma segura exige recipientes adequados; especialistas indicam cuidados sobre armazenamento

Henrique Toscano
henritosca06@gmail.com

Na pressa do dia a dia, tornou-se comum a utilização de potes de plástico para esquentar comida fora de casa. Contudo, o costume requer atenção, seja para levar a marmita para o ambiente de trabalho, seja para outras finalidades de uso. Quanto às precauções que possibilitam a conservação adequada dos alimentos, as orientações são diversas.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) exige, a propósito, que embalagens e recipientes destinados ao uso em aparelhos de micro-ondas informem explicitamente essa aplicação (como “próprio para micro-ondas”). Plásticos que não passam por testes de migração química — a transferência de matéria de um material de embrulho para alimentos ou bebidas — não podem ser indicados para aquecimento.

Jéssica Soares de Queiroz, professora de Química e técnica em controle ambiental, explica que a maioria dos plásticos é formada por polímeros — grandes estruturas moleculares moldadas sob calor. Para que esses materiais ganhem características como flexibilidade ou rigidez, a indústria adiciona



Fotos: Roberto Guedes

Escolha do vasilhame deve considerar as informações do fabricante; em alguns casos, há risco de contaminação da comida por substâncias químicas

compostos químicos, sendo o mais conhecido o bisfenol A — também conhecido como “BPA” —, além dos ftalatos.

“Quando aquecemos um alimento em um recipiente plástico, pode acontecer a migração de algumas substâncias presentes nesse ma-

terial para o alimento. Esse é o grande risco do aquecimento, pois o calor quebra as ligações químicas dos polímeros, fazendo com que migrem diretamente para a comida. Algumas dessas substâncias são estudadas por sua possível interferência no sistema hormonal”,

esclarece a especialista, alertando para os riscos da ingestão de certos elementos. “Compostos como o bisfenol podem atuar como disruptores endócrinos, ou seja, podem interferir no funcionamento normal do sistema hormonal”, reforça.

Jéssica observa que, mais

do que afirmar que todo plástico oferece risco, o importante é reduzir as exposições desnecessárias e utilizar cada recipiente de acordo com a finalidade para a qual foi produzido, conforme as orientações do fabricante, já que existem materiais desenvolvidos especialmente para

o contato com alimentos e para determinadas condições de aquecimento. “Como professora de Química, acredito que o mais importante é compreender que não precisamos ter medo do plástico, mas saber qual plástico estamos utilizando e de que maneira”, pontua.

Nem todo vidro pode ir ao micro-ondas

Existem recipientes plásticos próprios para o aquecimento de alimentos no forno elétrico. Um exemplo bastante utilizado é o polipropileno (PP), frequentemente associado ao número 5 no símbolo de reciclagem.

“É muito comum as pessoas olharem apenas para esse número dentro do símbolo de reciclagem e pensarem: ‘Se é esse número, então pode ir ao micro-ondas’. Mas não é tão simples assim. O número identifica apenas o tipo de plástico e não garante que o recipiente possa ser levado ao aparelho. Na hora da compra, o consumidor deve procurar a indicação específica de que a vasilha é adequada para ser usada nele. Isso está presente na embalagem ou no próprio produto”, indica Jéssica Queiroz.

De acordo com a professora de Química, também é importante não confundir essa indicação com o selo BPA Free, que significa apenas que o produto vendido não contém bisfenol A. “Além disso, recipientes muito riscados, deformados ou desgastados devem ser substituídos. A principal orientação é: não escolher [o pote] apenas pelo número do plástico, mas verificar se o recipiente é próprio para aquecimento e utilizá-lo conforme as sugestões do fabricante”, ressalta.

Nesse sentido, os vasilhames de vidro são apontados como uma excelente opção para aquecer alimentos, principalmente porque



Professora recomenda evitar mudanças bruscas de temperatura, que podem quebrar o material

Finalidade

Certos potes descartáveis são desenvolvidos para suportar o aquecimento, outros são destinados apenas ao transporte ou à refrigeração

são feitos de um material bastante estável, que não possui a mesma composição das peças em plástico. Quem utiliza o micro-ondas com frequência para se alimentar pode ver nessa variedade uma alternativa interessante. “No en-

tanto, precisamos tomar alguns cuidados”, salienta Jéssica. “Não é porque o pote é de vidro que pode ir ao micro-ondas. É importante verificar se ele é próprio para esse tipo de aquecimento e evitar mudanças bruscas de temperatura, que podem provocar um choque térmico e até quebrá-lo”, frisa a especialista.

Adotando as devidas precauções na escolha dos recipientes de vidro, aqueles que preparam a própria comida e mantêm o hábito de deixar as refeições organizadas para toda a semana podem adquirir alguns desses potes como uma solução prática em seu cotidiano.

Delivery

Alguns serviços de entrega de alimentos vendem marmitas prontas em vasi-

lhas de plástico descartáveis. A professora também recomenda cuidado a respeito desses produtos.

“O fato de a marmita ser vendida pronta em uma embalagem plástica não significa automaticamente que aquela embalagem possa ser levada ao micro-ondas. Existem potes descartáveis desenvolvidos para suportar o aquecimento, assim como há aqueles destinados apenas ao armazenamento, ao transporte ou à refrigeração. [Diferenciá-los] é um cuidado simples, mas fundamental. Afinal, quando falamos de alimentos, não estamos preocupados apenas com a qualidade e o sabor da comida, mas também com o recipiente que está entrando em contato com ela durante o aquecimento”, especifica Jéssica.

Alimentos aquecidos não devem ser recongelados

Como se sabe, o congelamento de alimentos preserva seus nutrientes, mas as vitaminas — como a C e as do complexo B — começam a se degradar lentamente, após um período de três a seis meses de estocagem. “No aquecimento, o micro-ondas é o método que mais preserva os nutrientes, por ser rápido e usar pouca água. Contudo, é necessário uma observação: segundo normas sanitárias, o alimento nunca deve ser recongelado depois de ser aquecido”, orienta a nutricionista Rita de Cássia de Araújo Bidô.

Como aponta a profissional, considerando características como a quantidade de água e a composição dos alimentos, nem todos eles são indicados para acondicionamento e congelamento. “Os indicados são carnes, feijão, ensopados, molhos e vegetais firmes — passados por choque térmico. Quanto aos não recomendados: batatas cozidas, pois ficam esfareladas, e folhas ou vegetais ricos em água — como alface, tomate e pepino —, que perdem totalmente a textura”.

Já quanto à forma segura de transportar as marmitas para locais como o trabalho, por exemplo, a nutricionista sugere: “No trajeto, o transporte deve ser feito em bolsa térmica com gelo reutilizável, para evitar que o alimento fique na ‘zona de perigo’ (acima de 5 °C), na qual bactérias se multiplicam rapidamente. Ao chegar ao destino, guarde-a imediatamente na geladeira. No que diz respeito ao aquecimento, mesmo que o pote seja

de plástico próprio para isso, o ideal é transferir a comida para um prato de vidro ou cerâmica antes de ligar o micro-ondas”.

Atenção na rotina

Todos os sábados, a funcionária pública Layce Pontes, de 31 anos, prepara as marmitas da semana para levar ao trabalho. No cardápio, feijão, arroz e verduras estão entre as opções. “Mesmo sabendo que não é o recomendável, utilizo vasilhas plásticas. Porém, estou tentando trocá-las pelas de vidro, já que as coloco no micro-ondas”.

Ela revela que também fica atenta ao acondicionamento da alimentação. “Deixo-a no congelador, em uma temperatura adequada, e a transporto em uma bolsa térmica. Passei por uma experiência de ter deixado a comida numa outra parte da geladeira, por um período de tempo além do que costume, e tive um mal-estar após consumi-la”, relata.

“**O transporte [da marmita] deve ser feito em bolsa térmica com gelo. Ao chegar ao destino, leve-a à geladeira**

Rita de Cássia Bidô

11 de outubro
Campina Grande
162 ANOS

A nossa Rainha da Borborema celebra mais um aniversário com orgulho!

**Sua história pulsa no ritmo do progresso e na força cultural que faz o
coração do Nordeste bater mais forte!**

**É tempo de reverenciar a grandeza da sua gente e celebrar as
conquistas dessa terra única e acolhedora.**

***Parabéns,
Campina Grande, por
mais um capítulo
dessa trajetória
brilhante!***



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



Os seis romancistas da lista:
Maria Eliete da Costa (1), Erika Trindade (2), Lucimário Augusto da Silva (3), Caio Beltrão (4), Paulo Henrique da Silva (5) e Tarcísio Pereira (6)



Fotos: Divulgação



LITERATURA

Narrativas de fôlego



Conheça os seis autores que publicarão romances pela Editora A União por meio do edital da Política Nacional Aldir Blanc

Renata Escarião
Especial para A União

Seis escritores paraibanos foram selecionados no edital da Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba (Secult-PB) para a publicação de obras no gênero romance, em parceria com a Editora A União. Os livros selecionados apresentam diferentes trajetórias, narrativas, estilos e perspectivas, reunindo histórias que ajudam a retratar a diversidade da produção contemporânea paraibana.

Com a proposta de revelar e reconhecer novos talentos, além de estimular a criação e a circulação de obras de escritores da Paraíba, a iniciativa, fundamentada na Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), amplia as oportunidades para autores do estado e contribui para a valorização da produção literária paraibana.

Entre os selecionados estão escritores que apostam em histórias marcadas por experiências pessoais, questões sociais, históricas e diferentes perspectivas sobre o cotidiano. Mais do que o reconhecimento aos autores, a seleção representa a oportunidade de transformar projetos literários em livros e aproximar novas narrativas dos leitores.

Foi isso que a premiação significou para Erika Trindade, autora estreante com o romance *Malaika*. Ela começou a escrever a história em 2021 e abandonou porque não queria dar mais visibilidade ao sofrimento negro. Mesmo diante do desafio de escrever no celular, por não ter computador, quando retomou o projeto sob outra perspectiva, percebeu a potência do que havia produzido e encontrou no edital a oportunidade perfeita para fazer suas palavras chegarem aos leitores.

“Eu não queria ser mais uma pessoa que dá voz ao sofrimento, mas repensei e conclui que existia um potencial

muito grande na história. Eu acreditei que poderia ser uma história muito profunda, que poderia proporcionar também o seu lado positivo. Dei muita visibilidade para a ideia do axé, dos orixás, reforçando a força das mulheres dentro do axé. E quis realmente protagonizar mulheres, os corpos femininos. Fiquei com receio de falar sobre minha visão religiosa, a minha vivência também enquanto mulher negra LGBT. Mas quando terminei o *Malaika*, eu pensei: ‘caramba, que história importante!’. E precisava encontrar um meio para que ela chegasse ao público”, conta Erika.

A narrativa traz Malaika como personagem principal, fruto do amor entre uma mulher preta e um potiguara. Também é sobre a emancipação dos negros e indígenas no Nordeste, “sobre o amor entre duas mulheres, o amor das yabás, sobre ser e cruzar nossa existência, sobre quem nunca mais irá tolerar a maldição supremacista”, explica a autora.

O *Cristo de quatro pregos* também é o primeiro livro de Caio Beltrão. Ele apresenta uma história na qual a imagem de um Cristo, que há séculos permanece imóvel sobre a cruz de uma igreja no interior da Paraíba, abre os olhos em uma manhã qualquer. Pela primeira vez, ele sente o peso do próprio corpo, a violência dos três pregos que o atravessam e a dor de existir. Então os arranca, abandona a cruz e sai. Não para salvar o mundo, mas para conhecê-lo. Durante pouco mais de um dia, a personagem atravessa ruas, quilombos, feiras, praças, casas, comunidades, crenças e corpos, descobrindo uma humanidade muito diferente daquela que durante séculos rezou diante de sua imagem.

O autor comenta que o livro não segue exatamente uma forma convencional. “Ele é simbólico, metafórico, em alguns momentos excessivo, visceral,

quase delirante. Há passagens que se aproximam de uma oração e outras que quase poderiam ser lidas como blasfêmia. Há ternura e brutalidade coexistindo o tempo inteiro”.

Caio diz que o romance deriva de uma crônica que escreveu em 2013 e que permaneceu com ele por mais de uma década. Ficou guardada, reapareceu, mudou, cresceu. “Talvez porque a história ainda não estivesse pronta. Talvez porque eu também não estivesse. Agora ela sai da gaveta. E talvez essa seja uma das coisas mais bonitas e mais assustadoras desse primeiro livro: permitir que uma escrita que durante tantos anos existiu apenas entre mim e o silêncio aceite, finalmente, o risco de encontrar outras pessoas”.

Para Maria Eliete da Costa, a seleção do seu romance de estreia *12 fatos em foco* foi um sinal para não desistir, já que achava que jamais conseguiria publicar e dar visibilidade a uma temática importante e atual para ela, que é a imparcialidade na mídia. A autora ressalta que, inspirado em fatos, o livro acompanha, de janeiro a dezembro, coberturas jornalísticas as quais expõem a ausência de imparcialidade por trás das notícias divulgadas.

“É um romance sobre a máquina de contar histórias e as pessoas que ficam moídas dentro dela. Sobre o preço de segurar um microfone. E sobre o momento em que um repórter decide que não vai mais caber no molde das emissoras”, esclarece a autora, que afirma que o edital não foi só uma oportunidade de publicação, “foi uma oportunidade de existência literária. Sem ele, *12 fatos em foco* continuaria sendo apenas um arquivo no meu computador”.

Maria enfatiza que apesar de o livro falar de forma forte sobre temas como imparcialidade na mídia, o maior desafio foi trazer características humanas e de caráter para o persona-

OS ROMANCES SELECIONADOS

- *12 fatos em foco*, de Maria Eliete da Costa (de Monte Alegre, RN)
- *Bica dos milagres*, de Paulo Henrique da Silva (de Santa Rita)
- *Malaika*, de Erika Trindade (de João Pessoa)
- *O imperador e o rio*, de Lucimário Augusto da Silva (de Pilar)
- *Teodósio*, de Tarcísio Pereira (de João Pessoa)
- *O cristó de quatro pregos*, de Caio Beltrão (de Campina Grande)

gem, sem perder o foco jornalístico da trama. “Como é um romance, precisei equilibrar a apuração dos fatos com a emoção do Edward, e fazer com que o leitor acreditasse na virada de chave dele”.

Romances históricos

Bica dos Milagres, de Paulo Henrique da Silva, é um romance histórico que resgata uma tragédia ocorrida na Paraíba do século 19: um caso de feminicídio de uma jovem paraibana, cometido pelo Frei Francisco junto a uma fonte de águas. A obra aborda temas extremamente atuais e urgentes, como a violência contra a mulher, o preconceito, o abuso de poder e as marcas de uma sociedade desigual.

Não é a primeira publicação do autor, que tem no currículo 12 livros publicados, de poemas, contos e literatura infanto-juvenil. No entanto, todos foram lançados de forma independente, o que torna esta sua primeira publicação via premiação, além de estreia no gênero romance. “Saber que minha obra passou pela avaliação de um júri técnico, que atribuiu nota máxima em todas as categorias, é a confirmação de

que o livro está bem escrito e de que estou no caminho certo. Senti uma sensação de reconhecimento”.

O autor destaca que um dos desafios enfrentados no processo criativo do romance histórico foi ter exigências para além da inspiração e do talento: “Exige pesquisa profunda, visitas aos locais históricos, técnica de escrita, constantes reescritas e planejamento estruturado. Precisei desenvolver sozinho uma rotina rígida de estudos e escrita, conciliar a produção do livro com o meu trabalho como professor e me debruçar sobre revisões minuciosas para garantir tanto o respeito à história quanto a qualidade final da obra. Mas, acredito ter superado esses desafios, a seleção e premiação do livro reforçam isso”, avalia.

Para Lucimário Augusto da Silva, mesmo já tendo quatro livros publicados, o desafio foi o mesmo ao escrever *O imperador e o rio*. “Precisei fazer uma densa e minuciosa pesquisa acerca da vida e da monumental obra do escritor pilarense José Lins do Rego, além da história da sua cidade natal, participação e influência de Pilar na história paraibana. Foi essa pesquisa que me forneceu elementos fundamentais para a concretização da obra”, pontua.

No romance, às margens do Rio Paraíba, onde a água guarda aquilo que o tempo insiste em apagar, nasce uma história feita de memória, silêncio, resistência e esperança. O narrador não é um homem, mas o próprio Rio Paraíba. Anciã e testemunha dos séculos, o rio acompanha o nascimento da cidade de Pilar, presença a presença dos povos Cariris, a chegada dos colonizadores, a expansão dos engenhos, o sofrimento dos africanos escravizados e as marcas deixadas pela violência, pela fé e pelo poder. Sob suas águas, permanecem nomes, vozes, cantos e histórias

que a narrativa oficial não conseguiu levar consigo.

Não ser estreante na literatura e nem no gênero não tornaram os desafios menos intensos para Tarcísio Pereira, escritor com 27 livros lançados. No romance *Teodósio*, ele traz o bandeirante Teodósio de Oliveira Lêdo no Sertão da Paraíba do século 17, liderando uma expedição que avança sobre territórios indígenas. A narrativa revela a violência que ergueu o interior sertanejo e reflete sobre as origens brutais da colonização, com a devastação de várias aldeias e o sacrifício de povos originários.

“Toda criação artística traz desafios, e na escrita não seria diferente. No caso dessa obra, foi enfrentar uma pesquisa histórica sobre o período de colonização, no século 17, especialmente no Sertão paraibano. Fazer romance histórico não é fácil. Além dos desafios naturais da escrita, há também um caminho perigoso que requer muita atenção, que é como colocar ações e personagens reais dentro de uma obra de ficção”.

Mesmo com sua significativa experiência no universo literário, Tarcísio comentou que ao longo de 30 anos recebeu 18 premiações, mas isso não impediu a sensação de alegria por ser aprovado no edital como se fosse a primeira vez.

Premiação

Serão publicados 34 livros, sendo duas coletâneas, o que totaliza 42 autores nos gêneros romance, conto, cordel, crônicas, poesia, infantojuvenil e ensaio. As coletâneas de cordel terão tiragem de 300 exemplares cada uma, sendo 30 a cota para cada autor, além de bolsa de premiação de R\$ 1 mil. Os 32 livros individuais também terão tiragem de 300 exemplares cada, e cota de 150 exemplares por autor, além de bolsa premiação de R\$ 2 mil.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A alma e a barbárie

A maldade, o ódio, a crueldade e o egoísmo fazem parte daquele grande conjunto de problemas metafísicos insuperáveis.

Tais sentimentos podem ser transformados em ideologia.

O fascismo é a maldade recriada em forma política: antidemocrático, chauvinista, desumano.

Como observou Bertrand Russell, não se trata de um sistema de ideias e crenças ordenadas como *laissez-faire* ou o comunismo, mas de uma reação emocional de setores da classe média e de grandes capitalistas aos desenvolvimentos modernos: “O fascismo é irracional no sentido que não pode realizar as aspirações daqueles que o apoiam, não existe uma filosofia do fascismo, somente uma psicanálise”.

O argumento último a seu favor é a violência.

Para os fascistas não existem os

“direitos dos homens”, mas os “de alguns homens”.

“Os animais são todos iguais, mas uns são mais iguais que outros”.

A Ditadura Militar é a versão brasileira do terror fascista.

Não há realidade sem a história.

Valores

Os fascistas falam numa sociedade “pura” e “justa”, mas pureza e justiça para eles são o mesmo que autorretrato e autossatisfação

Negar a história é negar a realidade.

Não resta dúvida, dizia Russell, que a democracia moderna herdou do cristianismo a concepção de que a alma humana tem valor em si. Uma finalidade. O fascismo desconhece esse valor, porque algumas dessas almas existiriam apenas como meios para o bem-estar e glória de poucos.

Os fascistas falam numa sociedade “pura” e “justa”, mas pureza e justiça para eles são o mesmo que autorretrato e autossatisfação.

Os governos democráticos não devem cuidar exclusivamente dos interesses de ricos e poderosos e de supostos seres moralmente superiores. A democracia é a força contrária a essas distorções.

“Um modo de ser social”.

É necessário que o povo, o soberano, fundamento primeiro de todo poder democrático, também governe.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Valorização da cultura e da identidade

A reflexão do filósofo e escritor alemão Johann Gottfried von Herder (1744–1803) representa uma ruptura na teoria do conhecimento em relação às concepções cartesianas e iluministas de formação, nas quais uma única autoridade ocupa o lugar central na condução do conhecimento, deixando pouco espaço para o diálogo, a troca de experiências e o questionamento do sujeito. Herder também se contrapõe à supremacia da razão instrumental, isto é, a uma forma de pensamento orientada exclusivamente pela utilidade, pela eficácia e pelo cálculo dos meios necessários para alcançar determinado objetivo, sem necessariamente questionar o valor ético ou a finalidade desse objetivo. Embora reconhecesse que a racionalidade instrumental pudesse proporcionar avanços no conhecimento do mundo físico e no desenvolvimento tecnológico, o filósofo sustentava que essa modalidade de pensamento era inadequada para a compreensão dos seres humanos e das sociedades.

A tendência objetificante do método mecanicista reduz a conduta humana a leis universais e padrões matemáticos abstratos, despojando a existência de sua dimensão espontânea. Contra a imposição de verdades definitivas e de modelos homogêneos, Herder estabeleceu uma distinção metodológica entre as ciências da natureza e o estudo do espírito humano, ressaltando que toda atividade, época ou civilização possui um caráter singular e irredutível.

A ontologia herderiana, isto é, a natureza do ser, da existência e da realidade — investigando o que as coisas têm em comum e como dividem-se em categorias fundamentais — concebe o desenvolvimento individual como um processo contínuo, dependente da interação com diferentes ambientes sociais, culturais e históricos. A constituição da identidade humana é dialógica: os indivíduos formam-se em um universo cultural dinâmico por meio da interlocução contínua com o outro, sendo a alteridade um elemento constitutivo da formação do próprio caráter. Nesse sentido, Herder é um dos formuladores do conceito contemporâneo e antropológico de cultura, compreendendo-a como a totalidade constitutiva de um modo de vida comunitário, que abrange a arte, a indústria, a ciência, os mitos, os costumes, as instituições e a linguagem.

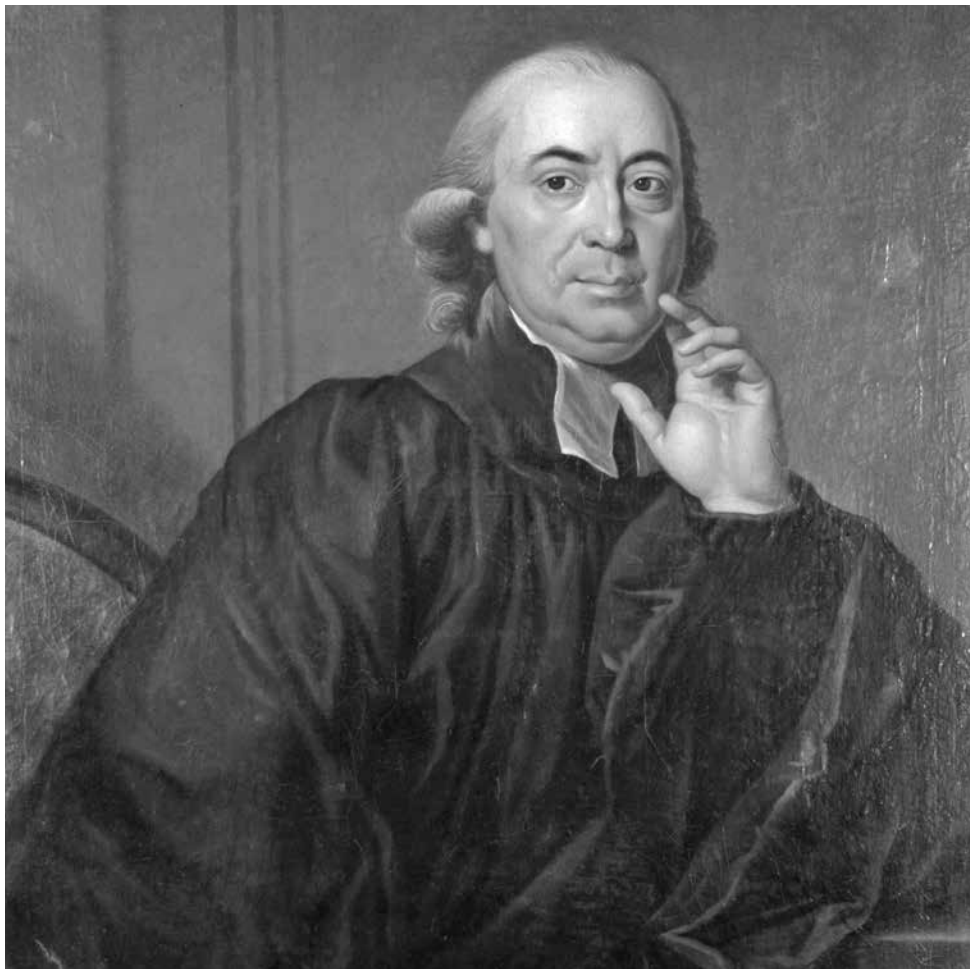


Imagem: Reprodução

Von Herder, autor de Também uma filosofia da história para a formação da humanidade

Essa perspectiva herderiana é a valorização do pertencimento a uma comunidade constituída de tradições e memórias históricas próprias, em oposição a estruturas burocráticas e coercitivas que tendam a homogeneizar as diferenças culturais.

Na obra *Também uma filosofia da história para a formação da humanidade* (1774), o filósofo explicita que a formação, o pensamento e a apreensão do mundo pelo ser humano originam-se no interior de sua cultura de pertencimento. Por essa razão, os indivíduos só podem ser plenamente compreendidos a partir de seus próprios costumes, valores e formas de vida. Disso decorre sua crítica ao ideal abstrato produzido pelo Iluminismo: o indivíduo privado de vínculos comunitários específicos torna-se um ser culturalmente mutilado. Em *Idéias para a filosofia da história da humanidade* (1784–1791), ele aprofunda essa crítica ao classificar determinados representantes desse cosmopolitismo abstrato como “cosmopolitas mortos”, isto é, sujeitos desenraizados e desprovidos dos vínculos culturais que conferem densidade histórica e moral à existência. A preservação das tradições locais diante da assimilação promovida por culturas dominantes constitui uma condição vital para a integri-

dade cultural e histórica dos povos.

A filosofia de Herder oferece fundamentos para a valorização do pluralismo cultural. Ao reconhecer que a dominação política e a conquista de uma sociedade por outra podem destruir instituições, tradições e formas simbólicas próprias do grupo subjugado, Herder manifesta oposição à imposição de uma hegemonia cultural externa. Desse modo, estabelece-se uma relação entre a dimensão política do Estado e a dimensão cultural da nação, segundo a qual cada comunidade deve preservar sua autonomia e ser governada por indivíduos vinculados ao seu próprio universo de significações de identidades.

Sinta-se convidado para a audição do 588º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 11, das 22h à meia-noite. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é pela FM 105,5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara <https://radio-tabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei as contribuições da poesia, da literatura e do cancioneiro regional para a música de concerto. Fundamentarei como essas expressões artísticas preservam a memória, a identidade e a singularidade cultural de um povo.

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Mundo sem porteira

Eu cheguei de muito longe a me perguntar se as pessoas perderam a sensibilidade, se a euforia do impacto em ver um conteúdo e exclamar: “Gente, eu nunca achei que fosse ver uma coisa dessas!”. Ora, faz tempo que eu saí da ilha de Saramago, mas não é sobre isso que eu quero escrever. Eu sempre saio da rede e vou ao computador. Muitas vezes sem saber que tema vou escrever, como estou fazendo agora.

Eu escrevo há muito tempo. Comecei no jornal O Norte, com o apoio do jornalista Walter Galvão, depois com a abertura do jornalista e professor Wellington Pereira, ele gostava e me incentivava. Eu fui, eu vou, eu sou, ainda estou aqui.

Tempos depois, fui colunista diário do jornal O Momento, coluna que tinha o nome “Kotidiano”, arte feita por Cristóvão Tadeu. Não sei se eu era jovem, ou um velho como sempre fui. Só sei que ali escrevi diversos textos, olhares e descobertas que tenho quase todos recortados e pregados em papel A4. Às vezes, penso em colocar os textos mais simples, mais bonitos num livro. Mas, só às vezes. Não sou escritor.

Rapidamente, a gente vai tomando atitudes, no que pode dar certo, nem o que não pode dar certo, mas o que é certo fazer por mim, também pelas pessoas, essa lealdade, esse encontro com as pessoas de tal maneira que elas se tomam insensíveis. Eu tenho um inventário de amores perdidos.

Hoje, sou incapaz de parar e pensar na falta de dignidade a qual muitas pessoas se submetem e ter algum — qualquer um — sentimento e, que seja algum que sirva, como canta Cássia Eller. Ou ao contrário — Socorro, estou sentindo tudo!

Chega de vilania, diz Ana Adelaide ao telefone. Mas o que isso quer dizer?

Sonhei que eu era Afrodite. Exagero meu: para mim é algo que está diretamente conectado com o que poderia ser chamado de meu — qualquer coisa.

Tem emoções baratas, sim, e outras e muitas, demais, é um momento em que cabeça é um mundo e está exposto, no qual temos oportunidades de ser absolutamente sinceros e não somos. Não tem a ver com obrigatoriedade de bem-querer ou compromisso, é uma questão de conexão — se houver amor, será bem melhor.

Não tem firulas na minha estrada, sei de cor o caminho para o meu trabalho e gosto de estar longe das balelas. Uma conversa boa dentro de mim e mexe “qualquer coisa dentro doida” com o cérebro falante e essa coisa da canção, bim-bom, bim-bom e eu não soul mais Afrodite, sou Francis, e todas elas mais que uma mulher poderia ter, ser, assim uma Ana de Amsterdã, sou Ana de 20 minutos, até amanhã, sou Ana.

Há em mim vontades que provavelmente foram cimentadas para a própria sobrevivência. Normal. Eu me multiplico, eu ajudo, eu convido para o meu podcast, eu saio pelas ruas cantando e entrevisto anônimos e tudo é muito mais.

Que o Sol brilhe, além da canção de Djavan. Penso em Marcos Pires e nas coisas e soluções que possam ser invisíveis, porque a vida, não só quer coragem da gente, como disse Guimarães Rosa, a vida quer vitória, desejo, mais um dia, uma roda de conversa, um cinema, um baião.

Muitas coisas assim. E nós passamos batidos, porque, afinal, todo mundo está atrasado demais, inclusive eu.

E a canção “Mundo velho sem porteira”, de Sérgio Ricardo? Ah! Vou ali falar com Oswald de Andrade.

Kapetadas

1 – O mártir oferece a própria vida por uma crença; o fanático oferece a dos outros.

2 – “Intrusões inesperadas de beleza. É isso que a vida é” (Saul Bellow).



Foto: Divulgação

Disco de Sérgio Ricardo de 1971: “Mundo velho sem porteira”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Documentário homenageia artista paraibano

Por oportuno, de quando em vez a história das comunicações, sobretudo do nosso cinema, é resgatada. E já não é a primeira vez que a Fundação Casa de José Americo, que me lembre, procura rever a biografia de Péricles Leal, natural da região do Brejo paraibano.

Conforme dados já conhecidos, ele atuou em diferentes áreas das artes, com trabalhos no rádio, teatro, cinema e televisão. Com atuação pioneira nos meios de comunicação brasileiros e também na produção da dramaturgia. Entre seus trabalhos mais expressivos está *Sangue na terra*. Péricles Leal faleceu ao apagar das luzes de maio do ano de 1999.

Ainda jovem, na Paraíba, teve o início de sua carreira na imprensa escrita e no rádio, escrevendo radionovelas e cuidando da sonoplastia na Rádio Tabajara, adaptando o clássico romance *Romeu e Julieta*. Convidado por Assis Chateaubriand, ajudou a implantar novos padrões de comunicação no Norte e Nordeste, participando da criação e estruturação de emissoras como a Rádio Marajoara, em Belém.

Péricles Leal teve uma participação marcante no rádio, no teatro e na televisão. No cinema, segundo dados de sua biografia, foi roteirista, argumentista e autor, destacando-se em parcerias com cineastas renomados e na expansão da dramaturgia para a tela grande. Escreveu o roteiro para



Foto: Reprodução

O nome de Péricles Leal nos créditos iniciais do filme *A morte transparente*, de 1978

um filme policial, *A morte transparente* (1978), dirigido por Carlos Hugo Christensen, ainda participou dos filmes *Fim de festa*, *Entre o amor e o cangaço*, entre outros.

Rever a trajetória de Péricles Leal por meio de uma produção dedicada à preservação de sua memória foi o objetivo da promoção. Nesta semana, na sessão do Cineclube O Homem de Areia, que acontece sempre na primeira quarta-feira do mês no auditório do Sesc Cabo Branco, na orla marítima de João Pessoa, foi exibido o documentário *Péricles Leal, o criador esquecido*. O evento, que teve entrada

franca, após exibição do filme, teve debate com a participação do cineasta João de Lima, responsável pela direção juntamente com Manuel Clemente, ambos da Academia Paraibana de Cinema.

Sob indicação da Academia de Cinema, especialmente do professor João de Lima Gomes, presidente da APC, que dirigiu o documentário *Péricles Leal, o criador esquecido*, a promoção na Fundação Casa de José Américo revestiu-se de grande importância para nossa cultura e memória. – Para mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br.



APC: inaugurado novo espaço de cinema

A partir da primeira semana de novembro, vamos projetar filmes com o devido conforto de 16 poltronas, com reclinção de assento e ergonomia de sala de cinema. A concessão do novo espaço fílmico é da presidência da FCJA, jornalista Fernando Moura, à Academia Paraibana de Cinema.

O presidente da APC, João de Lima Gomes, faz o convite aos seus associados a conhecerem mais essa iniciativa na nossa unidade de Tambaú, de exibição e reuniões com mais conforto. A sala da diretoria da APC agradece.

AMANHÃ

Programação infantil tem concerto e filmes

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) promove, amanhã, às 16h, um concerto em celebração ao Dia das Crianças, parte da 15ª edição do festival Espaço da Criança. A Orquestra Infantil da Paraíba (OSPB Infantil) apresentará um repertório de clássicos do cancionário dos pequenos, sob a regência de Marcelo Vasconcelos. O número acontece na Sala José Siqueira, dentro do Espaço Cultural (Tambauzinho, João Pessoa). A entrada é franca, porém, em razão da limitação do espaço, os ingressos serão distribuídos uma hora antes do início do evento, na bilheteria da rampa 4.

Dentre as faixas pinçadas para o concerto de amanhã, algumas são de domínio público: “Se essa rua fosse minha”, “Alecrim dourado” e “Pai Francisco”. Completando a lista, músicas de especiais infantis da televisão e do conjunto infantil A Turma do Balão Mágico: “O relógio” (de Vinícius de Moraes e Paulo Soledade), “A bailarina” (Edu Lobo e Chico Buarque) e “Superfantástico” (versão de Edgard Poças, do original de Ignacio Ballesteros e Difelissatti). Para completar a tarde, trilhas sonoras de jogos como *Final fantasy* e *Zelda*.

Os arranjos foram conce-



A Orquestra Infantil da Paraíba apresenta um concerto com canções para crianças



Foto: Marcelo Máximo/Funesc

bidos por Tom Drummond e professor auxiliar das crianças ao lado de Deyse Firmino. A OSPB Infantil foi fundada em 1986, sendo coordenada pela Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB). O Espaço da Criança será aberto às 13h30 com uma feirinha de artesanato.

O Cine Bangüê, também, no Espaço Cultural, projeta uma seleção especial de filmes infantojuvenis. Além da

animação brasileira *Papaya*, de Priscilla Kellen, que já faz parte da grade de setembro, haverá a exibição gratuita de curtas-metragens nacionais e internacionais. Às 13h30, *Eu te amo, do mar ao céu*, *Cidade animal*, *Langures-escuros: de cabo a rabo*, e *Quintal TV: inteligência artificial* (do diretor Pablo Uranga). E às 16h, *Um passeio para Emílio*, *Eu quero saber*, *Lições com Looloo* – Abrigo, *Sonhos Voadores* (de Vanessa

Fort, Luiz do Futuro e Marcus Vasconcelos), *O micronauta* (de Emerson Rodrigues) e *Thomas sonha com robôs*.

ONDE:

■ **ESPAÇO CULTURAL** (R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Onde estou?

Faz tempo que não me vejo. ando não sei por onde, estou em lugar nenhum.

Habito interiores, o lado de fora, cercanias sem limites. Nunca aprendi o idioma do conforto. Fiz o melhor que pude, mas me veem mal, a sombra, o rinocerante, a disforme fantasia. Coloco, nos meus nervos, agulhas, punhais, facas de ponta, adagas ancestrais que perfuraram os olhos dos deuses. O crime perfeito me escapa na metáfora melhor, o beijo dela fugiu naquela sinestesia. Antigamente, era o cardeiro e o roxo de Rosa no cavalo, o orgasmo sobre o pelo do alazão, a carícia debaixo das pedras.

O vento puxava meu sonho octossílabo, as estrelas me ditavam as cifras da morte. A morte era uma égua luxuriosa na cama da noite, a vida vinha nas azuladas manhãs. Agora é a farsa da poupança, o bujão de gás, os remédios, o íntimo alfabeto do tédio. Adoraria cortar a carne da amada e lamber, no seu corpo, a história, a dignidade. O amor não foi feito para os fracos nem para os medíocres. Amor é coisa irreal, tem espessura, cartas de ternura, suavidade, incandescência. A utopia nunca coube na história. Os filhos estão aí, para denunciar a ausência, a culpa, o dolo, a loucura, polir o nervo do absurdo, limar a gosma do vil metal. O mal são os telefonemas, a lágrima sem sintaxe, o soluço frouxo, as convicções antes do rivotril. E o Brasil está simplesmente acabando. O planeta vacila, sem saída, asfixiado. A economia fica de quatro, a guerra acende suas velhas luzes, meu coração silencia e escurece. O sábado não foi feito para isto. Sai logo cedo para me encontrar comigo. Não me vi, não me achei. Onde estou?

(Do livro inédito *Vou morrer escrevendo meus poemas*)

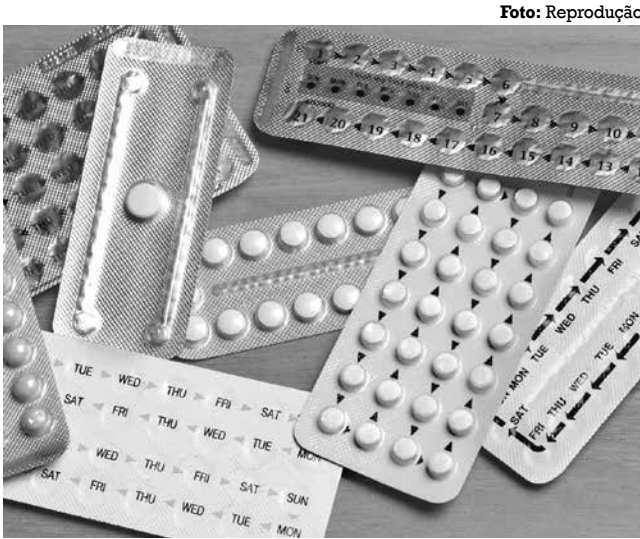


Foto: Reprodução

“Agora é a farsa da poupança / o bujão de gás, os remédios”

Colunista colaborador

MÚSICA

Atrações fazem festa para Campina

Teatro Shaolin recebe amanhã Geraldo Azevedo, Camerata Parahyba, cantoras e alunos do Prima

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com



Para celebrar os 162 anos de Campina Grande, a cidade ganhará, amanhã, dois *shows* gratuitos. Abrindo a noite, às 19h, uma apresentação de 10 cantoras nascidas ou radicadas no município, acompanhada dos jovens instrumentistas do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima). E às 20h30, o pernambucano Geraldo Azevedo e a Camerata Parahyba desfilarão êxitos de toda a carreira do cantor. O palco é o Teatro Shaolin, no Centro de Convenções (Nova Brasília, Campina).

Acompanhadas do Prima, sob a regência de Raniere Travassos, estarão Kátia Virgínia, Elóide Lima, Caliandra Andrade, Daniela Trovão, Adília Uchôa, Eloisa Olinto, Mayana Neiva, Kaline Bertino, Savana Aires e Gitana Pimentel. No fim de todas as apresentações solo, elas interpretarão, juntas, “Paraíba jóia rara”.

“Jackson do Pandeiro, assim como

eu, é um artista que veio de outra cidade e que teve em Campina a oportunidade de expandir sua carreira. Posso dizer que aprendi a ser a artista que sou aqui. Como ele diz na canção, ‘aprendi tocar pandeiro nos forrós de lá’”, destaca Gitana, a cargo da faixa “Forró em Campina”.

Nascida em Patos, no Sertão, a cantora mudou-se para a Rainha da Borborema em 2002, quando assumiu os vocais da Banda Som Estéreo e segue morando lá desde então. É motivo de orgulho para Gitana ser chamada, todos os anos, para *shows* que reverenciam o aniversário de Campina Grande.

“Eu sinto muito amada e reconhecida nesta cidade, foi aqui que eu me formei, que eu estudei música, que eu estudei atuação, e ninguém jamais vai poder dizer que eu não sou campinense. Eu sou muito campinense e levo o nome dessa cidade onde quer que eu vá, com orgulho”, crava.

Geraldo Azevedo e a camerata realizaram uma empreitada similar, em março de 2026, dentro do Festival Multicultural Engenhos da Paraíba, na cidade de Areia, Agreste do estado. O repertório de amanhã conta com modificações em relação ao en-

contro anterior, sem esquecer os êxitos, selecionados com o cantor.

O maestro Rucker Vieira assinala a força do cancioneiro do intérprete de Petrolina: “A gente tocará ‘Taxi lunar’, ‘Dia branco’, ‘Bicho de sete cabeças’ e alguns sucessos de outros compositores que fizeram parte de um grande projeto, dele, o *Cantoria* [com Vital Farias, Xangai e Elomar], como ‘Ai que saudade d’ocê”.

O conjunto instrumental tem em seu catálogo outras iniciativas relevantes ao lado de grandes nomes da cultura nordestina e brasileira. Na segunda edição do Festival Literário Internacional da Paraíba (Fliparaíba), em 2025, o grupo tocou com a cantora Maria Gadú.

“Democratizar a música instrumental, a de concerto, ao lado de um nome como Geraldo Azevedo, é uma via de mão dupla. É muito bom para o público e é muito bom

para nós, sabendo que nós temos um equipamento de alto nível como é a Camerata Parahyba. É muito importante mostrar esse trabalho”, finaliza Vieira.



Em Cartaz



Cinema

Programação de 8 a 14 de outubro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

AMELIA TOLEDO – LEMBRAR DE NÃO ESQUECER. Brasil, 2026. Dir.: Hélio Golds-tejn. Documentário. A vida e a obra da artista plástica. 1h22. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 17h10.

AS AVENTURAS DE TADEO E A LÂMPADA MÁGICA (*Tadeo Jones y la Lámpara Maravillosa*). Espanha, 2026. Dir.: Enrique Gato. Aventura/ comédia/ animação. Aventureiro acidentalmente libera um feitiço antigo e precisa resolver o problema. Quarto da série iniciada em 2012. 1h34. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 1: dub.: 12h45, 15h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 5: dub.: 14h, 16h15. CINESERCLA TAMBIA: sala 2: dub.: 15h15, 17h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: sala 3: 15h15, 17h10. Patos: CINE GUEDES: sala 3: dub.: 17h20. PATOS MULTIPLEX: sala 3: dub.: qui. a ter.: 14h30, 18h50; qua.: 16h35. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 2: dub.: sáb. a seg.: 16h45; ter. e qua.: 17h15. Remígio: CINE RT: dub.: dom.: 15h30; seg. a qua.: 14h.

HOPE – O PRIMEIRO IMPACTO (*Hope*). Coreia do Sul, 2026. Dir.: Na Hong-Jin. Elenco: Hwang Jung-Min, Zo In-Sung. Terror. Vilarejo é atacado por criatura misteriosa e habitantes começam a agir de maneira estranha. 2h40. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 1: qui. a ter: dub.: 17h40; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 2: dub.: sáb. a seg.: 20h, 22h; ter.: 20h.

OUTRA MAMÃE (*Other Mommy*). EUA/ Irlanda, 2026. Dir.: Rob Savage. Elenco: Jessica Chastain, Arabella Olivia Clark, Karen Allen. Terror. Menina enfrenta uma entidade sinistra que sai de seu armário e que ela chama de “outra mamãe”. 1h33. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: sala 4: dub.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 2: dub.: 15h30; leg.: 17h50, 20h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 5: 18h50, 21h. CINESERCLA TAMBIA: sala 2: dub.: 19h05, 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: sala 3: dub: 19h05, 21h. Patos: CINE GUEDES: sala 1: dub.: 17h30, 21h20. PATOS MULTIPLEX: sala 1: sáb. a seg.: dub.: 19h, 21h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 1: dub.: sáb. a seg.: 17h25, 21h25; ter. e qua.: 17h25, 21h20.

SE EU FOSSE VOCÊ 3. Brasil, 2026. Dir.: Anita Barbosa. Elenco: Cléo Pires, Rafael Infante, Glória Pires, Tony Ramos. Comédia. Mulher troca magicamente de corpo com o marido, 20 anos depois de isso ter acontecido com seus pais. 1h59. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: sala 1: 17h15, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 2: ter. e qua.: 13h; sala 6: sáb. e dom.: 12h50, 15h, 17h15, 19h30, 21h45; seg. a qua.: 15h, 17h15, 19h30, 21h45; sala 7: 14h, 16h10, 18h45, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 4: 15h,

17h15, 19h30, 21h45. CINESERCLA TAMBIA: sala 3: 15h; sala 5 (*laser*): 16h50, 18h40, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: sala 1 (*laser*): 16h50, 18h40, 20h30; sala 4: 15h. Patos: CINE GUEDES: sala 3: 19h15. PATOS MULTIPLEX: sala 4: qui. a seg.: 18h15, 20h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 2: sáb. a seg.: 18h50; ter. e qua.: 19h15. Remígio: CINE RT: dom.: 19h10; seg. e qua.: 18h15; ter.: 17h30.

UM TIO QUASE PERFEITO 3. Brasil, 2026. Dir.: Pedro Antonio. Elenco: Marcus Majella, Ana Lúcia Torre, Leticia Isnard. Comédia. Homem tenta lidar com a distância dos sobrinhos enquanto tenta cuidar de bebê deixada na sua porta. 1h35. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: sala 1: 15h, 19h20. CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 3: 14h10, 16h40, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 3: 13h50, 16h. CINESERCLA TAMBIA: sala 4: 14h40, 18h55. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: sala 5: 16h35, 20h50. Patos: CINE GUEDES: sala 1: 15h30, 19h25. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 1: 15h25, 19h25.

PRÉ-ESTREIA

STREET FIGHTER (*Street Fighter*). EUA/ Japão, 2026. Dir.: Kitao Sakurai. Elenco: Jason Momoa, Callina Liang, David Dastmalchian. Aventura. Dois lutadores enfrentam uma competição oculta ao participar de um campeonato. 1h59. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 1: dub.: qua.: 19h, 21h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 2: dub.: qua.: 19h, 21h45; Patos: CINE GUEDES: sala 2: dub.: 19h; sala 3: 21h05. PATOS MULTIPLEX: sala 1: qua.: dub.: 19h; leg.: 21h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 2: dub.: qua.: 21h15.

REAPRESENTAÇÃO

AKIRA (*Akira*). Japão, 1988. Dir.: Katsuhiro Otomo. Ficção científica/ animação. Numa Tóquio futurista, adolescente motoqueiro é transformado em ameaça psíquica por projeto militar. 2h04. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 19h30; qua.: 15h.

CARROS (*Cars*). EUA, 2006. Dir.: John Lasseter. Comédia/ animação. Jovem e arrogante carro de corridas vai parar em cidade do interior, onde aprende a ser mais humilde. 1h56. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: sala 4: dub.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 2: dub.: sáb. a seg.: 12h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 2: dub.: sáb. a seg.: 13h30. CINESERCLA TAMBIA: sala 3: dub.: 16h50, 19h05; sala 5 (*laser*): dub.: sáb. a seg.: 14h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: sala 1 (*laser*): dub.: sáb. a seg.: 14h30; sala 4: dub.: 16h50. Patos: CINE GUEDES: sala 3: dub.: 15h. PATOS MULTIPLEX: sala 1: dub.: sáb. a seg.: 16h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 2: dub.: sáb. a seg.: 14h15; ter. e qua.: 14h50. Remígio: CINE RT: dub.: dom.: 17h10; seg. e qua.: 16h; ter.: 15h30.

RAN (*Ran*). Japão/França, 1985. Dir.: Akira Kurosawa. Elenco: Tatsuya Nakadai, Akira Terao. Drama/ guerra. Senhor feudal entrega seus domínios aos três filhos, mas isso os corrompe. Oscar de figurino. 2h40. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 18h50.

VINGADORES – ULTIMATO (*Avengers – Endgame*). EUA, 2019. Dir.: Anthony Russo e Joe Russo. Elenco: Robert Downey Jr., Chris Evans, Mark Ruffalo, Chris Hemsworth, Scarlett Johansson, Jeremy Renner, Paul Rudd, Benedict Cumberbatch, Chadwick Boseman, Brie Larson, Tom Holland, Zoe Saldana, Elizabeth Olsen, Tilda Swinton. Aventura/ ficção científica. Cinco anos após metade dos seres desaparecem por obra do vilão Thanos, os Vingadores tentam trazê-los de volta. 3h01. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 8: dub.: dom. e ter.: 19h45.

ESPECIAL

ALWAYS LALISA (*Always Lalisa*). EUA, 2026. Dir.: Sue Kim. Documentário. Um ano da cantora estreando em carreira solo. 1h40. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 8: leg.: seg. a qua.: 19h;

BRICHOS 2 – A FLORESTA É NOSSA. Brasil, 2012. Direção: Paulo Munhoz. Aventura/ animação/ infantil. Bichos de uma floresta precisam enfrentar vilões que querem “modernizar” sua vila. 1h23. Livre.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 19h. Entrada franca.

TROMBA-TREM – O FILME. Brasil, 2022. Direção: Zé Brandão. Comédia/ animação/ infantil. Um elefante sem memória que viaja num trem com uma tamanduá e uma colônia de cupins vira uma celebridade, mas também suspeito de raptos misteriosos. 1h34. Livre.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 16h. Entrada franca.

CONTINUAÇÃO

CORAÇÃO SELVAGEM (*Heart of the Beast*). EUA, 2026. Dir.: David Ayer. Elenco: Brad Pitt, J.K. Simmons. Aventura. Ex-soldado ferido e seu cão lutam para sobreviver em região selvagem do Alasca e voltar para casa. 1h41. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 11 (*VIP*): leg.: 13h40, 19h30.

AS CORES DO TEMPO (*La Venue de l’Avenir*). França/ Bélgica, 2025. Dir.: Cédric Klapisch. Elenco: Suzanne Lindon, Abraham Wapler. Drama. Primeiros herdam uma casa antiga e descobrem sobre a vida de uma antepassada do século 19. 2h05. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 16h30; ter.: 15h.

DIGGER (*Digger*). Reino Unido/ México/ EUA, 2026. Dir.: Alejandro G. Iñárritu. Elenco: Tom Cruise, Riz Ahmed, John Goodman, Sandra Huller. Drama/ comédia. Homem poderoso provoca um desastre e embarca em missão para provar que é o salvador da humanidade. 2h08. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 11 (*VIP*): leg.: 16h30.

GALINHA PINTADINHA – O FILME. Brasil, 2026. Dir.: Marcos Luporini e Juliano Prado. Vozes originais: Hannah, Paulka Zarta. Comédia/ animação/ infantil. Galinha precisa resgatar seu pintinho, entregue por engano ao gavião pela cegonha. 1h15. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 8: 14h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 2: sáb. a seg.: 13h30, 15h30. CINESERCLA

TAMBIA: sala 6 (*laser*): sáb. a seg.: 14h20. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: sala 2 (*laser*): sáb. a seg.: 14h20. Patos: CINE GUEDES: sala 2: sáb. a seg.: 15h. PATOS MULTIPLEX: sala 1: sáb. a seg.: 14h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 3: sáb. a seg.: 14h45. Remígio: CINE RT: dub.: dom.: 14h.

MINHA MELHOR AMIGA. Brasil, 2026. Dir.: Susana Garcia. Elenco: Ingrid Guimarães, Monica Martelli. Comédia. Amigas resolvem viajar juntas para visitar as filhas no exterior. 2h05. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: sala 4: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 4: 13h10, 15h50, 18h40, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 3: 18h15, 20h50. CINESERCLA TAMBIA: sala 4: 16h35, 20h50. Patos: PATOS MULTIPLEX: sala 4: qui. a seg.: 15h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 2: sáb. a seg.: 20h50; ter.: 21h15.

MIRRORS Nº3 (*Miroirs Nº 3*). Alemanha, 2025. Dir.: Christian Petzold. Elenco: Paula Beer, Barbara Auer. Drama. Após o namorado morrer num acidente de carro, mulher é acolhida por outra que testemunhou, mas passa a desconfiar de suas intenções. 1h26. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua: 17h20.

MORTE E VIDA MADALENA. Brasil, 2026. Dir.: Guto Parente. Elenco: Noá Bonoba, Tavinho Teixeira. Comédia/ drama. Produtora de cinema enfrenta vários problemas pessoais enquanto tenta manter seu filme de pé. 1h25. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 18h40.

PAPAYA. Brasil, 2026. Dir.: Priscilla Kellen. Vozes: Aretha Garcia Rollo, Tulipa Ruiz. Infantil/ animação. Semente na Amazônia sonha em voar e tenta não se enraizar na terra. 1h14. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 14h30, 17h30; seg.: 15h.

RESIDENT EVIL (*Resident Evil*). Alemanha/ EUA, 2026. Dir.: Zach Cregger. Elenco: Austin Abrams, Paul Walter Hauser. Terror/ ficção científica. Ao entregar pacote em hospital, mensageiro se vê no meio de um ataque de criaturas mutantes. 1h30. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 3: dub.: 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 2: dub.: qui. a ter.: 17h45. Patos: CINE GUEDES: sala 3: dub.: qui. a ter.: 21h10. Remígio: CINE RT: dub.: ter.: 19h.

VERITY (*Verity*). EUA, 2026. Dir.: Michael Showalter. Elenco: Anne Hathaway, Dakota Johnson, Josh Hartnett. Drama/ mistério. Escritora é contratada para ser a *ghost writer* de autora *best seller* que não consegue terminar seu romance após um acidente, mas descobre anotações perturbadoras. 1h54. Classificação não informada.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: sala 4: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA: sala 5: dub.: 13h20, 16h, 18h50, 21h40; sala 8: dub.: dom. e ter.: 17h; sala 9 (*macro-XE*): leg.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15; sala 10 (*VIP*): leg.: 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA: sala 1: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIA: sala 6 (*laser*): dub.: 16h05, 18h25, 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: sala 2 (*laser*): dub.: 16h05, 18h25, 20h45; sala 4: leg.: 19h10. Patos: CINE GUEDES: sala 2: dub.: qui. a ter.: 16h30, 18h50, 21h10; qua.: 16h30, 21h10. PATOS MULTIPLEX: sala 1: dub.: qua.: 16h30, 20h50; sala 3: dub.: qui. a seg.:

16h30, 20h50. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: sala 3: dub.: 16h30, 18h50, 21h10. Remígio: CINE RT: dub.: dom.: 20h45; seg. a qua.: 20h30.

VIRTUOSAS. Brasil, 2026. Dir.: Cíntia Domit Bittar. Elenco: Bruna Linzmeyer, Maria Galant. Drama/ terror. Grupo de mulheres religiosas vão a retiro para desenvolvimento, mas a jornada se torna perigosa. 1h26. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 20h20.

Teatro

HOJE

CHARLIE E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Leticia Rodrigues. Baseado no livro de Roald Dahl. Menino pobre encontra bilhete premiado para uma visita a uma fábrica de chocolate, guiada por seu excêntrico proprietário. Livre.

João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Sábado e domingo, 10 e 11/10, 17h. Ingressos: R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia), antecipados pela plataforma Symppla.

Música

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 2/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

FRED SVENDSEN. Artista expõe pinturas na exposição retrospectiva *Renascença: a cor de olhos abertos*, celebrando 50 anos de carreira.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mall, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 500, Jardim Oceania). Visitação de seg. a sáb., das 9h às 21h, e dom., das 13h às 21h, até 22/10. Entrada franca.

GINA DANTAS. Artista apresenta esculturas em cerâmica.

João Pessoa: CENTRO CULTURAL SÃO FRANCISCO (Ladeira de São Francisco, s/n, Centro). Entrada franca.

LAURA LUJAN. Fotografia abre a exposição *Somos o território que nos cerca: memórias e saberes da Resex Acaú-Goiana*.

João Pessoa: MUSEU DA CIDADE DE JOÃO PESSOA (Praça da Independência, nº 92, Centro). Visitação até 24/10. Entrada franca.

ELEIÇÕES 2026

Abstenções são frutos de descrença

Sentimento de exaustão é apontado como uma das causas da ausência de 21,08% do eleitorado no 1º turno

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

As eleições deste ano registraram o maior índice de abstenção desde 1998: 21,08% do eleitorado não compareceu às urnas para votar. Em números absolutos, 33,4 milhões de eleitores abstiveram-se da votação. Na Paraíba, a abstenção foi menor que a média nacional: cerca de 564 mil (17,38%) eleitores não votaram neste primeiro turno.

Segundo o TSE, os dados de comparecimento, ausência e justificativa do primeiro turno das Eleições 2026 ainda estão em processamento e o prazo para a conclusão encerra-se hoje.

Especialistas e eleitores ouvidos pela reportagem de A União em João Pessoa evidenciam os mesmos sintomas: distanciamento dos governantes da realidade das ruas e um sentimento de exaustão do eleitorado.

A cientista política e internacionalista Maria Montserrat observa que, embora nesta eleição o número de abstenções tenha sido recorde, ele não difere muito do que vem sendo registrado desde 2014. Ela atribui esse aumento a uma desconfiança do eleitor brasileiro em relação às instituições democráticas, à eficácia da democracia e à própria capacidade do voto de trazer mudança social.

“O número [desse primeiro turno] é maior, mas ele se mantém ali próximo dos 20%, que é o número que a gente já observa desde 2014, então há esse fator da descrença dos brasileiros em relação à situação política do país, de que o voto não vai mudar [a realidade] tanto assim”, pontua.

Para o cientista político Darcon Sousa, esse distanciamento histórico do eleitorado é reflexo de um ambiente político que se tornou altamente tóxico, impulsionado pelas redes sociais desde o período que antecedeu o pleito de 2018, no qual “estão dadas as condições para a disseminação de ódios e o estímulo a conflitos que acentuam a apatia e o cansaço dos eleitores”.

“A abstenção representa a exaustão e a desesperança daqueles que não aceitam o radicalismo, nem a ausência de renovação. São eleitores que não acreditam mais em soluções coletivas pela via da política e se recolhem



Como a disputa para Presidência da República não foi decidida no primeiro turno, os eleitores brasileiros retornarão às urnas no próximo dia 25

em seus mundos particulares para se protegerem das tensões que envolvem a disputa pelo poder”, ressalta o cientista.

Tal posicionamento é compartilhado pelo aposentado Eron Lins, de 88 anos, cujo voto já é facultativo por lei e que optou por não votar. “Justiça nós não temos, segurança também não e não temos comida para comer. Pode botar fulano, ciclano, não adianta”, opinou o aposentado.

A descrença também é relatada pelo relojoeiro José Fernando D’Ávila Júnior, de 60 anos, que não votou no primeiro turno simplesmente porque priorizou a reforma de sua casa e as tarefas domésticas. “Eu sabia que ia ser muito tumultuado e eu tinha muitos afazeres. Quando eu fui terminar [as atividades pessoais], era quase 17h30, aí não deu mais tempo. Minha prioridade é a minha casa e a minha vida. Eles já estão com tudo ganho, já estão todos ricos, milionários; eu não. Se eu não trabalhar, eu não como”, declarou.

Já a comerciante Cláudia Silva (54) decidiu não votar em nenhum dos turnos por considerar que os políticos

priorizam apenas os próprios interesses em detrimento da população. “Infelizmente, a nossa política está cada dia mais complicada. Os políticos não estão preocupados com a situação da população, eles estão preocupados com a situação deles. Eu não quero votar”, frisou.

Esse descontentamento é ainda mais intenso na visão da operadora de máquinas Alexandra dos Santos, de 45 anos, que afirma nunca ter votado na vida. “Aconteça o que acontecer no meu país, eu jamais vou me sentir culpada de ter dado um voto para eles [políticos] sentarem naquela cadeira”, sustentou.

Influência virtual

Para a cientista política

Maria Montserrat, as urnas enviaram uma mensagem inequívoca de que os partidos tradicionais perderam a capacidade de dialogar com as urgências reais dos eleitores. Como sintoma dessa desconexão, ela destaca ainda o encolhimento de siglas que historicamente dominaram a política nacional, como o PT e o PSDB.

A cientista também destaca a transformação na comunicação política: o rádio e a televisão, antes detentores do monopólio da informação e de linhas editoriais claras, cederam espaço para o domínio das redes sociais.

“Quando você tem uma rede de televisão ou rádio, você pode entender qual é a linha editorial desse programa

e acessar melhor aquilo que é publicado. Na rede social, não. Todos estão publicando tudo a todo momento. As fontes que o eleitor acessa são muito mais diversas e podem, claro, estar muito mais enviesadas”, ratifica.

Crise identitária

Darcon Sousa complementa que o crescente sentimento de desesperança e descrédito da população no sistema democrático confirma que o Brasil enfrenta uma profunda crise de representatividade. Segundo o especialista, a política tradicional, de fato, deixou de dialogar com as urgências populares.

Sousa aponta ainda que a predominância do poder

econômico na política impõe forte influência e gera distorções que, na prática, atrasam a resolução de problemas históricos e estruturais do país, dificultando entregas efetivas à população.

“Por outro lado, entrou em cena um espectro ideológico, expresso nas forças de extrema direita, cujos objetivos gerais é desconstruir a democracia por dentro dela e estabelecer governos autoritários que chegam ao poder por meio do voto, mas criam constantes tensões para desmontar direitos, esvaziar políticas públicas e controlar as instituições que deveriam ser o contrapeso aos seus excessos, tais como a imprensa, o Legislativo e o Judiciário”, analisa.

Anulação de voto indica protesto seletivo

Adicionalmente às abstenções, foram registrados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) 5.975.047 votos brancos e nulos em todo o país. Na Paraíba, aproximadamente 170 mil eleitores (6,34% do total) invalidaram seu voto.

Para Darcon Sousa, existe uma distinção clara entre o eleitor que se abstém e aquele que opta pelo voto branco ou nulo. Segundo ele, o voto nulo é frequentemente utilizado como uma ferramenta de protesto por cidadãos que comparecem às urnas apenas para evitar as sanções previstas na legislação eleitoral.

“Há também aqueles que ainda não dominam a tecnologia, principalmente

em eleições nas quais existe um grande número de candidatos. Só para citar um caso já registrado, no Rio de Janeiro, mais de 200 mil eleitores digitaram o número do presidente Lula no momento em que deveriam indicar o voto para governador. Então, nos votos nulos, é preciso levar em conta isso e dimensionar o problema”, ponderou. Maria Montserrat complementa essa distinção entre abstenções e votos inválidos, apontando que o voto nulo, frequentemente, ocorre de forma seletiva: o cidadão vota para determinados cargos e descarta outros.

Montserrat ressalta que esse comportamento é impulsionado por diferentes

motivos, destacando-se o que ela define como “letramento político”. Conforme a especialista, muitas vezes, o eleitor não compreende plenamente a função e a importância de cargos legislativos — como a diferença entre deputados estaduais, federais e senadores. Consequentemente, acaba priorizando cargos do Executivo, como o de presidente ou governador, por considerá-los mais importantes e por conhecer melhor os candidatos.

Segundo turno

Como a disputa para presidência da República não foi decidida no primeiro turno, os eleitores brasileiros retornarão às urnas no próximo dia 25. Luiz

Inácio Lula da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) disputam a preferência do eleitorado.

Na Paraíba, Lula terminou o primeiro turno à frente em todos os 223 municípios, tendo recebido 1.541.127 votos (61,31% do total), contra 831.377 votos conquistados por Flávio (33,07%). Porém, no panorama nacional, o saldo foi inverso. O filho do ex-presidente Jair Bolsonaro conquistou 56.104.503 eleitores (47,03%), enquanto 53.879.538 (45,16%) apoiaram Lula.

Com a expressiva polarização política existente, a definição do segundo turno presidencial exigirá novas estratégias de ambas as campanhas.

Saiba Mais

Confira a série histórica de abstenções nas Eleições Gerais brasileiras:

Ano	Eleitorado apto	Comparecimento	Abstenção
1998	106.100.575	78,51%	21,49%
2002	115.253.816	82,26%	17,74%
2006	125.913.235	83,25%	16,75%
2010	135.804.433	81,88%	18,12%
2014	142.822.046	80,60%	19,39%
2018	147.306.295	79,67%	20,33%
2022	156.454.011	79,05%	20,95%
2026	158.745.502	78,92%	21,08%



Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

Cenário coloca em risco parte importante da proteção ambiental do país, com possíveis retrocessos, como a anistia a grileiros

LEVANTAMENTO

Maioria do novo Congresso ignora a agenda ambiental

Estudo constatou que sete em cada 10 parlamentares são contra as pautas

Da Redação
com agências

A partir de 2027, senadores e deputados federais que comporão a 58ª Legisatura (2027-2031) do Congresso Nacional trabalharão distantes da agenda ambiental e climática. Na nova composição, sete em cada 10 parlamentares são contra as pau-

tas socioambientais. A conclusão é de análise feita pelo Observatório do Clima sobre o índice de convergência ambiental, que mede o alinhamento da atuação e os votos dos congressistas com a pauta de clima e meio ambiente. A metodologia do Instituto Democracia e Sustentabilidade adota quatro faixas

para a medição, conforme o percentual de alinhamento: muito baixa (0% a 25%), baixa (26% a 50%), boa (51% a 69%) e muito boa (70% a 100%).

Com os novos eleitos, o índice de convergência nas duas Casas do Congresso Nacional é classificado como “baixo” ou “muito baixo”. Na faixa “muito baixa”, são 201 (33,8%) congressistas e na faixa “baixa” aparecem 208 (35%).

Nas faixas alinhadas às pautas de clima e socioambiental, 52 parlamentares (8,75%) foram classificados na faixa “boa” e outros 133 (22,4%), “muito boa”.

A coordenadora de Políticas Públicas do Observatório do Clima, Suely Araújo, avalia que esse cenário coloca em risco parte importante da proteção ambiental do país, com possíveis retrocessos como o enfraquecimento da atuação dos órgãos ambientais, a anistia a grileiros e a diminuição da proteção às florestas e biomas brasileiros.

Senado

Apenas no Senado, o índice é 79%, baixo ou muito baixo, com 64 dos 81 senadores da próxima legislatura com pouquíssimo ou nenhum alinhamento às pautas como iniciativas de conservação, enfrentamento das mudanças climáticas e adaptação das cidades, por exemplo.

Somente 17 senadores, o equivalente a 21%, estão nas faixas boa ou muito boa de convergência, sendo 12 (14,8%) na faixa boa e apenas cinco (6,1%) na faixa muito boa.

Na comparação com a legislatura que encerrará neste ano, o Senado aumentou o distanciamento das pautas ambientais, crescendo de 58 (71,6%) para 64 (79%) dos senadores com índice

de convergência ambiental baixo ou muito baixo.

Câmara

Dos 513 parlamentares que integrarão a Câmara dos Deputados, 67,3% estão nas faixas baixa ou muito baixa, somando um total de 345 deputados e deputadas federais. Estão na faixa boa 40 (7,8%) e, na muito boa, 128 (25%).

Na avaliação do Observatório do Clima, a piora decorre do crescimento de partidos de extrema direita nas Casas, que historicamente apresentam convergência ambiental muito baixa.

O Partido Liberal (PL), por exemplo, passou de 15 para 28 cadeiras (34,6%) no Senado e de 98 para 121 deputados federais (23,6%) na Câmara.

“Esse quadro evidencia quatro anos de muito esforço para aqueles que atuam em clima e meio ambiente, e muita preocupação tanto com graves retrocessos quanto com as terríveis consequências disso tudo para a crise climática”, destaca Suely Araújo.

Metodologia

Além da plataforma Farol Verde, do Instituto Democracia e Sustentabilidade, a análise fez uso de fontes oficiais como Câmara, Senado, assembleias legislativas e governos para classificação de parlamentares eleitos ainda sem classificação no índice de convergência ambiental.

Índice de convergência com a causa climática é classificado como “baixo” ou “muito baixo” no Legislativo

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (61)

Cordel é poesia? Por ser um estilo popular, está abaixo da poesia erudita? Por que homens de projeção social têm vergonha de escrever cordel e publicam sob pseudônimo?

“O cordel é muito mais que a poesia, uma árvore que abriga toda uma cultura. Fazer essas comparações é uma coisa muito pequena” (Ostenio Nunes).

Na real, entre 10 “cordelistas”, sete empobrecem a rima, quebram o pé da métrica e embolam a oração na redondilha maior da picaretagem.

Fanatismo sebastianista no Hino a João Pessoa: “João Pessoa / João Pessoa / Bravo filho do Sertão / Toda pátria espera um dia / a tua ressurreição”.

“Os egípcios antigos desenvolveram a arte funerária para que os mortos pudessem viver melhor” (Sonsinho, no seu TCC de Jornalismo).

Sabe-se que 99% de todos os trabalhos realizados no mundo são tolos e desnecessários, ou prejudiciais e cruéis. Vivo na boa, curtindo a ociosidade. Hoje é dia do idoso preguiçoso.

Recebemos mensagem de Nesmar Monteiro, morador da cidade de Ipiuíá, uma comunidade pequena no Sertão da Bahia. Naquelas paragens, informa o leitor, “o poeta Jessier Quirino retrata o Nordeste como ninguém, entra na alma do nosso povo, fala com uma sabedoria de quem viveu as agruras e alegrias do sertanejo”.

“Aqui em nossa Rádio Comunitária, Jessier Quirino está invadindo as casas com suas prosas e canções. Mas tem um detalhe: só as rádios comunitárias tocam Jessier, porque as outras se resumem ao forró falsificado das bandas bundinhas”.

O africano só descobriu que Jesus morreu por ele quando o colono europeu chegou na África para lhe transmitir essa informação e aproveitou para escraviza-lo em nome da divindade branca.

Ainda ensinaram que sofrer é uma virtude porque aproxima a vítima de Deus.

Café é uma droga, mas não defendo sua proibição. As pessoas têm o direito de se lascar.

Se for comprar votos, peça a nota fiscal.

Tudo bem que eu não realize meus sonhos, mas espero que outros não realizem meus pesadelos.

“Candidate-se. Por mais idiota que seja, sempre haverá outros idiotas para acreditar que você não o é” (Millôr).

Tem uma mídia eletrônica que não é marrom. Fica num tom entre cor de fezes e azul cabotino.

“Hoje vivemos uma midiocracia” (José Octávio de Arruda Mello).

“Na praia de nudismo de Tambaba, os meninos nascem nus” (Sonsinho).

“As pessoas que sabem como dirigir o país estão todas ocupadas dirigindo uber e cortando cabelo” (George Burns).

“O caminho da cura pode ser a doença” (Racionais Mc’s).

“Eleitor é esse desconfiado que de quatro em quatro anos anula a sua desconfiança” (Kubitschek Pinheiro).

Dúvida de Sonsinho: se os padres não casam, como se reproduzem?

Uma certeza consoladora: meu complexo de inferioridade não é inferior ao de ninguém.

SUS E AÉREAS

Parceria garante envio de sangue raro

Ministério viabilizou, pela primeira vez, o transporte gratuito do insumo na cabine de uma aeronave comercial

Agência Gov

O Sistema Único de Saúde (SUS) realizou, na última quinta-feira (9), o segundo transporte de sangue raro na cabine de um voo comercial, por meio de uma parceria do Ministério da Saúde com as companhias aéreas. A bolsa de sangue, coletada no Ceará, foi enviada na quinta-feira e chegou no dia seguinte a Juiz de Fora (MG), onde um paciente em estado grave aguardava uma transfusão.

A iniciativa permite reduzir o tempo de transporte e agilizar o atendimento a pacientes que necessitam de tipos sanguíneos raros, seguindo o modelo já adotado para o transporte de órgãos destinados a transplantes. Até então, as bolsas de sangue raro eram transportadas como carga, modalidade sujeita a prazos mais longos e restrições.

“O transporte de sangue raro envolve situações clínicas que exigem articulação e colaboração entre diferentes instituições. A inclusão desse serviço na parceria entre o Ministério da Saúde, por meio do Sistema Nacional de Transplantes (SNT), a Anac e as companhias aéreas permitirá agilizar o atendimento a pacientes em qualquer estado do país e viabilizar tratamentos que, de outra forma, poderiam não acontecer. A iniciativa fortalece a rede de solidariedade que faz do Brasil e do SUS uma referência para o mundo”, afirma a coordenadora-geral de Sangue e Hemoderivados do Ministério da Saúde, Luciana Maria de Barros Carlos.

Com a atualização do



Foto: Paulo Cavalcanti/Hemoce

O atendimento depende da rede de hemoterapia, responsável por localizar doadores, armazenar o sangue e organizar o traslado

acordo, o transporte de sangue raro poderá ser realizado com mais agilidade, inclusive à noite, nos fins de semana e feriados, garantindo que o material chegue em tempo oportuno aos pacientes que necessitam de transfusão. A iniciativa envolve o Ministério da Saúde, por meio do Sistema Nacional de Transplantes (SNT) e da Coordenação-Geral de Sangue e Hemoderivados, a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) e as companhias aéreas brasileiras.

Entenda o caso

O paciente, que passou por um transplante renal, está internado em Minas Gerais. Durante os testes pré-transfusoriais, foi identificada a presença do anticorpo anti-Jsb, o que dificultou a localização de sangue compatível. Diante da situação, a rede de hemoterapia acionou o Ca-

dastro Nacional de Sangue Raro (CNSR), que permitiu localizar um doador no Ceará.

O doador compareceu ao hemocentro, e a bolsa de sangue foi coletada e liberada no mesmo dia. Devido à gravidade do quadro clínico do paciente, o material será acondicionado em embalagem apropriada, com controle rigoroso de temperatura, e transportado gratuitamente na cabine de uma aeronave comercial até Minas Gerais. Outros doadores também estão sendo convocados para garantir o atendimento às necessidades de transfusão do paciente.

Gratuito

Em 12 de setembro, o Ministério da Saúde viabilizou, pela primeira vez no Brasil, o transporte gratuito de uma bolsa de sangue raro na cabine de uma aeronave comercial, de São Paulo para o Piauí.

O material foi destinado a um paciente com doença renal crônica, em estado grave, que necessitava de transfusão. Após exames identificarem uma combinação sanguínea extremamente rara, a rede de hemoterapia acionou o Cadastro Nacional de Sangue Raro (CNSR) e localizou um doador compatível em São Paulo. A transfusão foi realizada com sucesso e, segundo a equipe responsável pelo atendimento, o paciente apresentou bom estado de saúde após o procedimento.

Busca

Além dos sistemas sanguíneos mais conhecidos, como ABO e Rh, existem outros antígenos presentes na superfície das hemácias. Um perfil sanguíneo é considerado raro quando ocorre em menos de uma a cada mil pessoas testadas. Nesses casos, encontrar sangue com-

patível para uma transfusão pode exigir buscas em diferentes estados do país. Exames como a fenotipagem e a genotipagem permitem identificar características específicas do sangue de pacientes e doadores, facilitando a localização de unidades compatíveis.

Esse atendimento depende da atuação integrada da rede de hemoterapia, responsável por identificar e localizar doadores, armazenar as bolsas de sangue e organizar o transporte. Entre os avanços previstos estão a ampliação da identificação de pessoas com perfis sanguíneos raros, a estruturação de laboratórios de referência e a implantação do congelamento dessas bolsas, técnica que permitirá armazená-las por até dez anos. Outra frente é a adesão do Brasil à rede mundial de sangue raro, prevista para este mês, que permi-

tirá ao país solicitar bolsas a outros países, quando necessário, e contribuir com o atendimento de pacientes no exterior.

Cadastro Nacional

Criado pelo Ministério da Saúde em 2013, o Cadastro Nacional de Sangue Raro (CNSR) reúne atualmente 2.032 doadores e já contribuiu para o atendimento de mais de 300 pacientes. Quando um hemocentro não encontra sangue compatível no próprio estado, pode acionar o cadastro, coordenado pela Coordenação-Geral de Sangue e Hemoderivados do Ministério da Saúde. A partir dessa solicitação, a equipe identifica possíveis doadores em outros estados, articula a convocação para a coleta e apoia a organização do transporte, garantindo que o sangue chegue ao paciente em tempo oportuno.

Transporte aéreo

O Acordo de Cooperação Técnica entre o Ministério da Saúde e as companhias aéreas já garante o transporte gratuito de órgãos destinados a transplantes. Em 2025, a Central Nacional de Transplantes intermediou 2.016 transportes, sendo 1.716 em voos comerciais e 300 em aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB).

Com a inclusão do sangue raro no acordo, essa estrutura também poderá ser utilizada para levar bolsas compatíveis de um estado a outro com mais rapidez, mesmo quando o doador estiver a milhares de quilômetros do paciente.

“PARTÍCULAS FANTASMA”

Bilhões de neutrinos atravessam a Terra a cada segundo

Agência Gov

Bilhões de partículas invisíveis atravessam a Terra a cada segundo sem deixar rastros. São os neutrinos, apelidados de “partículas fantasma” por quase não interagirem com a matéria. Apesar de tão discretos, eles carregam segredos fundamentais sobre o funcionamento do Cosmos, e por isso a descoberta de um novo método de detecção dessas partículas rendeu o Prêmio Nobel de Física de 2026 ao físico belga Francis Halzen, e segue impulsionando fronteiras na ciência mundial.

No Observatório Nacional (ON/MCTI), o estudo dos neutrinos na cosmologia é um dos focos do grupo de Cosmologia e Astropartículas. Recentemente, o dr. Gabriel Rodrigues defendeu sua tese de doutorado, intitulada “Massive Neutrinos and Cosmology”, sob a orientação do professor Jailson Alcaniz; nela, investiga o impacto dessas partículas subatômicas na estrutura de grande escala do Universo.

“É bastante significativo que esse seja o quinto Nobel

de Física diretamente associado aos neutrinos. Ao longo das últimas décadas, essas partículas passaram de algo extremamente difícil de detectar para ocupar um papel fundamental tanto na compreensão das propriedades mais básicas da matéria quanto na investigação da própria evolução do Universo. O prêmio deste ano mostra justamente essa evolução e reforça o papel cada vez mais importante dos neutrinos na física fundamental e na cosmologia”, afirmou o dr. Gabriel.

O que são os neutrinos?

Os neutrinos são partículas elementares indivisíveis, ou seja, não são formadas por nada menor. Eles são produzidos em reações nucleares, como as que acontecem no interior do Sol, no centro de supernovas (explosões de estrelas) e até em reatores nucleares na Terra.

Por não possuírem carga elétrica e interagirem de forma extremamente fraca com a matéria, conseguem atravessar planetas inteiros sem esbarrar em quase nada. Existem em três tipos ou “sa-

bores” conhecidos: neutrino do elétron; neutrino do múon e neutrino do tau.

Revolução da Astronomia

Durante décadas, detectar neutrinos de altíssima energia vindos do espaço distante parecia uma tarefa quase impossível devido à raridade com que eles interagem com a matéria. Para solucionar esse desafio, surgiu uma ideia revolucionária: utilizar o próprio gelo da Antártida como parte de um gigantesco detector natural.

Assim nasceu o IceCube Neutrino Observatory, um detector construído com 1,5 km e 2,5 km de profundidade no gelo do Polo Sul. Idealizado e liderado pelo físico Francis Halzen, o vencedor do Nobel de Física de 2026, o IceCube monitora 1 km³ de gelo ultra-puro com milhares de sensores fotossensíveis.

Ao interagir raramente com o gelo, os neutrinos geram traços sutis de luz (radiação Cherenkov) captados pelos sensores. Isso permitiu ao IceCube registrar, de forma inédita, neutrinos de alta energia de origem astro-

física, originados em eventos cósmicos violentos fora da nossa galáxia, como buracos negros supermassivos e blazares. A conquista abriu uma janela totalmente nova para observar o Universo, inaugurando a era da astronomia de neutrinos de ultra-alta energia.

Fronteiras da pesquisa

Descobrir que os neutrinos têm massa abriu um vasto campo de investigação. Saber o valor exato dessa massa e como essas partículas influenciam a distribuição de matéria no Universo primordial são perguntas cruciais para entender desde o microcosmo das partículas até a escala cosmológica.

É nesse cenário que se destacam as pesquisas conduzidas no ON, ajudando a decifrar o papel dessas misteriosas partículas na construção do Universo. O professor Jailson Alcaniz, orientador do dr. Gabriel Rodrigues no doutorado sobre neutrinos, também ressaltou a importância do Nobel de Física deste ano ter ido para um trabalho sobre o tema.



Foto: Divulgação/IceCube

Observatório Nacional estuda os neutrinos na cosmologia

“O Prêmio Nobel deste ano evidencia como os neutrinos se tornaram uma ferramenta das mais importantes para investigarmos o Universo. Por interagirem muito fracamente com a matéria, essas partículas podem carregar informações de regiões e fenômenos extremos que muitas vezes são inacessíveis por outros meios de observação”, explicou Alcaniz.

A importância dos neutrinos, no entanto, vai muito além da astrofísica de altas energias. De acordo com o pesquisador, na Cosmologia, eles deixam assina-

turas na formação das estruturas em grande escala do Universo. “No ON, nosso grupo tem explorado justamente essa conexão, combinando modelos teóricos e dados cosmológicos para estabelecer vínculos sobre propriedades fundamentais dos neutrinos, em particular sua massa, destacou.

Jailson Alcaniz completa dizendo ser um exemplo “muito interessante de como observações do Universo em escalas cosmológicas podem nos ajudar a compreender a física de partículas em escalas microscópicas”.

Oportunidade

Editais somam 133 vagas no Nordeste

Seleções na Paraíba e em Pernambuco reúnem cargos para todos os níveis de escolaridade e salário de até R\$ 15 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Outubro mal começou, e o fim do ano já parece dobrar à esquina, com direito a decoração natalina e pisca-pisca. Mas, se você ainda pretende encaixar um concurso público nos planos de 2026, dá tempo para buscar uma nova oportunidade. No Sertão paraibano, a Prefeitura de Poço Dantas oferece 83 vagas para candidatos dos níveis fundamental, médio e superior, enquanto a Câmara de Guarabira abriu cinco postos em seu quadro de servidores. Já em Pernambuco, a Prefeitura do Recife está à procura de 45 músicos para integrar a orquestra e a banda sinfônica do município. Ao todo, são 133 vagas no radar.

Seleção robusta

Das três seleções destacadas, a maior delas está na Prefeitura de Poço Dantas. Há oportunidades para auxiliar de serviços gerais, agente administrativo, motorista, monitor de atividades educacionais, técnico em enfermagem, assistente social, engenheiro, fisioterapeuta, psicólogo e professor, entre outros cargos. Os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 15 mil, a depender da função escolhida, para jornadas de 20 a 40 horas semanais. Se você ficou interessado, acesse o *site* do Instituto de Gestão em Educação, Capacitação e Aperfeiçoamento Profissional (Igecap) até 20 de outubro e realize a inscrição. A taxa custa R\$ 60 para cargos de nível fundamental, R\$ 80 para médio e R\$ 117 para superior.



Foto: Divulgação/Câmara de Guarabira

As inscrições para a seleção na Câmara Municipal de Guarabira começam em 21 de outubro e seguem até 22 de novembro

Quanto à avaliação, ela será composta por prova objetiva, comum a todos os candidatos e prevista para 22 de novembro, além de etapas específicas para algumas funções. No caso de eletricista, motorista e operador de máquinas pesadas, será aplicada uma prova prática. Já professores e coordenadores pedagógicos terão análise de títulos como etapa adicional, enquanto agentes de combate às endemias deverão passar pelo curso de formação inicial. Todo o processo ocorrerá na cidade de Poço Dantas.

Câmara Municipal

Já em Guarabira, quem pretende disputar uma das

cinco vagas abertas na Câmara Municipal ainda terá alguns dias para organizar a documentação. As inscrições começarão em 21 de outubro e seguirão até 22 de novembro, pelo sistema da Comissão Permanente de Concursos (CPCCon) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Segundo o edital, há vagas para auxiliar de serviços diversos, vigilante, auxiliar administrativo e arquivista. Todos os cargos possuem uma carga horária de 40 horas semanais, com remunerações que vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 3,3 mil. As taxas custam R\$ 75, R\$ 95 e R\$ 115, conforme o nível de escolaridade.

Diferentemente do que

acontece em Poço Dantas, o candidato terá pela frente apenas uma etapa: a prova objetiva, marcada para 14 de fevereiro de 2027. A aplicação será em Guarabira, mas, se não houver espaço suficiente para todos os inscritos, o edital prevê a realização da pro-

va em cidades vizinhas, em um raio de até 100 km.

Músicos

Em Pernambuco, por sua vez, o concurso tem um perfil totalmente diferente dos outros dois. As 45 vagas abertas pela Prefeitura do Recife

são destinadas, exclusivamente, a músicos: são 34 para a orquestra sinfônica e outras 11 para a banda sinfônica. Entre as oportunidades, há espaço para instrumentos como violino, viola, violoncelo, contrabaixo, clarinete, fagote, oboé, trompa, trompete, trombone, tuba, piano e percussão.

Para concorrer, é preciso ter, no mínimo, Ensino Médio completo e experiência prática na especialidade escolhida, que será avaliada durante a própria seleção. A jornada prevista é de 30 horas semanais. Somados o vencimento básico e a chamada “gratificação de produtividade”, a remuneração total chega a R\$ 5,3 mil para candidatos de nível médio e R\$ 5,5 mil àqueles com nível superior.

As inscrições estão disponíveis no *site* da Fundação Universidade Empresa de Tecnologia e Ciências (Fundatec) até 28 de outubro, com taxa de R\$ 150. E atenção: no concurso recifense, não haverá uma prova objetiva tradicional. Em vez disso, os candidatos enfrentarão uma prova prática dividida em três fases, com execução de peças e excertos musicais. As avaliações devem ocorrer entre 1º e 21 de dezembro, em local ainda a ser definido.



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Poço Dantas



Pelo QR Code, acesse o edital da Câmara Municipal de Guarabira



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura do Recife

Arquivista tem a função de preservar provas e memórias

Um documento pode até parecer apenas mais um arquivo esquecido em uma pilha de registros, virtuais ou físicos, até o dia em que alguém precisa dele para verificar uma informação ou comprovar um direito. É nesse momento que entra em cena a figura do arquivista, cujo trabalho vai muito além de organizar papéis, como sugere o imaginário popular. Para Rebeca de Oliveira Patrício, diretora-executiva do Arquivo Público do Estado da Paraíba (Apepb), esse lado da profissão já veio à tona durante a faculdade, quando percebeu o quanto um “simples” documento pode impactar a vida das pessoas.

No caso dela, o interesse pela arquivologia não apareceu por acaso. Ainda no Ensino Médio, ao conhecer uma estudante do curso, percebeu que nenhuma outra carreira faria tanto sentido quanto aquela. “O fato de ser um curso que atua bastante no setor público sempre me atraiu. Sempre gostei da área pública”, conta. Depois, já na universidade, foi durante o estágio em um escritório de advocacia que começou a entender, na prática, como a



Foto: Arquivo pessoal

Rebeca destaca a importância de investir em especializações

profissão se relaciona com a realidade. Como os documentos tinham ligação com situações reais, organizá-los significava garantir que eles pudessem ser acessados. “Ficou nítido como a profissão pode ser um canal para contribuir”, conta. Mas seu interesse pela área não parou por aí: com o tempo, acabou seguindo para o mestrado em Ciência da Informação, concluído em 2019.

Hoje, essa responsabilidade ganhou outra escala. À frente do Arquivo Público do Estado, Rebeca participa da

elaboração de políticas para o Poder Executivo, atuando em uma instituição dedicada à preservação da documentação histórica e administrativa da Paraíba, sobretudo dos períodos colonial, imperial e da Primeira República.

Formação e demandas

Não à toa, para trabalhar como arquivista, a formação não pode terminar com o diploma. Para além da graduação em Arquivologia, Rebeca destaca a importância de investir em especializações, grupos de pesquisa e

programas de pós-graduação, caminhos que ajudam o profissional a aprofundar o conhecimento e ampliar suas possibilidades de atuação. Afinal, em uma área que dialoga cada vez mais com outros campos, é quase impossível ficar limitado ao próprio “quintal”. E mais: se os arquivos de hoje não estão apenas em caixas, e muitos já nascem em ambiente digital, o arquivista precisa acompanhar essas transformações para garantir que as informações continuem acessíveis e confiáveis com o passar do tempo. Ainda assim, Rebeca lembra que a essência da profissão permanece igual. “Mudaram o ambiente e o suporte, mas a base metodológica continua”, explica Rebeca.

Digitalizar não resolve tudo

Apesar das facilidades que a tecnologia proporciona, não dá para ignorar os desafios que ela impõe ao trabalho. Segundo a especialista, preservar arquivos digitais demanda planejamento e atualização constante, algo que aproxima, cada vez mais, o arquivista de áreas como tecnologia da informação e ciência da computação.

“No ambiente digital, precisamos lidar com riscos como exclusão, perda, corrupção de arquivos e obsolescência tecnológica”, enumera. E, diante deles, cabe ao profissional assegurar que o documento permaneça íntegro, autêntico, confiável e, acima de tudo, acessível.

Essa responsabilidade, por si só, já faria do arquivista um elemento indispensável dentro de qualquer instituição. Mas, como Rebeca ressaltava, ainda hoje, tem muita gente que não compreende exatamente o papel desse profissional. Muitas vezes, essa importância só aparece quando alguma coisa já deu errado. Um documento perdido ou um acervo desorganizado podem dificultar a recuperação de alguma informação e, por consequência, prejudicar o funcionamento do setor. “Se não houver gestão documental, critérios de organização, classificação e preservação, o que se faz é apenas transferir a desorganização do ambiente físico para o ambiente digital”, alerta.

Habilidades e mercado

Diante disso, pode até parecer fácil apontar a or-

ganização como uma das principais habilidades esperadas de um arquivista. Sim, ela ajuda bastante, mas está longe de resumir o perfil necessário para a carreira. Segundo a especialista, responsabilidade, visão social, capacidade prática e flexibilidade também fazem diferença, assim como a capacidade para identificar problemas e construir soluções possíveis para cada realidade. “O arquivista raramente encontra um cenário ideal”, resume.

Com tanta versatilidade em jogo, esse profissional encontra espaço para atuar não só com preservação histórica, mas, também, com segurança da informação, preservação digital e governança arquivística. Rebeca aponta ainda como possibilidades a consultoria e a assessoria para instituições públicas e privadas. Agora, se você pretende ingressar no serviço público por esse caminho, o concurso da Câmara Municipal de Guarabira oferece uma vaga para arquivista. O cargo exige formação superior em Arquivologia e registro profissional no órgão competente. A jornada é de 40 horas semanais, com salário inicial de R\$ 3,3 mil.

Selic Fixado em 16 de setembro de 2026 13,75%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial -0,79% R\$ 4,984	Euro € Comercial -0,92% R\$ 5,582	Libra £ Esterlina -0,53% R\$ 6,600	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2026 0,82 Agosto/2026 -0,32 Julho/2026 0,07 Junho/2026 0,16 Maio/2026 0,58	Ibovespa 209.066,91 pt +1,38%
---	---	--	--	---	---	--

EM JOÃO PESSOA

Airbnb movimentou mais de R\$ 1,6 bilhão em 2025

Aluguel por temporada cresce 11% em um ano e se consolida como negócio

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

As hospedagens por temporada no Airbnb movimentaram mais de R\$ 1,6 bilhão em João Pessoa, no ano passado, um crescimento de 11% em relação ao ano anterior, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) encomendado pela própria plataforma. O espaço que esse mercado vem ocupando também aparece no levantamento da AirDNA, uma empresa que reúne anúncios de plataformas de hospedagem, como o próprio Airbnb e o Booking.com. Em agosto, a ferramenta identificava 6.457 anúncios ativos em João Pessoa, com ocupação média de 56%.

O secretário de Turismo de João Pessoa, Daniel Rodrigues, estima que existam na capital 13 mil leitos disponíveis na hotelaria e 20 mil ofertados em plataformas virtuais, ou seja, 60% de toda a capacidade de hospedagem estimada. Segundo dados do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), 35% dos lançamentos imobiliários da capital em 2026 já têm esse perfil.

Para a diretora-geral do Airbnb para a América do Sul, Fiamma Zarife, a plataforma descentraliza os ganhos do turismo. “João Pessoa mostra como as viagens podem gerar oportunidades que permane-

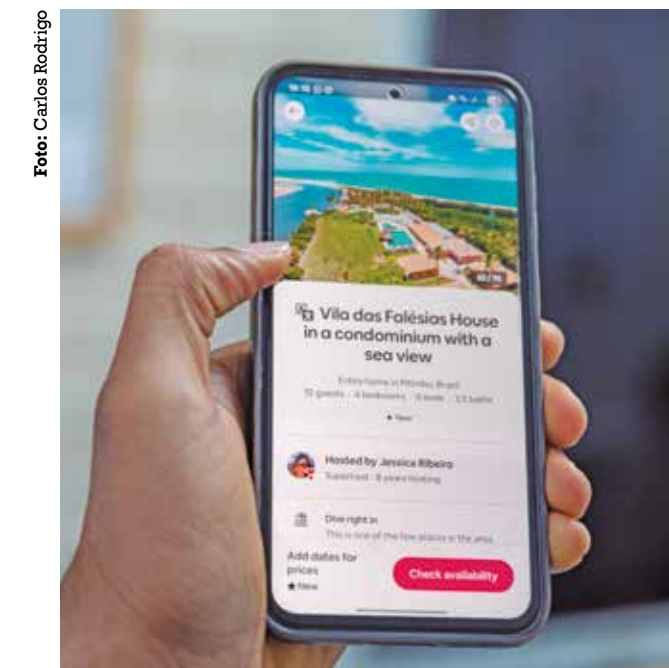


Foto: Carlos Rodrigo

Plataformas registraram 6.457 anúncios em agosto

cem na própria cidade. Os gastos dos visitantes chegam aos pequenos negócios, movimentam a economia local e ajudam a gerar renda para moradores de diferentes regiões da capital”, afirma.

A trajetória da engenheira civil Jéssica Santana Ribeiro ajuda a entender como o aluguel por temporada deixou de ser apenas uma alternativa de incremento de renda para se transformar em atividade profissional. Em 2012, antes de se mudar de Feira de Santana, na Bahia, para João Pessoa, ela comprou um apartamento na capital paraibana. Ela alugava o imóvel no Airbnb quando não estava na cidade. Essa é a reali-

dade de 75% dos anfitriões locais, percentual dos que usam a plataforma como fonte complementar de renda, segundo o levantamento da FGV.

Mas, quatro anos depois, Jessica decidiu se mudar definitivamente para a Paraíba e passou a morar no apartamento. A experiência com a locação, porém, fez com que ela enxergasse o potencial daquele negócio. “Quando cheguei em João Pessoa, trabalhava na minha área. Com o tempo, fui conhecendo meus vizinhos e percebi que muitos deles moravam fora da cidade. Eles começaram a me pedir ajuda para administrar os imóveis deles também. A partir daí, uma indicação foi levando

a outra, a quantidade de imóveis foi aumentando e o que começou por acaso acabou se tornando meu trabalho”, conta.

Hoje, Jéssica administra 15 imóveis de terceiros e mantém uma casa própria destinada à hospedagem. A atividade tornou-se sua única ocupação profissional. “A administração dos imóveis passou a me dar um retorno financeiro melhor, além de ter horários mais flexíveis. Isso me permitiu ter mais liberdade e uma qualidade de vida melhor”, relata.

Os imóveis administrados por Jéssica ficam nos bairros de Cabo Branco, Tambaú e Manaíra. Essas localidades estão justamente nas áreas com maior aumento no valor do aluguel residencial em João Pessoa, segundo o Índice FipeZAP de agosto de 2026. A capital registrou preço médio de R\$ 51,59 por metro quadrado e aumento de 11,6% em 12 meses, o sétimo maior entre as 22 capitais acompanhadas pelo indicador.

Em Manaíra, o valor médio chegou a R\$ 54/m², alta de 17% em 12 meses. No Bessa, o aluguel subiu 14,5%. Em Cabo Branco, onde os valores já são altos, subiram 6,4%, enquanto o Altiplano marcou 8,1%. Registros de elevações expressivas também ocorreram no Aeroclube (+22,8%), nos Bancários (+26,8%), no Portal do Sol (+15,9%) e no Miramar (+10,8%).

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Jucep — onde nasce uma empresa

Declaro de saída o meu lugar de fala: sou vogal da Junta Comercial da Paraíba (Jucep). Escrevo, portanto, de dentro — e é de dentro que se percebe o quanto essas instituições são mal compreendidas por quem olha de fora.

Dá para contar a história do comércio brasileiro pela história das Juntas Comerciais. Ela começa em 1808, quando a Corte portuguesa desembarca por aqui e a abertura dos portos exige, da noite para o dia, alguma ordem no que, até então, era improvisado. O alvará de 23 de agosto daquele ano cria a Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação. Não era burocracia por capricho: era a tentativa de dar previsibilidade a uma economia recém-aberta ao mundo.

De lá para cá, o país trocou de pele várias vezes. A Lei nº 8.934, de 1994, organizou o Sistema Nacional de Registro de Empresas Mercantis; a Lei da Liberdade Econômica, de 2019, e a Lei nº 14.195, de 2021, encurtaram prazos e derrubaram exigências. Hoje são 27 Juntas Comerciais, uma

“

Quem olha de fora enxerga carimbo.

Quem olha de perto enxerga economia. O registro é o ato que transforma uma intenção em pessoa jurídica

em cada estado e no Distrito Federal, administrativamente ligadas aos governos locais e tecnicamente orientadas pelo DREI.

Quem olha de fora enxerga carimbo. Quem olha de perto enxerga economia. O registro é o ato que transforma uma intenção em pessoa jurídica — e, a partir dali, a empresa pode assinar contrato, emitir nota, pleitear crédito, contratar com o poder público, ser auditada e ser cobrada.

Sem esse ato, não há confiança possível entre desconhecidos, que é exatamente aquilo de que o mercado vive.

Os números da Paraíba ajudam a aterrissar o argumento. No primeiro trimestre deste ano, a Jucep registrou 19.782 aberturas, contra 15.111 no mesmo período de 2025 — alta de 30,9%. João Pessoa respondeu por 8.108 delas, com avanço de 39,4%, e Campina Grande, por 2.906, com 41,6%. O estado chegou a 437.489 empresas ativas. Por trás de cada linha dessa planilha, há alguém que decidiu arriscar algo que tinha.

Seria leviano, porém, creditar o salto apenas à digitalização do registro. Processo ágil retira um obstáculo; não cria mercado, não substitui crédito, não ensina gestão. A pergunta que me interessa como economista não é quantas empresas abriram, e sim quantas continuarão abertas em 2029. Registro rápido sem política produtiva por trás produz estatística bonita e mortalidade precoce.

Por serem órgãos colegiados, as Juntas Comerciais reúnem representações e competências diversas em sua estrutura deliberativa. Isso qualifica a análise, mas também cobra o preço da governança: transparência nas decisões, consistência técnica, produção de informação sobre o universo empresarial — algo que ainda fazemos menos do que poderíamos, mas que estamos avançando para fazer cada vez mais.

Encerro com o que aprendi na cadeira de vogal. Empreender não é abrir uma empresa; é criar oportunidade, movimentar mercado, inovar, gerar riqueza. A Junta Comercial não faz nada disso substituindo o papel do empresário, ela fomenta e traz estabilidade ao ambiente de negócios. Ela garante, contudo, que, no dia em que alguém decidir tentar, a porta estará aberta e que o caminho seja curto.

É pouco? É tudo.

Expansão acende debate sobre regulação

A busca por limites à expansão desenfreada de locações temporárias mobiliza governos locais no exterior e no Brasil. Barcelona congelou novas licenças para hospedagens de curta duração na tentativa de conter o esvaziamento de bairros centrais, enquanto Veneza passou a exigir cadastro municipal obrigatório, controle do fluxo de visitantes e aplicação de taxas turísticas específicas direcionadas ao custeio de serviços públicos locais.

No Brasil, capitais como Rio de Janeiro e São Paulo debatem marcos regulatórios nas Câmaras Municipais. Na esteira dessa discussão, em maio de 2026, a Segunda Seção do Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu que a prática pode ser proibida em assembleia de condôminos por dois terços dos votos, desde que a utilização reiterada e profissionalizada seja caracterizada como uma alteração na finalidade do imóvel.

“É um fenômeno muito complexo, que tem preocupado arquitetos no mundo todo. O Airbnb é uma atividade voltada ao turista, mas, se não

for bem regulamentada, causa distorções que geram muitos problemas para os habitantes. O mercado acaba se autorregulando e cria áreas fortemente impactadas, onde a elevação acentuada dos aluguéis afasta a população residente. A cidade precisa de um *mix* para funcionar bem: você não pode ter um bairro estritamente para turistas, precisa ter habitantes, inclusive para trabalhar nos serviços prestados a esses visitantes”, analisa o arquiteto e urbanista Fabiano Melo, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil na Paraíba (IAB-PB).

Em João Pessoa, os dados disponíveis ainda não permitem vincular que a expansão das hospedagens de curta duração seja a única variável na inflação dos aluguéis, conforme explica o especialista. O arquiteto pondera, entretanto, que a concentração de atividades voltadas aos turistas amplia as pressões sobre os moradores. “Isso precisa preocupar, porque a população local perde a capacidade de adquirir ou alugar imóveis nessas áreas. Todo processo especulativo em excesso gera

gentrificação e traz problemas de mobilidade e pressão sobre a infraestrutura existente”, adverte.

Para o presidente do IAB-PB, o debate deveria se caminhar para o controle público. “A cidade é um espaço coletivo e precisa cumprir sua função social. Quando uma atividade privada gera ônus para a coletividade, o poder público precisa intervir. Não acho que seja o caso de proibir o Airbnb, mas de regulamentar. Precisamos de mecanismos de mapeamento, exigência de cadastro na prefeitura e criação de contrapartidas ou taxas que compensem os impactos gerados no espaço urbano”, defende.

Por outro lado, na avaliação de Jéssica Ribeiro, o trabalho para a plataforma mudou suas perspectivas financeiras e o crescimento dos imóveis por temporada acompanha a expansão natural do turismo. “Eu vejo mais benefícios do que prejuízos. Claro que, quando esse crescimento acontece de forma muito rápida, surgem novos desafios. Por isso, acho que a administração da cidade também preci-

sa acompanhar essa evolução. Então, para mim, o problema não é o aumento da oferta de imóveis para temporada, mas a cidade estar preparada para crescer junto com o turismo”.



Foto: Arquivo pessoal

“

A cidade é um espaço coletivo e precisa cumprir sua função social. Quando uma atividade privada gera ônus para a coletividade, o poder público precisa intervir

Fabiano Melo

MERCADO DE TRABALHO

Academia ganha força como benefício

Com avanço da NR-1, convênio entra na lista dos 10 mais oferecidos pelas empresas no primeiro trimestre

Agência Estado

O pacote de benefícios corporativos no Brasil ganhou um novo integrante em 2026: o convênio com academias. Segundo levantamento do Infojobs, divulgado pela *Exame*, o benefício apareceu, pela primeira vez, entre os 10 mais oferecidos no país, em 19% das mais de 177 mil vagas analisadas no primeiro trimestre do ano.

O movimento acompanha a atualização da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1), em vigor desde 26 de maio de 2026, que passou a exigir das empresas a inclusão dos riscos psicossociais no gerenciamento de riscos ocupacionais. Segundo orientações do Ministério do Trabalho, a norma exige a identificação, avaliação e prevenção de fatores como sobrecarga, jornadas extensas, falta de autonomia e assédio.

Os benefícios tradicionais ainda lideram, com vale-alimentação presente em 88% das vagas, vale-transporte em 50%, plano de saúde em 33% e seguro de vida em 28%. Ainda assim, a entrada da academia no *top 10* é vista como sinal de que saúde e qualidade de vida ganham espaço mais estratégico na relação entre empresas e colaboradores.

Para Ivete Gama, CMO da Ultra Academia, rede *fitness* presente em 16 estados, o dado reflete uma mudança na forma como o mercado de trabalho encara o exercício físico. “A academia deixou de ser percebida apenas como um benefício adicional ou uma vantagem para atrair talentos. Ela começa a ser incorporada a uma visão mais ampla de prevenção, saúde mental e sustentabilidade da força de trabalho. Para o mercado *fitness*, essa transformação abre uma frente importante de atuação junto às empresas”, afirma.

Saúde mental

O crescimento da atenção às questões emocionais no trabalho também aparece nos afastamentos. Segundo dados do Ministério da Previdência, o país concedeu 546.254 benefícios por incapacidade temporária por transtornos mentais em 2025, alta de 15,66% em comparação a 2024. Globalmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que depressão e ansiedade causem a perda de 12 bilhões de dias de trabalho por ano, com impacto próximo de US\$ 1 trilhão em produtividade.

Para Ivete, esse cenário ajuda a explicar por que a nova norma trouxe o tema ao centro da agenda corporativa. “A NR-1 coloca luz sobre um problema que já afetava diretamente as organizações. Quando um colaborador adoece, o impacto não é apenas individual. Ele chega à produtividade, ao clima, à ope-

ração e à capacidade de retenção. As empresas começam a entender que prevenir também significa criar condições para uma rotina mais ativa e saudável”, destaca.

Proximidade com o RH

A OMS também aponta que a atividade física regular ajuda a reduzir sintomas de ansiedade e depressão, ainda que 31% dos adultos no mundo não atinjam os níveis recomendados de exercício, por falta de tempo, custo ou distância. Ao integrar o convênio com academias ao pacote de benefícios, a empresa contribui para reduzir parte dessas barreiras, abrindo frentes como planos corporativos e atuação conjunta com o RH.

Segundo a CMO da Ultra Academia, essa aproximação exige que as redes ampliem sua atuação além do relacionamento direto com o aluno. “O setor de academias passa a ser visto como parte da infraestrutura de bem-estar das empresas. Isso exige que as redes estejam preparadas não apenas para receber o aluno, mas também para conversar com o RH, entender diferentes perfis de colaboradores e construir ações que realmente gerem adesão”, avalia.

A executiva pondera que o acesso à atividade física não substitui, isoladamente, a gestão dos riscos psicossociais exigidos pela norma. “A academia não substitui uma cultura saudável nem corrige, sozinha, problemas estruturais. Mas pode ser uma aliada relevante quando faz parte de

uma estratégia séria. O papel da Ultra é ajudar as empresas a transformar o incentivo à saúde em uma experiência acessível e presente na rotina das pessoas”, ressalta.

A entrada da academia no *top 10* sinaliza que o setor passa a ocupar posição mais próxima da estratégia de saúde ocupacional, e não apenas da atração de talentos. Combinada à NR-1, a tendência aponta para benefícios mais integrados, que conectam movimento, prevenção e saúde emocional.

“A NR-1 acelera uma conversa que o mercado de academias já vinha construindo: atividade física não é apenas estética ou lazer. É prevenção, saúde e qualidade de vida. Quanto mais empresas entenderem essa conexão, maior será a possibilidade de levar o movimento a pessoas que ainda não conseguiram incorporá-lo à rotina”, conclui Ivete Gama.

“
A academia deixou de ser percebida apenas como um benefício adicional ou uma vantagem para atrair talentos

Ivete Gama



Foto: Leonardo Ariel

Atividade física regular ajuda a reduzir sintomas de ansiedade e depressão, mas 31% dos adultos não atingem níveis recomendados de exercício

Apenas 15% dos empregados recebem treinamento sobre IA

Agência Estado

A inteligência artificial (IA) já deixou de ser uma tendência para se tornar parte da rotina dos trabalhadores. Segundo o *Future of jobs report*, do *world economic forum*, a IA está entre os principais fatores de transformação do mercado de trabalho nos próximos anos, exigindo das organizações uma revisão das competências que serão mais valorizadas no futuro. Nesse cenário, a nova edição da pesquisa *Engajamento na era da IA: o trabalho em transformação*, realizada pela Pluxee, empresa global de benefícios e engajamento de colaboradores, mostra que essa mudança já acontece no Brasil: atualmente, 81% dos trabalhadores brasileiros já utilizam ou demonstram interesse em utilizar soluções de IA no ambiente profissional — consolidando o país entre os mercados mais receptivos à tecnologia.

Realizado com 9.600 trabalhadores em 14 países — sendo mil brasileiros —, o levantamento revela que o debate sobre inteligência artificial nas empresas entrou em uma nova fase. Se, até pouco tempo, o principal desafio era incentivar a adoção da tecnologia, agora a prioridade passa a ser garantir que as pessoas saibam utilizá-la de forma estratégica, ética e crítica. No entanto, embora a IA esteja cada vez mais presente na rotina profissional, apenas 15% dos trabalhadores afirmam ter recebido treinamento formal oferecido pelas organizações para utilizar a ferramenta, evidenciando um descompasso entre a velocidade da adoção e a preparação das empresas para esse novo cenário.

Os resultados mostram que a inteligência artificial já ocupa um papel muito mais estratégico do que operacional. Entre os profissionais brasileiros, 61% utilizam

para gerar ideias e estimular a criatividade; 60% recorrem à tecnologia para aprender coisas novas e desenvolver habilidades; 58% a utilizam para executar tarefas complexas; e 54%, para aumentar a produtividade. Mais do que automatizar tarefas, a IA passou a atuar como uma aliada na construção de conhecimento, na resolução de problemas e na tomada de decisões.

Essa percepção também aparece na forma como os trabalhadores enxergam os impactos da tecnologia. Para 88% dos brasileiros, a inteligência artificial está promovendo mudanças positivas no ambiente de trabalho e apenas 1% afirma ter perdido o emprego em decorrência dela. O dado reforça que, no Brasil, a IA é percebida muito mais como um recurso capaz de ampliar o potencial humano do que como uma ameaça à empregabilidade.

Investimento nas pessoas

A rápida incorporação da IA ao cotidiano profissional contrasta com o ritmo de preparação das empresas. Apenas 18% dos trabalhadores percebem suas organizações acelerando a transformação digital por meio da IA, enquanto 27% acreditam que a adoção da tecnologia será um dos principais desafios enfrentados pelas empresas no próximo ano.

Além disso, 41% dos entrevistados apontam a necessidade de ampliar a oferta de treinamento técnico para o uso da solução e 31% defendem o desenvolvimento de habilidades para avaliar criticamente os conteúdos produzidos pela tecnologia, evidenciando que o debate já não se limita ao acesso às ferramentas, mas à capacidade de utilizá-las de forma estratégica.

Fabiana Galetol, diretora de Recursos Humanos da Pluxee no Brasil, explica que exis-

te uma tendência de associar a preparação das empresas para a inteligência artificial principalmente ao investimento em tecnologia. “A pesquisa mostra justamente o contrário. O maior investimento passa a ser nas pessoas. O diferencial competitivo não estará nas ferramentas — elas serão cada vez mais acessíveis. Estará na capacidade dos profissionais de transformar inteligência artificial em inteligência aplicada aos negócios. Por isso, investir no desenvolvimento das pessoas será tão decisivo quanto investir em tecnologia”, afirma.

Nesse contexto, a pesquisa também mostra que a consolidação da IA dependerá cada vez mais da forma como as lideranças conduzirão essa transformação dentro das organizações. Hoje, 59% dos trabalhadores afirmam que seus gestores incentivam o uso da ferramenta, ainda que acompanhado de recomendações de cautela. Ao mesmo tempo, 30% acreditam que a gestão se tornou mais exigente desde sua implementação e 24% sentem que seus líderes passaram a desconfiar mais da autoria ou da capacidade técnica das equipes, presumindo que parte das entregas tenha sido realizada com apoio da IA.

Para Galetol, esse cenário reforça que o papel das lideranças vai além de definir regras para o uso das soluções de automação. “As lideranças precisarão criar ambientes em que inovação, aprendizado contínuo e confiança caminhem juntos. Isso significa estimular a experimentação, orientar o uso responsável das ferramentas e investir continuamente no desenvolvimento das capacidades que a IA não é capaz de substituir, como pensamento crítico, criatividade, repertório e discernimento na hora de tomar decisões”, completa.



Foto: Leonardo Ariel

Passe para academias é ofertado em 19% das mais de 177 mil vagas analisadas

CARRAPATEIRA

Cidade vive avanços da ciência astronômica

Temática impulsiona o desenvolvimento e a divulgação científica no Sertão

Márcia Dementshuk
Ascom Secties
Especial para A União

Os desdobramentos da tecnologia e da ciência astronômica na Paraíba apontam sinais do progresso em Carrapateira, claramente observados em experiências vivenciadas pelos moradores. Eles prontamente buscam qualificação para as novas ocupações que jamais pensariam que pudessem surgir em uma pequena cidade no Sertão da Paraíba.

Um exemplo disso é a história da engenheira civil Edilenne Lira, natural de Carrapateira, formada no Centro Universitário Santa Maria, em Cajazeiras, e com pós-graduação no Instituto de Pós-Graduação e Graduação, em João Pessoa. Ao tomar conhecimento da construção do Radiotelescópio Bingo, em Aguiar, próximo à sua cidade, ela imediatamente enviou currículo para a empresa responsável pela obra da estrutura de apoio dos equipamentos da iniciativa. E foi selecionada.

“A obra requer precisão para acomodar os espelhos e as antenas cornetas que estarão apontadas para o espaço. Serão 28, inicialmente, cada uma com mais de 4 m de comprimento, pesando quase meia tonelada”, explicou a engenheira. “O terreno onde está sendo montada a estru-



Foto: Divulgação/Secties

Radiotelescópio Bingo vem transformando o Sertão da PB

tura precisou ser esculpido, pois a maior parte é rocha. Mais de um terço do projeto já foi executado”, informou.

No entanto, o sucesso atual de Edilenne Lira foi firmado em dias de cansaço e tristeza, como lembrou. As estradas entre Carrapateiras e Cajazeiras, via São José de Piranhas, não eram pavimentadas quando ela estudava, nos anos 2016-2017. Muitas vezes, após uma chuva, a lama e os buracos eram tão grandes que o transporte não atraves-

sava. “Nós éramos acolhidos por moradores voluntários em Cajazeiras e voltávamos no dia seguinte. Para a gente, até a estrada é uma tecnologia nova, que chegou agora”, ressaltava.

“O projeto Bingo está proporcionando e impulsionando a construção e a ligação de outras vias. Está em construção uma estrada que liga Carrapateira a Bom Jesus e Cajazeiras”, informou a engenheira. O trajeto entre Carrapateira e a localidade de Lajes

(próxima ao Bingo), ganhou uma estrada para carros. A integração de Carrapateira a uma rota turística científica no Sertão funciona como um vetor de modernização para uma cidade historicamente isolada e de economia tradicional, focada no funcionalismo público, pequeno comércio e pecuária. Recentemente, Edilenne fez uma viagem profissional, associada ao projeto, à China. O fato serviu de sinal, confirmando as mudanças locais; empresários e produtores devem começar a enxergar novas possibilidades de investimento.

A proposta é integrar estes espaços em um roteiro de turismo científico pelo Sertão, unindo ciência, educação, história, patrimônio e desenvolvimento regional. O percurso turístico-científico terá como ponto de partida a Cidade da Astronomia, em Carrapateira. De lá, seguirá para o Radiotelescópio Bingo, em Aguiar, por uma rota exclusiva de acesso. Depois, continuará pelo Vale dos Dinossauros, em Sousa, e terminará no Museu de Arqueologia, em Cajazeiras.

A sequência permite contar uma história ao visitante: começa com a origem e a evolução do Universo, passa pela observação do espaço, chega aos registros da vida pré-histórica e termina com os vestígios da presença humana no território.

Iniciativa estimula a comunicação popular

Quando a Cidade da Astronomia — um complexo científico com planetário, museu e observatório astronômico, salas e auditório — estiver em operação em Carrapateira, haverá muito o que comunicar. Sem perda de tempo, a comunidade mobiliza-se para fazer isso de forma eficiente. Uma das ferramentas potentes é o *podcast*.

Em agosto, a oficina de *podcast* “Comunicadores da Ciência”, realizada na cidade, teve a lotação de 30 vagas esgotadas. Entre os participantes, estavam jovens e adultos de várias idades. Foram 12 horas intensas, divididas em dois dias, aprendendo técnicas para formular o texto e roteirizá-lo; captar a voz com uma locução clara; executar a edição de áudio em um programa de computador e ter conhecimento de aplicativos para publicação. Ao fim, como “cereja do bolo”, a turma produziu dois *podcasts* de 10 minutos cada um, que foram veiculados em um *site* de notícias.

É um projeto planejado para ser executado nos municípios que integram a rota científica do Sertão — Carrapateira e Sousa, onde já foi realizada; em Aguiar, será nos próximos dias 17 e 18, posteriormente, em Cajazeiras. “A oficina é uma inicia-

tiva de organização comunitária e de livre expressão. O propósito é qualificar e dar ferramentas mínimas para que os interessados possam produzir seus próprios *podcasts*, focando na divulgação científica e no desenvolvimento do próprio território”, explica o idealizador e jornalista Luiz Henrique Parahyba.

A ideia foi lançada em Carrapateira e ganhou repercussão. O professor de Geografia e História, Rodrigo Pedrosa, tornou-se aluno na oficina “Comunicadores da Ciência” e incentivou a participação de alguns de seus estudantes da escola. Foram todos colegas no desafio novo. “O pouquinho que eu sabia aperfeiçoou bastante. A educação é isso, a gente está para aprender e para crescer”, afirmou Pedrosa.

Na escola onde leciona, o professor utiliza metodologias que integram o aluno às atividades. A turma já produziu e postou no Instagram da escola um curta-metragem de comédia, o qual tem como pano de fundo o cotidiano na cidade em tempos de seca. A junção desse entusiasmo com a pauta científica emergente no município resultará em fértil produção de informações.

Partilha de saberes

Outro meio de atingir o

público são as rádios comunitárias — uma tradição no Sertão —, pois a oralidade é uma herança entre os sertanejos. Isso torna o rádio um meio de comunicação alinhado à cultura local. É comum nas cidades, há anos, ter a transmissão por alto-falantes presos em postes ou lugares altos. A emancipação de Carrapateira foi anunciada dessa forma, em 1961, pela Rádio Centro, segundo levantamento histórico feito pelo morador Marcos Menezes, da diretoria da Associação de Desenvolvimento Comunitário de Carrapateira.

Entretanto, recentemente essa rádio precisou ser desativada, em função das reformas na cidade. “Mas acabamos de obter uma licença do Ministério das Comunicações para ocuparmos a onda FM 87.9. Por meio da associação, já compramos a aparelhagem e, até o fim do ano, entraremos no ar”, acredita Menezes.

Graciele Oliveira, pesquisadora no Programa de Educação e Comunicação C2PO-USP, analisa esses fatos a partir de um nível nacional e observa a ciência na Paraíba como uma política pública: “As ações de popularização, de divulgação científica ou comunicação pública da Ciência [como no caso da rádio e do *podcast*], fortalecem

a cidadania e colaboram para que a Ciência pertença à própria comunidade”, declara a pesquisadora.

“A divulgação científica existe dentro de um contexto geográfico, político, social, e econômico, realizado com pessoas, para que se possa tornar público o conhecimento científico. É uma ideia de democratização do conhecimento. Portanto, é preciso desenvolver a comunidade que participa desse processo”, explica Graciele Oliveira.

“Considerar todos os atores sociais como um conjunto é o que torna a divulgação científica transformadora. Ao acessar e produzir conteúdo relacionado à Ciência, a população passa a compreender assuntos que começam a fazer parte do dia a dia, e conectam isso com suas realidades”, finaliza.

■
Oficina realizada na cidade teve 30 vagas esgotadas, com pessoas interessadas em aprender a produzir podcasts

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Alice e o leite do espelho

Olhe para as suas mãos. São quase idênticas, mas não há como sobrepor uma a outra: a luva da direita não serve na esquerda. Os químicos chamam essa propriedade de “quiralidade”, do grego *cheir*, mão. A Academia Sueca recorreu a mesma ideia ao anunciar o Nobel de Química 2026, concedido a Henri Kagan e Kenso Soai, pela descoberta de efeitos não lineares e de autocatálise na síntese orgânica assimétrica.

Para entender o prêmio, convém atravessar o espelho com Alice. Em 1871, Lewis Carroll, que, além de escritor, era o matemático Charles Dodgson, mandou a menina para o outro lado do vidro. Lá, as palavras aparecem invertidas, os caminhos pedem que se ande para longe do destino e Alice faz uma pergunta que parece capricho infantil, mas é química pura: Será que o leite do mundo do espelho serve para beber?

A pergunta é boa e a resposta é “talvez não”. Moléculas também têm mãos. Duas versões de uma mesma molécula, imagens especulares uma da outra, têm as mesmas peças e o mesmo peso, mas não se encaixam uma na outra, como as luvas. O nosso corpo é feito de peças com mão definida e só reconhece bem uma das versões. Uma cheira a laranja, a outra a pinho. Em medicamentos, a diferença pode ser tragédia: a talidomida virou a lição mais famosa sobre o preço de misturar as duas mãos. Se Alice bebesse o leite espelhado, as proteínas dela provavelmente não saberiam o que fazer com ele.

A história começa no século 19, quando Louis Pasteur separou, com pinça e paciência, cristais “destros” e “canhotos” de um mesmo sal. Desde então, o desafio é fabricar apenas a mão certa, sem desperdiçar a outra. Foi aí que entraram os laureados.

Kagan, nos anos 1980, percebeu algo que contrariava a intuição. Esperava-se que um catalisador “meio puro” desse um produto “meio puro”, numa proporção direta. Nem sempre. Em certos sistemas, um catalisador modesto produz um resultado muito melhor do que a conta ingênua prevê, porque as moléculas de mãos opostas juntam-se entre si e saem de cena. É o efeito não linear. A natureza, ao que parece, não faz regra de três. Como os gêmeos Tweedledum e Tweedledee, que Alice encontra do outro lado do espelho, as duas mãos, às vezes, enroscam-se uma na outra.

Soai foi além, em meados dos anos 1990. Descobriu uma reação na qual o produto funciona como catalisador da própria formação. É a autocatálise. Partindo de um desequilíbrio quase imperceptível entre as duas mãos, a reação o amplifica a cada ciclo, até que uma das versões domine quase por completo.

Quem já tocou guitarra conhece o fenômeno. Aproxime o instrumento do amplificador no volume errado e um ruído mínimo vira o uivo da microfonia: o som alimenta a si mesmo e cresce até tomar a sala. A reação de Soai é uma microfonia química, em que um sussurro de assimetria vira uma afirmação inteira.

E aqui a Ciência encontra uma pergunta antiga. A vida na Terra usa quase só aminoácidos “canhotos” e açúcares “destros”. Por quê? Ninguém sabe ao certo, mas a autocatálise mostra um caminho plausível: bastaria um minúsculo acaso inicial, amplificado por reações que se alimentam de si mesmas, para a natureza escolher uma mão e esquecer a outra. Se o acaso tivesse sorteado o lado oposto, talvez fôssemos nós os habitantes do espelho e o nosso leite seria o impróprio.

Em 10 de dezembro, em Estocolmo, o rei Carlos XVI Gustavo entregará as medalhas. A lição do prêmio fica para qualquer dia: o mundo é cheio de pequenas assimetrias e, às vezes, basta um sussurro, bem amplificado, para decidir o que vem depois. Alice voltou do espelho sem saber ao certo qual dos dois mundos era o verdadeiro. A química de Kagan e Soai ajuda a entender por que o nosso ficou com esta mão.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

MEIO AMBIENTE

Abelhas garantem a biodiversidade

Insetos são responsáveis pela polinização de aproximadamente 70% do total de plantas cultivadas no Brasil

Emerson da Cunha
emerson.anniao@gmail.com

Há cerca de cinco anos, Rômulo Cavalcanti dedica-se ao cultivo de abelhas nativas sem ferrão, a meliponicultura. Tudo começou com o falecimento do pai e a prostração decorrente do luto. Sem muito ânimo sobre o que fazer ou para sair de casa, foi recebendo, dos vários amigos, ideias de *hobbies* e atividades, sem nada chamar muita sua atenção. Decidiu, então, ir a um jantar do trabalho, mais por obrigação do que por vontade. “Você não faz Biologia, né, Rômulo?”, um amigo perguntou. Com a afirmativa, o colega começou a falar dos cuidados e os tratos na criação de abelhas sem ferrão, o que deu origem a uma conversa mais animadora. A partir disso, foi um pulo para Rômulo conhecer um meliponário na própria cidade, Campina Grande, e começar a criar suas próprias abelhas em casa.

“Então eu comprei, na época, minha primeira colmeia de jandaíra, porque ele [o vendedor] disse: ‘Para você, que não tem tanta experiência, vai ser uma abelha boa para começar, uma abelha resistente, não vai te dar muito trabalho’. Então eu levei essa colmeia para casa. Eu lembro que o que me fazia esquecer um pouco da dor da perda do meu pai era o tempo que eu ficava com as abelhas. Eu colocava uma cadeira no terraço da minha casa, onde estava a colmeia, e eu passava horas ali, vendo elas trabalharem. Eu perdia, de fato, as horas, só vendo elas saindo, e quando voltavam, elas vinham com as perninhas cheias de pólen”.

A paixão pela meliponicultura cresceu tanto que ele criou e, até hoje, mantém o Centro de Estudo e Manejo com Abelhas Sem Ferrão (Cemasf). Além de ser um espaço de cultivo e de visitação para interessados, funciona como um canal de divulgação da prática por meio de postagens nas redes sociais. O centro conta com dois polos, um em Campina Grande e outro em Riachão do Poço. “Nesse polo de Campina, como a região aqui é mais voltada para o bioma de Caatinga, então a abelha que eu resolvi deixar no meliponário é a abelha jandaíra, conhecida como ‘a rainha do Sertão’. O segundo polo fica próximo ao Cajá. A vegetação é de uma área de transição, mais puxada, realmente, para a Mata Atlântica. Lá, a gente usa a abelha-urucu-nordestina e a abelha-canudo, que são abelhas também mais adaptadas ao bioma”, explica Rômulo.

Além de ter o próprio cultivo, há cerca de seis meses, Cavalcanti sugeriu montar um meliponário de abelhas sem ferrão no espaço do Quintal Produtivo, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), um projeto de extensão e pesquisa voltado para a agricultura familiar e a partilha de técnicas simples de sustentabilidade, como hortas medicinais, viveiros de mudas, casas de sementes, além de prover área de compostagem. No local é possível encontrar viveiro de espécies frutíferas, anfiteatro a céu aberto para 25 pessoas, além de um lago e uma mandala de ervas medicinais, um roçado agroecológico, jardim e plantações de hortaliças para cultivo de alface,



Meliponário de abelhas sem ferrão no espaço do Quintal Produtivo, na UEPB, possui espécies variadas e reúne técnicas de sustentabilidade

coentro, beterraba, cebola, entre as mais de 50 espécies plantadas na sua extensão. O local faz parte do Laboratório de Ecologia Vegetal Integrativa (Levin), coordenado pelo professor Sérgio Lopes, e agrega estudantes de cursos como Biologia, Agroecologia, Agronomia e Engenharia Ambiental. Atualmente, o Quintal Produtivo conta com quatro espécies de abelhas: jandaíra, jati ou abelha-mosquito, irai e moça-branca.

As abelhas sem ferrão foram escolhidas para compor o Quintal Produtivo principalmente em função de o quintal ser uma vitrine de diversos cultivos e, assim, a meliponicultura poderia figurar como uma ferramenta pedagógica não apenas das práticas desse tipo de cultura, mas também para



Fotos: Julio Cesar Peres

sensibilizar as pessoas sobre como elas lidam com abelhas no seu dia a dia e a existência das espécies nativas sem ferrão. “Muita gente chega no meliponário com medo até de aproximar-se porque associa abelha ao medo, à ferroadia, a acidente. Então a gente consegue quebrar também esse paradigma e mostrar para a população que as abelhas nativas são dóceis, podem ser manejadas sem nenhum auxílio de roupa especial. São abelhas que têm um potencial ecológico, mas um potencial terapêutico mui-

to grande também. Tem pessoas que trabalham hoje com a melipoterapia, por exemplo, que é um trabalho fantástico, que lida com essa questão de se desestressar, da ansiedade, só no contato com as abelhas”, explica Cavalcanti.

Outra razão é a ambiental. A presença das abelhas certamente pode colaborar na reprodução e no cultivo dos diversos vegetais e frutas que existem no espaço. Isso porque se trata de insetos com grande capacidade de polinização, a atividade de fazer o transporte do pólen entre

as flores para que sejam fecundadas. “A gente sentia a necessidade de ter algo que fosse um polinizador naquele lugar”, conta o criador. “Eu já trabalhava com abelhas há algum tempo, então cheguei para o professor e dei a ideia. Ele falou que a gente deveria implementar o meliponário, porque a gente teria uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo que as abelhas estão polinizando os cultivos aqui no local, a gente terá, também, a produção de mel, advindo dos cultivos que tem aqui na localidade”.

Animal desempenha papel fundamental no equilíbrio ambiental

A polinização é um dos fatores que tornam a abelha um inseto tão importante para o meio ambiente e para a produção de alimentos. De acordo com Celso Martins, professor da Universidade Federal da Paraíba e especialista em Ecologia e Comportamento de Abelhas, esse processo consiste na transferência dos grãos de pólen dos órgãos masculinos para os órgãos femininos das flores. “A polinização resulta na formação dos frutos e sementes, ou seja, a polinização é responsável pela reprodução das plantas com flores. Cerca de 90% das plantas com flores dependem da polinização por animais para se reproduzir”, explica Martins. Ao lado das abelhas, outros animais também colaboram com a polinização, como borboletas, mariposas, moscas, vespas, besouros, além de polinizadores vertebrados, como aves, morcegos, roedores e lagartos. “Entretanto, os principais polinizadores são as abelhas, pois, devido ao hábito de alimentar suas larvas com pólen, elas desenvolveram estruturas corporais, como pelos



Grãos de pólen são transferidos entre órgãos de flores

plumosos, e comportamentos que facilitam a coleta e o transporte dos grãos de pólen”, adenda o professor, que afirma que cerca de 90% das plantas com flores no mundo dependem da polinização por animais para se reproduzir.

Acredita-se que o Brasil conte com mais de três mil espécies de abelhas sem ferrão, as chamadas “meliponias”, que são as abelhas nativas. As abelhas que conhecemos, com ferrão, na verdade foram trazidas durante a colonização da Europa e de África. Além da polinização de plantas nativas das matas, campos e cerrados, as abelhas são res-

ponsáveis pela polinização de aproximadamente 70% do total de plantas cultivadas no Brasil, aumentando a quantidade e/ou a qualidade dos frutos e sementes utilizados na alimentação humana.

“Desse modo, os serviços de polinização são cruciais para a produção agrícola mundial, garantindo a segurança alimentar da humanidade e gerando cerca de US\$ 235 [bilhões], US\$ 577 bilhões por ano. No Brasil, estudos mostram que mais de 60% de 75 culturas agrícolas dependem da polinização por cerca de 250 espécies de abelhas, gerando um

montante anual de US\$ 12 bilhões. Citando apenas alguns exemplos, culturas de frutas como abacate, abóbora, jerimum, moranga, acerola, cajá, caju, goiaba, manga, maracujá, umbu e urucum, importantes na Paraíba e no Nordeste, necessitam de polinização por abelhas para sua produção”, adiciona Celso.

No entanto, algumas práticas têm colocado em risco a vida das abelhas. O professor do Instituto Federal da Paraíba, médico veterinário e pedagogo Arilde Alves aponta que o número de abelhas vem diminuindo no mundo, especialmente por conta do uso de agrotóxicos nos cultivos e nas lavouras. “As abelhas vão lá, na lavoura, nas flores dessas plantas que são tratadas com esses herbicidas e inseticidas que contaminam e modificam o genoma das abelhas. As abelhas vão perdendo seu vigor genético. As populações vão ficando cada vez mais enfraquecidas, começam a surgir anomalias, elas diminuem a produtividade, a longevidade. Então é um processo em que a popu-

lação está sendo substituída”.

Ciclo vital

As abelhas têm um tempo de vida de 45 a 50 dias, durante o qual elas produzem aproximadamente uma colher de mel cada uma. Os grupos de abelhas organizam-se em três castas. Uma é a abelha-rainha, a única fértil do grupo, que coloca ovos diariamente na colmeia, para garantir as gerações seguintes. Ela é quem traz a organização, coesão a tudo que acontece ali dentro. Outra é das operárias, responsáveis por todo o trabalho laboral da colmeia, que dividem-se em subcastas: as nutrízes, mais jovens, cujo papel é cuidar do ninho, alimentar a rainha e cuidar das larvas; as faxineiras, que fazem a limpeza da colmeia e colocam a sujeira para fora; as campeiras, que saem em busca de alimento (pólen, néctar, resina); e as abelhas-guardiãs, que ficam na porta da colmeia para fazer a segurança. Por último, existe o zangão, responsável por fecundar a rainha.

Além da polinização, as abelhas também geram sub-

■ **Acredita-se que o Brasil conte com mais de três mil espécies de abelhas sem ferrão, as chamadas “meliponias”**

CAMPINENSE X TREZE

Rivalidade que divide a cidade

Clássico dos Maiores é como um símbolo que vai muito além do futebol em Campina Grande

Raniery Soares
raniery.lacerda@epc.pb.gov.br



Em Campina Grande, há uma pergunta capaz de despertar lembranças, provocar brincadeiras e, dependendo de quem responde, até mudar o tom de uma conversa: você é Galo ou Raposa? A resposta, para muitos torcedores, não se resume à preferência por uma camisa. Ela carrega histórias de família, recordações de tardes no estádio, comemorações inesquecíveis e derrotas que atravessaram gerações.

Na Rainha da Borborema, escolher entre Treze e Campinense é, para uma parcela expressiva da população, assumir um lado de uma das rivalidades mais tradicionais do futebol do país.

Ao completar 162 anos de emancipação política hoje, Campina Grande encontra no Clássico dos Maiores um dos seus símbolos mais populares. A cidade que cresceu como centro comercial, educacional e de serviços do interior do Nordeste também construiu parte de sua identidade em torno dessa disputa esportiva.

Quando o Galo e a Raposa entram em campo, o futebol ganha outra dimensão: mobiliza torcidas, movimenta o comércio, torna-se o assunto das conversas cotidianas e transforma o resultado em algo para muito além dos 90 minutos.

A rivalidade entre Treze Futebol Clube e Campinense Clube ganhou seu marco inicial em 1955, quando as duas equipes se enfrentaram pela primeira vez. O encontro ocorreu em um amistoso no Estádio Presidente Vargas, casa

do Galo, e terminou com vitória trezeana por 3 a 0. Naquele momento, ainda não era possível dimensionar a proporção que o confronto alcançaria nas décadas seguintes. O que se iniciava, porém, era uma disputa entre dois clubes que passariam a representar, cada um à sua maneira, a paixão de milhares de campinenses.

O Treze havia sido fundado em 1925 e já possuía trajetória consolidada no futebol local. O Campinense, criado 10 anos antes (em 1915), surgiu inicialmente como um clube social, construindo posteriormente sua identidade como uma das principais forças do futebol paraibano. Com o desenvolvimento das duas agremiações, os embates passaram a ganhar importância esportiva e simbólica, alimentando uma competição que se fortaleceu ao longo do tempo.

A consolidação dessa rivalidade também passou pelos primeiros resultados. Depois das partidas iniciais, o Campinense conquistou sua primeira vitória sobre o rival em 13 de outubro de 1957, quando venceu por 2 a 1, em um amistoso realizado no Estádio Presidente Vargas como parte das comemorações pelo aniversário de Campina Grande. A coincidência entre a festa da cidade e o confronto entre os clubes ajuda a ilustrar como futebol e identidade local se entrelaçaram desde os primeiros anos do clássico.

O nome “Clássico dos Maiores”, por sua vez, tornou-se uma marca da dimensão alcançada pelo duelo. A expressão é atribuí-

da ao narrador esportivo Joselito Lucena e sintetiza a disputa permanente entre os dois clubes.

Sentimento de pertencimento

Em Campina Grande, a rivalidade entre Treze e Campinense não se explica apenas pelo que acontece em campo. Ao longo de mais de sete décadas, os dois clubes construíram relações próprias com a cidade, seus bairros e seus torcedores, transformando o futebol em uma expressão de identidade coletiva.

Essa ligação entre futebol e território aparece de maneira particular na trajetória do Campinense no bairro de José Pinheiro. A professora Giovanna Lopes Marques, em sua dissertação de mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), intitulada “*Quem nasce em Campina Grande é campinense: futebol e sociabilidade na Rainha da Borborema*”, destacou como a Raposa construiu uma identidade popular em um bairro conhecido pela boemia, pelos carnavais e pelo forte futebol amador. A chegada do clube transformou a principal praça esportiva do bairro em um local de identificação rubro-negra.

À época, ainda sem a existência do Estádio Amigão, a crônica esportiva de Campina Grande batizou como “Toca da Raposa” o Estádio Plínio Lemos, que se tornou palco de celebrações futebolísticas. Segundo a pesquisa de Giovanna, nos dias de jogos, a população saía às ruas para receber a equipe em um ambiente de festa.

A pesquisadora evidencia uma característica importante da história rubro-negra: embora associada a uma tradição aristocrática em suas origens, o clube também consolidou uma forte identificação popular. A expressão “Campinense do Zé Pinheiro” traduz essa aproximação entre o time e o bairro, que se tornou um dos marcos da memória esportiva da Rainha da Borborema.

Do outro lado dessa disputa está o Treze e o seu Estádio Presidente Vargas, carinhosamente chamado de “PV” por torcedores, dirigentes e pela imprensa esportiva, lugar que ocupa um espaço importante no imaginário da torcida trezeana. O local fica no Bairro São José, zona central da cidade.

De acordo com o professor Mário Vinícius Carneiro Medeiros, historiador com várias pesquisas dedicadas ao Treze Futebol Clube, o terreno para construção do estádio foi doado pelo interventor Argemiro de Figueiredo no fim da década de 1930, após visita dos dirigentes alvinegros à capital João Pessoa.

Foi na “Mansão Alvinegra”, também chamada assim por alguns torcedores, que o Galo construiu parte de sua identidade, alimentada por conquistas, campanhas marcantes e pela relação de proximidade com os seus torcedores.

Copa Paraíba

Se os cenários para os Maiores foram distintos no Campeonato Paraibano, com o Campinense

ficando entre os semifinalistas e garantindo calendário nacional para 2027, a temporada de 2026 ainda não acabou e reserva mais uma oportunidade para Treze e Campinense se encontrarem em campo.

Após 14 anos fora do calendário, a Copa Paraíba volta a ser disputada e inclui os dois representantes de Campina Grande entre os participantes. Além de reaver a rivalidade, a competição oferece ao campeão a possibilidade de garantir presença na Copa do Brasil de 2027.

Fora de campo, a rivalidade entre os Maiores já começou com questões relacionadas à arrecadação e à divisão das receitas do clássico. Uma conversa inicial entre dirigentes dos dois times previa uma proposta para dividir a renda da partida, independentemente de quem tivesse o mando de campo. Como não houve consenso para concretizar o acordo, o Campinense manifestou-se dizendo que não mais haveria a divisão.

Para Galo e Raposa, a Copa Paraíba representa a chance de voltar ao cenário nacional de uma disputa de Copa do Brasil e, ao mesmo tempo, dar continuidade à preparação para a próxima temporada.

Mas, em se tratando de Campina Grande, o significado do clássico vai além de metas de classificação. Cada confronto tem a sua história, renova as provocações, as expectativas e o entusiasmo das torcidas. Mais de sete décadas depois do início dessa rivalidade, Treze e Campinense continuam encontrando em cada confronto uma oportunidade para reafirmar suas identidades em uma cidade que, em nome do futebol, se divide em rubro-negra e alvinegra.



Raposa x Galo é um dos grandes clássicos do futebol nordestino

Foto: Ilustração/Tônio

LIBERTADORES

Brasil já dominou disputas sem *bets*

Com a casa de apostas no período de 2019 a 2025, os clubes brasileiros foram dominantes, com sete títulos

Leonardo de Sá
Agência Estado

O futebol brasileiro tem dominado a Libertadores no século 21. De 2001 a 2025, o país teve 24 aparições de clubes em finais do torneio, sendo campeão em 14 ocasiões. Com esses números, o Brasil tornou-se também o país mais vitorioso do período. Em todas as sete decisões disputadas de 2019 a 2025, pelo menos um clube brasileiro tinha uma casa de apostas entre seus patrocinadores.

Desde a proibição das *bets*, determinada pela medida provisória (MP) que vedou a exploração, a oferta, a intermediação e a publicidade de apostas, cujo prazo para retirada do mercado terminou na última segunda-feira (5), os clubes brasileiros não têm mais em suas camisas marcas que estiveram presentes em algumas das campanhas recentes que terminaram com título.



Foto: Divulgação/Grêmio

O Grêmio, de Porto Alegre, campeão da Copa Libertadores de 2017, não usava nenhuma casa de apostas como patrocinador, e sim um banco estatal

Patrocínio

Todas as sete finais da Copa Libertadores de 2019 a 2025 tiveram, pelo menos, um clube brasileiro patrocinado por uma casa de apostas. Em 2022 e 2025, os finalistas usavam *bets*

A primeira vez que uma *bet* apareceu em uma final de Libertadores foi em 2019, quando o Flamengo tinha a *Sportsbet.io* estampada na omoplata do uniforme. O clube carioca havia fechado inicialmente, em julho daquele ano, um contrato

de um ano com a empresa, restrito a ações digitais. Em outubro, a parceria foi ampliada para a camisa, em acordo que previa R\$ 7 milhões por temporada por dois anos, além de bônus por desempenho.

Esse foi o primeiro dos sete casos seguidos de times do país a levar uma casa de apostas para o estágio final do torneio continental.

Nos anos seguintes, a presença das *bets* nas decisões tornou-se recorrente. Em 2020, o Santos chegou à final com a casa de apostas na camisa. Depois, em 2021, o Flamengo repetiu o feito com a *Sportsbet.io*. Já em 2022, pela primeira vez, os dois finalistas brasileiros tinham marcas do setor no uniforme: Pixbet no Flamengo e Betsson no Athletico.

A presença das empresas também ganhou espaço no centro das camisas. Em 2021, Atlético-MG e Fluminense passaram a ter a Betano como patrocinadora máster. Dois anos depois, o clube carioca disputou a final da Libertadores com a empresa no principal espaço do uniforme e tornou-se o primeiro brasileiro a chegar à decisão com uma *bet* como patrocinadora principal.

A partir daí, a presença consolidou-se. Em 2024, Botafogo e Atlético-MG chegaram à final com *Parimatch* e Betano como patrocinadoras máster. No ano seguinte, Flamengo e Palmeiras repetiram o cenário, com Betano e *Sportingbet*, respectivamente.

Em 2025, o acordo entre Palmeiras e *Sportingbet* substituiu a Crefisa e poderia render até R\$ 170 milhões

por temporada ao clube. No Flamengo, a troca da *Pixbet* pela Betano elevou o patrocínio máster para um contrato de até R\$ 268,5 milhões por ano.

O retrato das finais mostra uma evolução na presença das casas de apostas. Primeiro, em espaços secundários do uniforme. Depois, nos dois finalistas de uma mesma decisão. Por fim, no principal espaço da camisa de clubes que chegaram ao título.

Assim, todas as sete finais de 2019 a 2025 tiveram pelo menos um brasileiro patrocinado por uma casa de apostas. Em quatro delas, de 2022 a 2025, os dois finalistas brasileiros carregavam marcas do setor.

A expansão não ficou restrita à Libertadores. As casas de apostas também ganha-

ram espaço entre os principais patrocinadores dos clubes brasileiros e, em 2025, movimentaram cerca de R\$ 1,03 bilhão em contratos com equipes da Série A.

Antes das *bets*

A presença das casas de apostas nas finais coincide com um período de domínio dos clubes brasileiros na Libertadores. Antes de 2019, porém, o país já havia conquistado sete títulos no século 21 e levado equipes a 12 decisões.

Depois da chegada das *bets* às finais, o domínio aumentou. De 2019 a 2025, os brasileiros estiveram presentes nas sete decisões da competição e conquistaram todos os títulos disputados no período. A sequência começou com o Flamengo em 2019; teve Palmeiras bicampeão

em 2020 e 2021; voltou ao Flamengo em 2022; passou pelo Fluminense em 2023; teve o Botafogo em 2024; e terminou com novo título do Flamengo em 2025.

Antes desse período, os sete títulos brasileiros haviam sido conquistados por São Paulo, Internacional, Santos, Corinthians, Atlético-MG e Grêmio, no período de 2005 e 2017. O país também havia colocado representantes em 12 finais no intervalo de 2001 a 2018.

Os dois períodos, portanto, apresentam números diferentes: antes de 2019, sete títulos em 12 finais; de 2019 a 2025, sete títulos em sete decisões. A presença das *bets* cresceu no mesmo intervalo, mas o recorte não permite estabelecer relação de causa e efeito entre os patrocínios e o desempenho dos clubes.

Foto: Gilvan de Souza/Flamengo



O Flamengo, atual campeão da Libertadores, usou a Betano na decisão contra o Palmeiras em 2025, mas agora está proibido de usar a marca por impedimento de uma medida provisória

BRASILEIRÃO

Palmeiras pode retornar à liderança

Alviverde precisa vencer o Corinthians e torcer por um tropeço do Flamengo no clássico contra o Fluminense

Da Redação

A 30ª rodada do Brasileirão será movimentada, hoje, por cinco partidas: às 16h, na Arena MRV, tem Atlético-MG e Santos (Premiere); às 17h30, Flamengo e Fluminense (TV Globo) no Maracanã; Palmeiras e Corinthians (Premiere) no Nubank Parque; Grêmio e Internacional (Premiere) na Arena do Grêmio; e às 19h30, Mirassol visita o Bahia (Premiere) na Arena Fonte Nova.

Com os resultados da 29ª rodada, o Palmeiras pode assumir a liderança caso vença o Corinthians e o Flamengo não ganhe do Fluminense. Depois de vencer o Bahia por 1 a 0, na última quinta-feira (8), o time paulista viu sua probabilidade de conquistar a competição subir de 21,6% para 34,7%, segundo os números atribuídos ao Departamento de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O avanço ocorreu em uma rodada na qual os cariocas empataram com o Santos e perderam parte da vantagem na disputa pela taça. A chance de título do Rubro-Negro é de 63,8%.

Embora concentrem a disputa, Palmeiras e Flamengo ainda dividem as possibilidades matemáticas com outros clubes. O levantamento atualizado coloca o Fluminense com 0,86% de chance de título, seguido por Athletico, com 0,48%, e Cruzeiro, com 0,19%. Somadas, as probabilidades dos dois primeiros chegam a 98,5%.

Derby

Dentro de campo, o Palmeiras chegou aos 60 pontos com o gol de Flaco López diante do Bahia, no Nubank Parque. Já o Flamengo soma 61 após o empate por 2 a 2 na Vila Belmiro. Restam nove jogos e 27 pontos em disputa para cada equipe. Hoje, o time de Abel Ferreira enfrenta o Corinthians com grande favoritismo e chances reais de assumir a liderança. O rival chega com um retrospecto de sete derrotas consecutivas e sem Fernando Diniz, demitido após o revés por 2 a 1 para o Internacional.

Com o rival chegando para o Derby com muitas incertezas, o Palmeiras aposta na força do seu elenco e em Flaco López. O atacante encerrou um jejum de sete partidas ao balançar as redes contra o Bahia. O camisa 42 voltou a demonstrar sua importância para a equipe alviverde e chegou a 22 bolas nas redes na temporada. Agora, Flaco busca alcançar sua temporada mais artilheira pelo Palmeiras.

Em 2025, o atacante marcou 25 vezes e terminou como o principal goleador do time. O bom desempenho do jogador também tem rendido frutos na seleção argentina. Flaco foi convocado para a Copa do Mundo, na qual a Argentina terminou como vice-campeã, e, na última Data Fifa, marcou seu primeiro



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

O Fluminense vem de uma vitória sobre o Coritiba e hoje pega o rival no Maracanã, com o objetivo de subir mais na tabela e buscar vaga na Libertadores



Foto: Richard Ducker/Grêmio

O Grêmio vem de um resultado muito ruim ao empatar com o Remo e busca, no clássico contra o Internacional, uma vitória para fugir da zona da degola

gol com a camisa da equipe nacional, em amistoso contra a Bolívia.

Fla-Flu

O Flamengo chega pressionado para o clássico contra o Fluminense. Na última partida, o time de Leonardo Jardim abriu dois gols de vantagem para o Santos, mas sofreu o empate com dois pênaltis converti-

dos por Neymar no segundo tempo. Como o Palmeiras venceu, a combinação de resultados recolocou a liderança ao alcance do time paulista na tarde de hoje. Além disso, o torcedor espera uma atuação melhor e consistente no clássico.

O Fluminense chega embalado para o confronto contra seu maior rival após golear o Coritiba por 4 a 0.

Os três pontos levaram o time de Marcão à terceira posição. O clube das Laranjeiras tem 51 pontos e ultrapassou, na rodada anterior, Cruzeiro, com 48, e Athletico, que foi a 50, após empatar com o Atlético-MG.

GreNal

Hoje, acontece o GreNal 455. O confronto é decisivo na luta contra o rebaixamen-

to. O Colorado tem 31 pontos e está no 17º lugar, enquanto o Tricolor tem 30 pontos e está uma posição atrás do rival (18º). Se houver um derrotado, esta equipe ficará numa situação muito delicada. O Internacional, que venceu o Corinthians por 1 a 1 no Beira-Rio, tem 51% de chances de cair. Por outro lado, o Grêmio, que empatou contra o Remo em 1 a 1, no

Manguense, tem 63,8%.

Outros jogos

A rodada 30 ainda terá três partidas amanhã, feriado nacional de Nossa Senhora Aparecida: No Couto Pereira, o Coritiba recebe o Botafogo, às 16h; na Arena Condá, jogam Chapecoense e Athletico, às 19h30; no Cícero de Souza Marques, o Red Bull Bragantino enfrenta o Cruzeiro.

Sales tem um desafio grande, que é fazer o Confiança voltar para a Série C em 2027

FRANCISCO SALES

Paraibano já acumula dois acessos

Ex-Botafogo assume como diretor-executivo do Confiança e quer repetir os sucessos obtidos no Retrô e no ASA

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Foi no futsal do Esporte Clube Cabo Branco que Francisco Sales, naquela época conhecido como “Novinho” — apelido do seu pai, Guilherme Novinho, ex-presidente do próprio Cabo Branco e do Botafogo —, deu os primeiros passos no esporte. A criança cresceu, virou adolescente, mas

sempre envolto a competições, rotina de trabalhos no departamento de futebol do Belo, com seu pai, e nas arquibancadas.

Em 2017, já adulto, Sales tomou a decisão de que iria se dedicar profissionalmente ao futebol. Fez o curso de gestão da CBF e começou a trabalhar no próprio Botafogo, seu clube de coração, naquele ano. De fato, nesse início, ser filho de um ex-presidente, conhecer a maior parte dos dirigentes da

época em que o Botafogo tinha o modelo associativo no seu DNA, ajudou bastante na primeira porta aberta.

Mas hoje, aos 31 anos, o paraibano é um executivo de futebol reconhecido no meio, com dois acessos em clubes nordestinos, da Série D para a Série C, por ASA e Retrô. Agora é o novo executivo do departamento profissional do Confiança, mais uma das SAFs do futebol brasilei-

ro. A missão é clara: conseguir encontrar o caminho que ele sabe bem onde está — o acesso da Quarta Divisão para a Terceirona e recolocar o Dragão na Série C, de onde caiu na atual temporada. Sales, que ainda tem passagens por Botafogo, Santa Cruz e Criciúma, conversou com **A União** sobre vários assuntos, incluindo o Belo, o passado, o presente e o futuro na profissão.

Entrevista

■ *Você fechou com o Confiança. Como se deu essa negociação e por que acreditar nesse projeto, que acaba de cair de divisão?*

Desde as primeiras conversas, percebi o interesse do Confiança em construir um projeto consistente, com planejamento, organização e objetivos bem definidos. O rebaixamento é uma realidade que precisa ser enfrentada, mas não diminui a grandeza do clube, a força de sua torcida e o potencial que existe. A SAF abre novas possibilidades de investimento e modernização da gestão, mas sabemos que apenas o aporte financeiro não garante resultados. É necessário transformar os recursos em estrutura, processos, boas decisões e um ambiente profissional. Acredito no projeto porque encontrei pessoas dispostas a realizar esse trabalho com responsabilidade. O nosso desafio será reconstruir o clube dentro de campo, recuperar a confiança do torcedor e formar uma equipe competitiva para buscar o título estadual e o acesso à Série C.

■ *Teremos mais uma parceria entre Sales e Itamar ou os dois seguirão caminhos diferentes?*

Tenho uma relação profissional muito boa com o Itamar e um enorme respeito pelo trabalho dele. Construímos juntos uma campanha marcante no ASA, com o acesso à Série C e o vice-campeonato da Série D. Conquistamos objetivos no Retrô, como também no Santa Cruz. Entretanto, ele renovou com o ASA e desejo todo sucesso para ele e para todos que fazem o clube.

■ *Como é trabalhar com Itamar Schülle? É importante o executivo atuar com um técnico que já conhece ou precisa entender que nem sempre a escolha partirá dele?*

Trabalhar com o Itamar

foi uma experiência muito positiva. Ele é um treinador experiente, competitivo, comprometido e com uma grande capacidade de entender o contexto do futebol nordestino e das competições nacionais. Tivemos uma relação baseada em confiança, diálogo e respeito às funções de cada profissional. Conhecer o treinador facilita o trabalho porque você já entende sua metodologia, sua liderança e o perfil de atleta que ele procura. Mas o executivo também precisa compreender que as decisões pertencem à instituição. A escolha do treinador deve ser construída em conjunto com a

presidência e os demais responsáveis pelo futebol. O meu papel é apresentar avaliações técnicas, informações e alternativas, sempre respeitando a governança do clube. Mais importante do que uma relação pessoal é existir alinhamento entre o treinador, o departamento de futebol e o projeto institucional.

■ *Você ainda é jovem no futebol, mas já conquistou dois acessos da Série D para a Série C. Quais aspectos dos trabalhos no Retrô e no ASA foram fundamentais?*

Antes dos acessos, teve um trabalho bem marcante e desafiador, que foi a realocação do Santa Cruz para

disputa de competições nacionais, onde comecei junto com o atual presidente, Bruno Rodrigues, e foi o início importante e agora feliz com o acesso do clube à Série B. Os dois acessos da Série D foram construídos em contextos diferentes, mas com alguns pontos em comum: planejamento, montagem criteriosa do elenco, conhecimento da competição, ambiente interno forte e capacidade para tomar decisões nos momentos de maior pressão. No Retrô, encontramos uma estrutura muito qualificada e conseguimos transformar os recursos disponíveis em competitividade.

Foto: Arquivo pessoal



O Botafogo faz parte da história de Sales, já que, de torcedor, ele virou um dirigente do clube

de. No ASA, o desafio tinha características diferentes. Foi necessário respeitar a identidade do clube, administrar as limitações e fortalecer diariamente a relação entre direção, comissão técnica, atletas e torcida.

■ *Na prática, quais são suas responsabilidades como executivo? Você também analisa o mercado e indica contratações?*

O executivo participa de praticamente todo o funcionamento do departamento de futebol. Isso envolve planejamento da temporada, elaboração e controle do orçamento, montagem do elenco, análise de mercado, negociações, contratos, logística, integração com a comissão técnica, gestão do ambiente interno e relacionamento com a presidência, atletas, empresários e demais departamentos do clube. Eu acompanho o mercado diariamente, estudo atletas, analiso características técnicas, físicas e comportamentais e participo diretamente das indicações e negociações. Mas a contratação não deve ser uma decisão isolada do executivo. Ela precisa considerar o modelo de jogo do treinador, o perfil necessário para o elenco, a capacidade financeira do clube e as informações produzidas pelos setores de análise e desempenho.

■ *Você começou como dirigente a partir da sua história como torcedor do Botafogo. Ainda existe vontade de retornar para trabalhar no clube? Há o sonho, por exemplo, de ser presidente?*

O Botafogo faz parte da minha história e da minha formação no futebol. Foi a partir da minha relação como torcedor que comecei a vivenciar mais profundamente o ambiente do clube e a despertar para a gestão esportiva. Portanto, existe um carinho e uma gratidão muito grandes. Natu-

ralmente, como profissional paraibano, não descarto trabalhar no clube novamente se, em algum momento, houver interesse das duas partes e alinhamento de projeto. Mas hoje minha atenção está totalmente voltada ao Confiança e ao compromisso que acabei de assumir. Sobre ser presidente, não é um objetivo que esteja colocado neste momento. Minha carreira foi construída na gestão do futebol profissional, e é nessa área que pretendo continuar me qualificando e contribuindo. No futebol, não podemos prever o futuro, mas atualmente meu foco é seguir evoluindo como executivo.

■ *O que falta para o Botafogo subir de patamar no cenário nacional? E o que precisa evoluir em estrutura e cultura de clube?*

O Botafogo possui torcida, tradição, identidade e uma marca muito forte. É um clube com potencial para ocupar divisões superiores do futebol brasileiro. Na minha visão, o salto de patamar depende principalmente de continuidade de planejamento. No futebol, muitas vezes os projetos são interrompidos por causa de um resultado pontual, e isso impede a consolidação dos processos. É importante fortalecer a governança, profissionalizar cada vez mais os departamentos, investir em infraestrutura, tecnologia, análise de desempenho, formação de atletas e geração de receitas. O Botafogo já avançou em vários aspectos, mas precisa transformar essa evolução em um projeto permanente. O clube não pode depender apenas de um campeonato ou de uma única gestão. Com estabilidade, organização e decisões baseadas em critérios profissionais, acredito que possui todas as condições para alcançar um novo patamar nacional.

ORIGENS

Antes da urbe
Campina Grande

Surgimento da maior cidade do interior do estado da Paraíba está historicamente ligado à presença de populações indígenas na região

Obra A dança dos tapuias (outra denominação dos tarairiús), do artista holandês Albert Eckhout, produzida no século 17

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com



Antes de ser elevada à categoria de cidade, em 11 de outubro de 1864, Campina Grande já acumulava mais de 160 anos de ocupação portuguesa. Recuando ainda mais no tempo, os registros históricos e achados arqueológicos, apesar de escassos, atestam a presença dos povos indígenas que habitavam o território que, hoje, abriga a maior cidade do interior da Paraíba. Os povos tarairiús teriam sido, segundo pesquisadores, os habitantes mais antigos do lugar que se tem conhecimento.

“Cientificamente falando, o povo tarairiú viveu, de fato, nessa região que hoje nós chamamos de Campina Grande”, afirma o arqueólogo e professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Juvandi Santos, com base em estudos feitos com materiais encontrados em escavações realizadas onde atualmente é o aterro sanitário da cidade. Foram catalogadas cerca de duas mil peças pelo Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (Labap), entre cerâmicas e materiais líticos, como pontas ou machados de pedra feitos para uso laboral ou ritualístico. Quando comparados com materiais encontrados em outros sítios arqueológicos nos quais se identi-

cou a presença dos tarairiús, os resultados indicaram se tratar da mesma etnia.

O arqueólogo reconhece a escassez de informações mais precisas na cidade pelo elevado grau de urbanização. Boa parte das informações que se tem sobre esses povos vem de relatos e registros holandeses que, chefiados por Maurício de Nassau (1604–1679), trouxe uma comissão dentre os quais estava o artista visual Albert Eckhout (1610–1665), que retratou algumas cenas da etnia, como *A dança dos tapuias*, nome também dado aos tarairiús, e *Índia tarairiú*, que representa um dos hábitos pelos quais o grupo se tornou conhecido.

“É difícil você montar história desse povo. Primeiro, porque esse grupo praticava o chamado ‘endocanibalismo’. Eles comiam os parentes. Para o povo tarairiú, o melhor lugar para enterrar um filho é onde ele foi gerado. Por isso, nós não vamos encontrar ossos humanos, porque eles comiam seus entes falecidos em atividade ritualística”, explica Juvandi. As pinturas holandesas, no entanto, revelam que eram altos e aguerridos, e a historiografia de cronistas aponta que eram seminômades, praticantes da agricultura sem dispensar a possibilidade da caça e coleta.

Essas características provavelmente contribuíram para sua exterminação com a colonização portuguesa. Nesse processo, Campina Grande receberia, na sua origem, um outro povo menos resistente à domi-

nação e de estatura mediana, que estaria ligado à etnia dos cariris. O professor Juvandi Santos pondera que essa denominação não faz referência a um único povo e registra que até agora não foi encontrado, no território campinense, nenhum sítio arqueológico desse povo, que, ao contrário dos tarairiús, enterravam seus mortos em cavernas.

Os primeiros registros dos cariris na região do Agreste paraibano datam, segundo o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande (IHCG), Vanderley de Brito, de 1668, após a expulsão dos holandeses do Nordeste brasileiro. O historiador conta que um grupo de indígenas da etnia cariri, os chamados “bultrins”, havia lutado a favor dos portugueses e recebeu terras para cultivar, sendo aldeado com um missionário oratoriano na região que atualmente compreende as cidades de São Sebastião da Lagoa de Roça até Campina Grande.

“Esses indígenas eram seminômades. Ocupavam uma região muito grande e montavam sua aldeia, exploravam a terra, plantavam, colhiam, depois faziam coivara, ou seja, tocavam fogo no que sobrava da colheita e iam para outro lugar para esperar a terra queimada se recompor e voltar a plantar”, explica Vanderley de Brito.

Com o tempo, o local foi se transformando em anteparo para pernoitar nas viagens entre a sede do governo do Sertão, o Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó (hoje, cidade de Pombal) e a capital da província. Nessas passagens, o capitão-mor dos sertões, Theodósio de Oliveira Lêdo, trouxe consigo um grupo de indígenas ariús, também chamados de “pegas”, da nação dos tarairiús, estabelecendo no local uma missão religiosa, e formando um só grupo, com a denominação de “cavalcantes”, em homenagem ao chefe indígena do lugar. “No momento em que Campina Grande deixa de ser uma aldeia de nativos no meio do caminho e se torna uma missão religiosa, passa a receber também benesses do gover-

no de Portugal”, completa Vanderley de Brito.

A história da presença indígena no território campinense apresenta um novo capítulo com a extinção das missões imposta pela política do Marquês de Pombal (1699–1782), a partir de 1758. De acordo com o presidente do IHCG, os indígenas que viviam no local foram realocados para a Aldeia Montemor, situada onde hoje é o município de Rio Tinto, permanecendo apenas os mestiços e mamelucos. Esses acontecimentos estão registrados em cartas régias das sesmarias e outros documentos burocráticos do Governo da Paraíba, bem como nos relatórios das missões religiosas.

Apesar do pouco reconhecimento da presença indígena na construção de Campina Grande, o historiador recorda de topônimos e hábitos de sua população, que de alguma maneira ainda sobrevivem ao apagamento histórico. “Bodocongo”, por exemplo, é um termo indígena que significa lugar das queimadas e faz referência a lugares devastados com fogo para se transformar em pastagem de gado. “O campinense até hoje é um caboclo, um indígena não só no seu fenótipo, mas em diversos costumes, como falar de cócoras e uma série de outros resquícios desses povos que ainda estão presentes no cotidiano. A gente pode considerar que o indígena ainda

está muito vivo aqui, no povo de Campina Grande”.

Sítios pré-históricos

A presença de sítios arqueológicos em Campina Grande revela que a ocupação humana da região é muito anterior à chegada dos colonizadores portugueses. Entre os vestígios pré-históricos da Rainha da Borborema, destaca-se o Sítio do Estreito, inserido em um complexo arqueológico formado por quatro sítios, na região de Aloysio Campos. O conjunto reúne registros de arte rupestre avermelhados ou alaranjados, semelhantes a outras manifestações pré-históricas encontradas, por exemplo, no interior do estado do Piauí. O historiador Vanderley de Brito lembra, ainda, que, no bairro Catolé, havia uma região chamada de “Pedra Lavrada”, que fazia referência a inscrições gravadas em pedras.

As pesquisas arqueológicas na Paraíba vêm transformando o conhecimento sobre a ocupação indígena do estado. Escavações em diferentes regiões já identificaram dezenas de sítios arqueológicos e milhares de peças, como urnas funerárias, ossos humanos e fragmentos cerâmicos. Para o arqueólogo Juvandi Santos, essas descobertas têm contribuído para reescrever a história da Paraíba e da diversidade dos povos que integram seu território.



Representações de Eckhout da mulher e do guerreiro tarairiús: esse povo praticava o endocanibalismo, a prática de consumir os restos mortais de membros do seu próprio grupo social; para eles, “o melhor lugar para enterrar um filho é onde ele foi gerado”

Ilustração: Tônio



Monja beneditina orientava grupos de leitura popular da Bíblia em diferentes regiões do estado; a sua obra poética era fortemente marcada pelas narrativas do Nordeste e pela linguagem do cotidiano

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Mulher da fé e da palavra, a biblista e poetisa Agostinha Vieira de Mello fez da vida monástica, vivida entre pobres e excluídos, um lugar de travessia e ruptura de silêncios e fronteiras. Do bairro do Mandacaru, em João Pessoa, onde se recolhia num claustro de portas e janelas abertas, espalhava resistência e esperança, seja da delicadeza de uma palavra dita, sempre acompanhada de um abraço, ou nos poemas e cânticos que compunha. Marion Vieira de Mello, nasceu em 7 de outubro de 1926, na cidade de Natal (RN), mas, ainda na adolescência, mudou-se com os pais — Rivaldo Vieira de Mello e Maria Bilro Vieira de Mello —, os dois irmãos e os avós para o Rio de Janeiro (RJ). Na capital federal, ela completou a formação, iniciada num colégio de freiras em sua terra natal, cursando ginásio e secundário. Estudou, ainda, língua inglesa e chegou a matricular-se num curso de Assistência Social, mas decidiu-se pela vida religiosa, surpreendendo a todos, especialmente ao pai.

A jovem que gostava de dançar aos finais de semana, fazia também parte do grupo da Juventude Universitária Católica (JUC) e recebia orientação do então padre Helder Câmara, que viria a ser arcebispo de Olinda e Recife (PE). Abdicando do conforto familiar, optou por uma vida simples e dedicada à oração no Mosteiro Beneditino de Santa Maria, em São Paulo (SP). Tania Tabakof, irmã de Marion, tinha apenas 10 anos e recorda-se da dificuldade da família em aceitar aquela decisão.

“Foi uma bomba que explodiu no meio da família. Todos desesperados, alguns chorando e outros, como nosso pai e avô, demonstrando enorme raiva con-

tra essa decisão”, lembrou, em entrevista à escritora e pesquisadora Malu Oliveira para o livro *Paraíba na Literatura III* (Editora A União, 2021). O pai recusou-se a se despedir da filha na partida para o mosteiro e só conseguiu reconciliar-se com ela no leito de morte, quando pediu para vê-la antes de partir.

No mosteiro paulista, Marion recebeu o nome de Agostinha, segundo a tradição de ordens e congregações religiosas para sinalizar a renúncia ao mundo e a acolhida de uma nova forma de vida. Feita monja, ela residiu em abadias de Belo Horizonte (MG) e Olinda (PE), onde conheceu Maria Leticia Penido, grande companheira com quem, na década de 1970, solicitou autorização das superiores para viver na periferia de João Pessoa. O convite partiu do então arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires.

Na capital paraibana, Agostinha Vieira fundou a comunidade religiosa Deus Conosco, no bairro do Mandacaru, onde viveu até seus últimos dias. O propósito, segundo a teóloga e religiosa, Ivone Gebara, era viver uma experiência popular da vida monástica diferente dos grandes mosteiros, vivendo entre os mais pobres e atuando na organização das comunidades. Agostinha estimulava estudos bíblicos populares, a partir dos quais se formou o Centro Ecumênico de Estudos Centro (Cebi), fundado por ela juntamente com frei Carlos Mesters e casal evangélico Jether e Lucília Ramalho.

Realidade que via e vivia

Na Paraíba, Irmã Agostinha orientava grupos de leitura popular da *Bíblia* em diferentes regiões do estado, realizando cursos de formação com lideranças da capital do estado e de municípios como Santa Rita, Bayeux, Pedras de Fogo, Alhandra, Pitimbu, Caaporã, Sapé, Mogeiro,

Jacarati, Serra Redonda, Salgado de São Félix e Itabaiana. Foi a partir da participação num desses grupos que a biblista popular, Maria dos Anjos de Moraes, conheceu a monja beneditina.

“Esse jeito de ler a *Bíblia* possui uma metodologia própria que nos ajuda a construir juntos, a pensar e encontrar saídas para compreender o texto a partir de nossa realidade. A gente estuda o texto com a ideia de que a *Bíblia* ilumina a vida”, conta Maria dos Anjos. Ela enfatiza que o jeito acolhedor da irmã Agostinha fazia toda a diferença, estimulando e valorizando as contribuições de todos e todas.

Para auxiliar nessa tarefa, Agostinha, que sempre possuiu um senso poético, escrevia textos e refrões meditativos e os cantava ou recitava nas vigílias, encontros e celebrações. Maria dos Anjos lembra-se de dois: *Conosco Deus vem morar!*, inspirado no livro do Apocalipse, e *Teu sol não se apagará*, uma releitura de um versículo do livro de Isaías, que costumava ser cantado nos momentos finais dos encontros. “Ela acendia um candeeiro bem simples, feito de lata, e cantava assim: ‘Teu sol não se apagará. / Tua lua não terá minguate / porque o Senhor será tua luz, / O povo que Deus conduz.’ Aquilo passava a ideia de que Deus estaria sempre presente e a gente voltava para nossas casas sendo iluminadas”, completa a biblista.

Numa das publicações do Cebi, sobre o trabalho que realizava nos rincões da Paraíba, Agostinha revela-se impressionada pelo modo como os pobres levavam a sério a leitura popular da *Bíblia*, não tanto para analisá-la, mas, sobretudo, para praticá-la. “Os pobres têm o ‘faro’ de ‘pequeno resto’: acreditam no futuro apesar do presente, furam a história... Surpreendem os pés de barro dos ídolos ‘vencedores’, escreveu, fazendo referência a uma

imagem bíblica presente no livro de Daniel. E citava o exemplo de uma agricultora católica e poetisa em conflito de terra, que “reagiu com sua arma” — a poesia — fazendo versos sobre um irmão evangélico que havia comungado durante uma missa: “Um irmão que come com a gente/ e engrossa a corrente / com a mãe e o é / na firmeza da fé”.

O apreço pela literatura, assim como pela escrita, eram práticas constantes de Agostinha Vieira de Mello, e transbordaram, inevitavelmente, em sua opção de vida. Inspirada na realidade que via e vivia, a religiosa compôs poesias que falavam do belo e da beleza da existência presente nos corpos dos amantes, nas flores cultivadas no jardim de sua casa, nas amizades para as quais sempre estava pronta a escutar e trocar saberes.

Visibilizando vozes femininas

Para a escritora e professora Sandra Raquew de Azevêdo, que a conheceu no grupo Chimalmans, formado por mulheres estudantes de teologia, a dimensão da poesia de Agostinha era fortemente marcada pelas narrativas do Nordeste e pela linguagem do cotidiano, vivida na comunidade de Mandacaru. Ela destaca a relação entre leitura, oração e escrita, cultivada no íntimo de seu quarto, onde tecia palavras marcadas por subjetividades, crítica, profecia e bom-humor.

“Ela é conhecida como uma poetisa da caminhada, pelo papel muito importante no ensino bíblico teológico e na vivência da espiritualidade nas periferias, sobretudo, no bairro pessoense de Mandacaru, onde ela vive desde que retornou para o Nordeste. Eu diria até que é uma poetisa do mesmo patamar que uma Adélia Prado. Como sempre foi uma pessoa muito discreta e contida, ela compar-tilhava pouco seu trabalho na vida lite-

rária, não era uma propagandista da sua obra”, afirma Sandra Raquew.

A escritora e colunista do jornal **A União** lembra que parte dos versos da religiosa radicada na Paraíba estão presentes no *Ofício Divino das Comunidades*, livro de oração comunitária católica adaptada da Liturgia das Horas para a realidade brasileira e latino-americana, e também em duas coletâneas, publicadas após sua morte, ambas organizadas por Maria Luíza Martins Alessio e Marcelo Barros: *De águas, vento, palavra e papel* (2021) e *Vida, arte e beleza* (2022).

A escritora e pesquisadora Malu Oliveira, destaca que, nas releituras dos textos bíblicos, Agostinha imprimia um olhar feminista, visibilizando as vozes das mulheres “sem nomes” e fazendo relação entre o texto sagrado e a realidade das mulheres. “Ela tinha um talento para burilhar com as palavras e, na exegese dos textos bíblicos, sua poeticidade era uma marca sempre presente”, afirma Oliveira.

Quem chegava pela primeira vez à Casa Deus Conosco, no Mandacaru, geralmente se surpreendia ao se deparar com irmã Agostinha. Ao contrário de alguém com o tradicional hábito de uma monja beneditina, encontrava-se com uma mulher simples, sempre bem arrumada e maquiada. A busca pelo belo, presente nos jardins que fez questão de cuidar até quando as forças permitiram, estava também na própria existência e no reconhecimento de seu corpo. Nesse sentido, Agostinha era curiosa e aberta a discutir assuntos como opressões de gênero e direitos reprodutivos e sexuais, considerados tabus para algumas mulheres na vida religiosa.

Reconhecendo as mazelas da velhice e os limites do corpo, refletia sobre as próprias debilidades, brincan-

do, numa de suas poesias, que o uso da bengala a fazia recordar de Carlitos, personagem de Charles Chaplin. “Vou indo com mil fantasias: / de criança, de palhaça, de ingênuo, de esperta, / de humorista, de dramática, de trapezista, / de florista vidente, de revolucionária, de sonhadora, / de crítica dos tempos modernos (e antigos) / acendedora de luzes da ribalta... [...] Me sinto Chaplin, Carlita, / repentista, pra lá de artista”.

Mesmo com a saúde fragilizada e a morte da amiga e companheira de vida religiosa, Maria Leticia, a monja optou por continuar morando na casa de Mandacaru, sua casa-poema, contando com a ajuda de uma cuidadora.

Agostinha Vieira de Mello realizou sua Páscoa definitiva em 1º de setembro de 2016, falecendo um mês antes de festejar os seus 90 anos de idade.

Nossa Esperança

*Neste chão nordestino
mesmo a esperança é Severina
não tem ares de heroína*

*é semente-inquilina
desconfiada de despejos
tarimbada em desejos;*

*é resistência traquina
forrozeira-dançarina
que a ti da bem querenças
fertiliza nascenças.*

*A esperança nordestina
é lamparina.*

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Enquanto isso, no grupo da família...

É sempre assim: chega o período eleitoral e o grupo da família no WhatsApp entra em estado de tensão. Qualquer postagem sobre temas envolvendo alguma candidatura, seja de qual lado for, pode servir de estopim. Acordos são feitos, e todo mundo combina de não colocar nada sobre política.

Para ajudar os leitores a enfrentar esse momento, vamos fingir que esta coluna é o grupo da família no WhatsApp. Se você não pode falar de política lá, por causa da sobrinha socialista ou do tiozão que curte postagens da extrema-direita, o jeito é tratar de temas mais leves.

Mas o que falar? Que tal citar uma notícia divulgada no portal UOL, no dia 6 de outubro, sobre exportação? Parece-me um bom tema, afinal as exportações brasileiras subiram 12,9% em setembro, em comparação com o mesmo período de 2025. Para os Estados Unidos, as exportações subiram 31,9%.

“Hum, Angélica, economia me parece um tema árido para o grupo da família”.

Talvez você tenha razão. Então, que tal algo relacionado à saúde? Você sabia que os Estados Unidos identificaram recentemente um surto de sarampo, com cinco mortes registradas até agora? É o pior surto desde 2000, e mais de 3,6 mil casos foram registrados só neste ano no país (des)governado pelo presidente Donald Trump.

Detalhe: a queda na vacinação em solo estadunidense está entre as principais causas. E você ainda pode lembrar a todos da família o quanto vacinar crianças, jovens, adultos e idosos é importante, afinal a imu-

nização é o método mais seguro e eficaz para prevenir doenças graves e proteger a saúde coletiva.

Sei, você está avaliando agora que falar sobre vacinação não é um tema legal para o

grupo da família, porque o seu tiozão do zap tomou cloroquina e não se vacinou durante a pandemia de Covid-19...

Ora, então fale de esportes! Sabia que alguns dos maiores times de futebol do Brasil

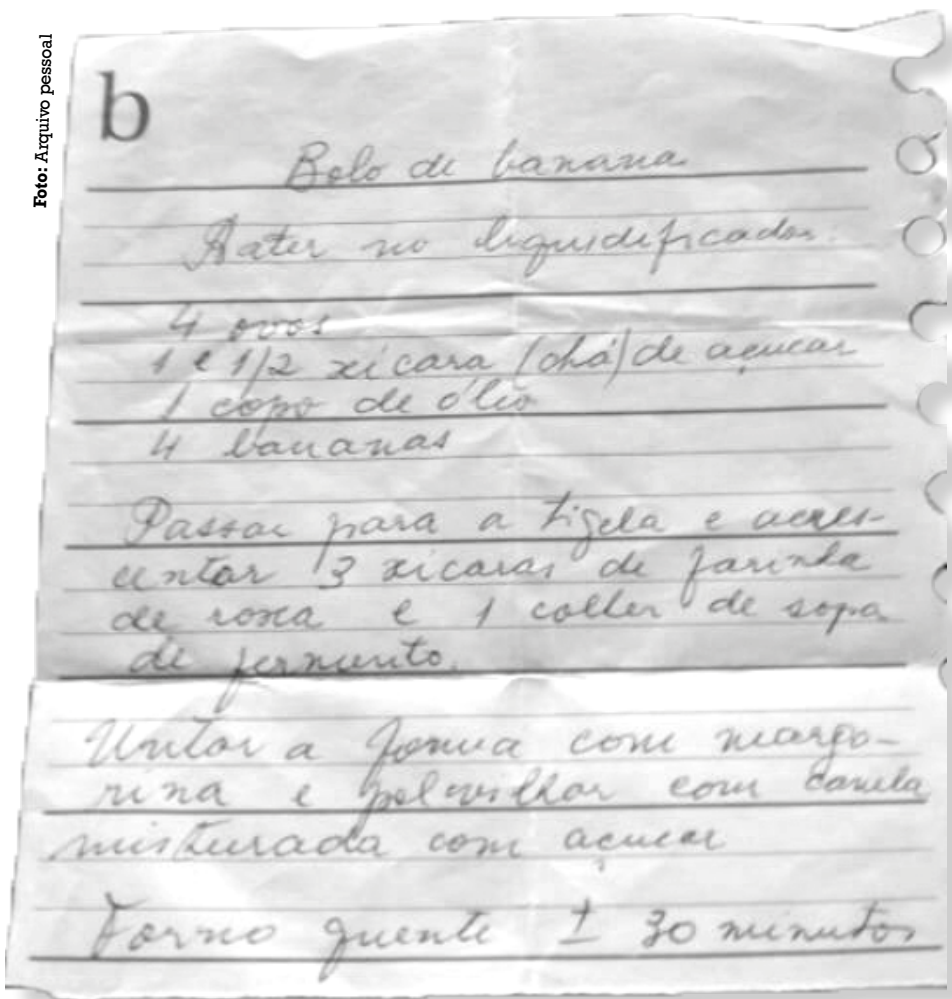
posicionaram-se contra o fim das bets? Pois é: 17 clubes das séries A e B, incluindo Flamengo, Fluminense, Botafogo e São Paulo, foram ao Supremo Tribunal Federal pedir a suspensão da medida provisória que veta as apostas esportivas on-line. Eita, aquele seu irmão liberal vai adorar comentar sobre isso! Mas sua prima vai lembrar que um conhecido perdeu casa, carro e emprego por conta do vício no tigrinho...

Então, próximo temaaaa! Vamos agora falar de Pui! Sim, o atleta brasileiro Alison dos Santos, atual recordista mundial nos 400 metros com barreiras, foi indicado ao prêmio de Melhor Atleta do Ano da Federação Internacional de Atletismo (World Athletics). Acho que agora acertei, mas...

Pensando bem: sempre há o risco de o tiozão falar: “Ah, atleta pra mim mesmo só existe o Neymar”. E aí, a sobrinha socialista vai dizer que Neymar é macho-escroto, que Bruna Marquezine teve um livramento quando se separou dele, que Neymar investe em negócios questionáveis do ponto de vista dos direitos sociais e da preservação do meio ambiente, que o jogador cai-cai é machista etc., etc., etc.

Enfim, estou aqui quebrando a cabeça para sugerir um tema ameno para você conversar no grupo da família no WhatsApp, mas acho que só há uma solução. Sabe quando, na Ditadura, os jornais começaram a publicar receitas por causa da censura? Pois bem, recorram a isso! Se for de bolo de banana, então, como a receita que herdei da minha mãe, será uma delícia de bate-papo em família. Boa conversa!

Foto: Arquivo pessoal



Herda da do seio materno, anotação para a receita de um bolo de banana

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

The Beatles — Forever (VIII): a chegada de George Martin

Após a definição de inclusão de Brian Epstein e Neil Aspinall aos Beatles, seguiu-se a chegada definitiva de George Martin (Highbury, Londres, 1926–Wiltshire, Reino Unido, 2016), outro importante nome que viria a exercer maior influência no crescimento artístico do grupo.

Embora Martin já fizesse parte do quadro de produtores da gravadora Parlophone, uma segunda etiqueta da poderosa EMI, onde participava de produções musicais distintas, ele pouco sabia sobre música pop. Foi quando Epstein mostrou-lhe alguns tapes da banda feitos na Decca, com os quais ele se empolgou. Um encontro como os “meninos de Liverpool”, ocorrido em junho de 1962, foi determinante para a adesão de George ao grupo que, como afirmou, era possuidor de um charme capaz de conquistar adeptos à música deles.

Apesar de haver sido assinado um pré-contrato, com base nas gravações da Decca e nos primeiros tapes gravados nos estúdios da Abbey Road, em St. Johns Wood-Londres, Lennon e McCartney acreditavam que aquilo já seria um contrato definitivo. George Martin, àquela altura, já havia proposto, e quase definido, que a bateria de Pete Best era irregular à proposta musical da banda.

Enquanto as coisas iam-se definindo, os Beatles não paravam: fizeram diversos shows, no Playhouse Theatre (Manchester), na BBC Rádio e, novamente, em Hamburgo, quando, em encontro com Astrid Kirchke, receberam a notícia da morte prematura de “Stu” Sutcliffe, com apenas 21 anos, vitimado por efeito de agressões que sofrera na cabeça, ocorridas,



Capa do álbum With The Beatles (1963): (da dir. para esq.) Lennon, George, McCartney e Ringo

anteriormente, quando de uma apresentação da banda, ainda em Liverpool.

Enquanto isso, Epstein continuava ativo: marcava apresentações da banda no circuito britânico, sobretudo na BBC Rádio e no Cavern Club.

Enquanto isso, Pete Best, embora participando de algumas apresentações, não concordava completamente com as atitudes comportamentais e nem com a capacidade de resistência dos demais, ou seja, ainda se achava “meio amador”, recusando-se, inclusive, a seguir as

determinações de Epstein com relação, por exemplo, às vestimentas e ao corte de cabelos... Foi assim que o empresário Brian, em agosto de 1962, resolveu despedi-lo. Dois dias depois, um seu velho amigo, Richard ‘Ringo’ Starkey, antigo baterista do Rory Storm & The Hurricanes, assumiu o lugar de Pete Best. Estava definida a formação do The Beatles.

Em setembro daquele ano, em sessão acontecida nos estúdios da Parlophone, foi realizada a primeira gravação profissional da banda, já então sob a batuta e orientação de George Martin: “How do you do it?” (Mitch Murray) e, da dupla Lennon-McCartney, “Love me do”.

Em outubro, ainda em 1962, o disco contendo “Love me do” / “PS I love you” (ambas criadas pela dupla) tornou-se o primeiro single dos Beatles a atingir o 49º lugar nas paradas, mas subindo, de imediato, para o 17º.

A imprensa britânica, então, concentrou-se na avaliação de “Love me do”, com louvores ao estilo da banda em que se combinavam vários e novos elementos: melodia, harmonias diferentes, mas, e sobretudo, o uso de uma harmônica (gaita de boca) e voz áspera, mas que, ao mesmo tempo, tornava-se suave, de John Lennon.

Inicia-se, assim, a consagração da banda The Beatles: Lennon, McCartney, George e Ringo, com a sustentação logística do road manager Neil Aspinall, do empresário Brian Epstein e do produtor musical George Martin. Estava formada a banda atemporal dos Beatles, hoje tão atual, quanto há mais seis décadas.

Long live, The Beatles!

TECNOLOGIA

Músico é condenado à prisão por usar bots

Programa inflava as reproduções de músicas geradas por IA em plataformas

Agência Estado /
Europa Press

Um tribunal norte-americano condenou um músico a 18 meses de prisão por cometer fraude em plataformas de *streaming* de música e receber mais de 10 milhões de dólares em *royalties*, ao utilizar *bots* para reproduzir continuamente músicas geradas por inteligência artificial (IA).

O músico, Michael Smith, cometeu a fraude aproximadamente de 2017 a 2024, desviando “milhões de dólares” em direitos autorais musicais por meio do aumento fraudulento do número de reproduções em plataformas como Amazon Music, Apple Music, Spotify e YouTube Music.

Após uma acusação apresentada em 2024 e sua confissão de culpa em março deste ano, o promotor federal do Distrito Sul de Nova York (Estados Unidos) proferiu oficialmente a sentença, com uma pena que prevê 18 meses de prisão por ter obtido mais de 10 milhões de dólares (cerca de R\$ 50 milhões) em pagamentos de direitos autorais aos quais “não tinha direito”.

Especificamente, conforme consta na sentença, Smith comprou de um cúmplice centenas de milhares de músicas criadas por meio de inteligência artificial e, em seguida, as publicou em plataformas de *streaming*. Posteriormente, ele utilizou um *software*

para fazer com que contas de *bots* automatizadas reproduzissem as músicas “bilhões de vezes”.

É importante levar em conta que, nas principais plataformas de *streaming*, cada vez que uma música é reproduzida, o compositor, o músico que a interpreta e outros detentores de direitos recebem pequenos *royalties*. No entanto, esses *royalties* são distribuídos proporcionalmente entre todos os músicos e compositores da plataforma a partir de um fundo comum.

Levando isso em conta, a fraude cometida por Smith desviou recursos dos músicos e compositores cujas músicas foram reproduzidas legitimamente por consumidores reais para aqueles que utilizam a automação para simular uma reprodução legítima. Ou seja, ele recebeu *royalties* com base em reproduções que ele mesmo orquestrava.

Na verdade, o réu chegou a utilizar mais de mil contas de *bots* simultaneamente para aumentar artificialmente as reproduções das músicas geradas por inteligência artificial nas plataformas de *streaming*. Essas contas utilizavam *e-mails* falsos e cartões de crédito obtidos de forma fraudulenta.

Além disso, Smith distribuiu suas transmissões automatizadas por milhares de músicas para evitar levantar suspeitas devido a um número anormal de reproduções em uma úni-

ca música e contornar “as políticas antifraude”.

Como resultado de todo esse sistema de fraude, conforme constatado pelo tribunal, em comparação com o catálogo completo de Taylor Swift, que totalizou 9,3 milhões de reproduções no YouTube Music por meio de planos familiares em 2023, Smith conseguiu somar 80,9 milhões de reproduções de suas músicas geradas por inteligência artificial por meio de planos familiares das contas de *bots*.

“Ao inundar as plataformas de *streaming* de música com *bots* automatizados em vez de consumidores e músicas falsas em vez de artistas criativos, Smith roubou milhões em *royalties* de artistas legítimos e de seus fãs”, declarou o procurador-geral Jamie McDonald a respeito.

Por tudo isso, além da pena de 18 meses de prisão, o tribunal condenou Michael Smith a dois anos de liberdade condicional

supervisionada e ao pagamento de 8.091.843,64 dólares (cerca de R\$ 40,4 milhões de euros, ao câmbio atual) a título de confisco.

Combate de fraudes

Essa sentença coincidiu com o recente anúncio da nova iniciativa de integridade da transmissão (SII, na sigla em inglês), com a qual a indústria musical pretende combater a fraude nas plataformas digitais e o impacto que ela tem na remuneração de artistas e compositores.

Assim, foram propostos vários compromissos “concebidos para reforçar a prevenção, melhorar a detecção, apoiar as medidas de aplicação da lei e aumentar a colaboração em todo o setor”. Entre eles, estão a verificação, por meio de “processos sólidos”, dos direitos e da identidade dos clientes, bem como a colaboração entre plataformas para impedir que os infratores mudem de um serviço para outro.

Charada

Resposta da semana anterior: Valor (2) = custo + 24 horas (2) = dia. **Solução:** proteção (4) = custódia.

Charada de hoje: No leito simples (2), ele guardava a “bage” (2) de feijão, entre outras bugiangas (4).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Sérgio Castro/Estadão Conteúdo

Eita!!!!

Como fazer a criança gostar de ler?

Estimular o interesse das crianças pelos livros possui vários benefícios. A leitura aprimora habilidades cognitivas, incentiva a criatividade, amplia o vocabulário, estimula o raciocínio, desenvolve a concentração e a memória, além de contribuir para a formação cidadã e o autoconhecimento do jovem leitor. Além das vantagens individuais, o hábito de ler fortalece a conexão social. As tecnologias afetam cada vez mais as relações familiares. Segundo pesquisa da revista *Highlights*, 62% das crianças acham que recebem pouca atenção dos pais. Para 51%, os principais responsáveis por esse distanciamento são os celulares, a televisão e os *tablets*. Veja a seguir alguns passos para despertar o interesse dos jovens leitores pelos livros.

Leia para o jovem leitor

A leitura deve ser introduzida naturalmente na rotina do jovem leitor. Quanto antes, melhor. “É uma atividade que deve começar na infância, mesmo antes de a criança ser alfabetizada”, afirma Célia Passoni, coordenadora de Português do Grupo Etapa. Para os menores, a dica é começar com leituras de histórias e cantigas na hora de dormir. Com o passar do tempo, você pode inserir outros tipos de leitura, como as poesias, que são fáceis de serem decoradas. “Mesmo sem estar alfabetizada, a criança já sabe o que está escrito e repetirá do seu jeito. Isso desenvolve a imaginação, além de ser uma forma de condução para a alfabetização”, explica Passoni.

Dê livros de presente

Os livros precisam estar presentes no dia a dia da criança. Presentear a criança com obras que sejam adequadas à sua idade e que atendam às suas necessidades é uma dica que serve para todas as fases. Para os bebês de até dois anos de idade, os livros de pano ou de plástico, com texturas, ilustrações ou fantoches, são a melhor opção para atrair a atenção. Isso porque, nessa fase, as crianças estão vivendo a descoberta. Já para crianças entre três e quatro anos, são indicadas histórias curtas e que estejam em sintonia com a rotina delas. O objetivo é incentivá-las a interagir com a obra, fazendo perguntas e recontando os enredos. A partir dos cinco anos, a criança passa a ser alfabetizada e, por isso, deve assumir a leitura.

Participe e promova debates literários

Leve o jovem leitor a uma biblioteca ou livraria e ajude-o a escolher uma obra. Mas atenção: os pais não devem decidir pelas crianças, mas contribuir para que a escolha esteja adequada à sua faixa etária, suas preferências e suas necessidades. Leve as crianças para rodas e para oficinas de leitura, que promovem interações sociais e aumentam o interesse delas pelos livros. Você pode encontrar essa atividade na escola e em espaços culturais, por exemplo. Lembrando que o ambiente escolar também contribui para o desenvolvimento do hábito e do gosto pela leitura. “O professor tem um poder de encantamento sobre o estudante, podendo indicar o livro mais adequado para cada fase da vida escolar”, diz Célia Passoni.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – rótulo da garrafa; 2 – lista da camisa; 3 – lua; 4 – porta; 5 – carpete; 6 – colar; 7 – número; 8 – brinco; 9 – parede.